Presidente da Confederação da Indústria Portuguesa em entrevista ao "Diário do Alentejo":

"É confrangedor ver o aeroporto de Beja subaproveitado, estando tão perto de Lisboa"

Apelidado de "patrão dos patrões", António Saraiva lamenta o pouco aproveitamento da pista do Baixo Alentejo | *8/9*

Semanário
Regionalista
Independente

Diário do Alentejo

Sexta-feira
21 AGOSTO 2020
Diretor: Luís Godinho
Ano LXXXIX, N.º 2000 (II Série)
Preço: € 1,00

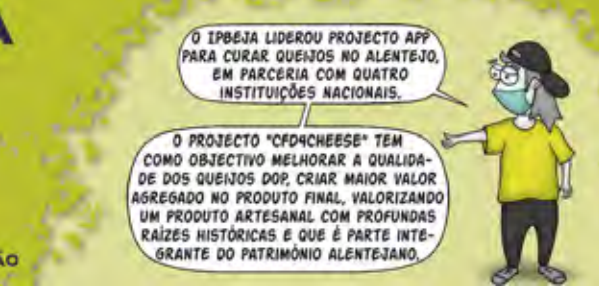
SUSA MONTEIRO

Foi a 25 de abril de 1982 que o "DA" retomou a sua publicação regular. Já passaram duas mil semanas | *4/5 e 6*

OFERTA FORMATIVA 2020/2021

17 CTESP
16 LICENCIATURAS
15 MESTRADOS
2 PÓS-GRADUAÇÕES

ESCOLA SUPERIOR AGRÁRIA
ESCOLA SUPERIOR DE EDUCAÇÃO
ESCOLA SUPERIOR DE SAÚDE
ESCOLA SUPERIOR DE TECNOLOGIA E GESTÃO



FAMÍLIA
CASA
INOVAÇÃO
FUTURO
OPORTUNIDADE
PROXIMIDADE

IPBEJA
O TEU SONHO, O TEU FUTURO!
WWW.IPBEJA.PT

EDITORIAL

2000

2000 números depois do reinício da publicação regular, o "DA" mantém firmes os seus propósitos de, com total rigor, e seguindo as regras do melhor jornalismo, dar cobertura aos acontecimentos mais relevantes da região.

Foi há duas mil semanas que se iniciou a segunda série do "Diário do Alentejo". Muito mudou nestes 38 anos de publicação, mas nenhuma mudança foi mais profunda do que a forma de comunicar. O primeiro número desta nova série saiu no dia 25 de abril de 1982. Só dez anos depois é que seria ativado o primeiro servidor nacional de Internet. Ainda não existiam rádios locais. Num interessante estudo intitulado "2029 – o fim dos jornais em papel em Portugal?", Tiago Lima Quintanilha lembra que a "cultura da página impressa, na qual o jornal no formato físico surge como o símbolo maior" vive há quase um século condicionada por uma espécie de "morte anunciada", primeiro devido ao aparecimento da radio, depois ao da televisão e, finalmente, à "migração em grande escala dos públicos de notícias para os domínios online em multiformato". E, depois, há ainda as conclusões do "Reuters Digital News Report", segundo as quais "não só a grande maioria dos utilizadores de Internet em Portugal declara não ter comprado qualquer jornal no formato físico na semana anterior à realização do inquérito [em 2018], como uma mesma grande maioria tende a consultar conteúdos informativos pelo menos uma vez por dia sem pagar pelo acesso a notícias, o que evidencia o traço distintivo dos novos públicos de notícias em rede, orientados para a consulta em gratuitidade". O futuro dos media, em particular dos jornais, mas não só, passa pela forma como conseguirem responder a duas tendências de sentido contrário: nunca se consumiu tanta informação como hoje em dia, mas esse consumo tende, pelo menos para os "novos públicos de notícias em rede", a ser direcionado para notícias gratuitas, o que coloca uma enorme pressão sobre os proprietários dos órgãos de comunicação social. Sobre o consumo de notícias posso dar um exemplo concreto: a página de Internet do "DA", que começou a funcionar há apenas um ano, soma com frequência mais de cinco mil leitores diários (o recorde de acessos foi atingido em pleno pico da pandemia de covid-19 com 27 mil leitores num único dia), muitos deles baixo-alentejanos espalhados pelos vários cantos do mundo. Sendo que a nossa preocupação não é, nunca foi, trabalhar para audiências. Como explicou no "Público" o professor universitário António Granado, "as plataformas permitem saber quais as notícias mais virais, mesmo que seja sobre um crocodilo que comeu uma cobra. Mas nós temos de pensar se é esse o caminho que queremos seguir". No "DA", a resposta é clara: o nosso caminho é outro. 2000 números depois do reinício da publicação regular, o "DA" mantém firmes os seus propósitos de, com total rigor, e seguindo as regras do melhor jornalismo, dar cobertura aos acontecimentos mais relevantes da região, "sem se remeter a posições de neutralidade", antes defendendo as causas do Baixo Alentejo, e proporcionando "espaço ao pluralismo político e de ideias, e aos valores da democracia e da liberdade". É isto o "DA". Porque é esta a sua matriz editorial. E porque é este o caminho para conquistar novos públicos, tanto para a edição em papel como para o digital. **LUÍS GODINHO**

EM DESTAQUE

"[Querem construir] uma mina a céu aberto que tem um aterro, um depósito enorme de material, que não é tratado porque é muito caro. Quando chove essa água vai para o rio, isto é, para o Guadiana (…) Os governos português e espanhol investiram muito no Alqueva, como um dos sítios mais atrativos da Europa e, agora, vão contaminá-lo".

Artur Lopes biólogo

Página 11

empresário

ANTÃO VAZ: A CASTA "RAINHA" DA VIDIGUEIRA

Páginas 23, 24 e 25

3 PERGUNTAS A...

RUI RAPOSO

PRESIDENTE DA CÂMARA MUNICIPAL DE VIDIGUEIRA

No âmbito do projeto "Vidigueira Mexe-te sff", a Câmara Municipal de Vidigueira está a criar seis percursos pedestres, urbanos e rurais, dois deles já marcados, divulgados e disponíveis para serem usufruídos, a correr ou a caminhar: Trilhos do Conde e Trilhos Nossa Senhora da Guadalupe. Quais os objetivos a que esta iniciativa se propõe e a quem se dirige?

Os seis percursos pedestres que a Câmara Municipal de Vidigueira está a criar, em todo o concelho, visam fundamentalmente a promoção e o incentivo à prática desportiva regular, com o lema "Mais Desporto, Mais Saúde". Para além da promoção da atividade física, pretende-se divulgar a nossa região, agregando a esta atividade o que temos de especial no concelho. Trata-se de uma iniciativa alargada a todos mas essencialmente de um convite aos nossos visitantes.

Quais as temáticas relacionadas com cada um dos trilhos?

A beleza das serras do Mendro e de Alcaria, as ermidas, a Quinta do Carmo, o Vale do Guadiana, as tão afamadas adegas e as suas vinhas, o olival e o montado, não esquecendo a nossa excelente gastronomia, são riquezas que podem ser "vividas" por todos nós e por todos aqueles que nos irão visitar. São percursos que se caracterizam por uma dificuldade média e de enquadramento ímpar junto da natureza. Cada um, com cerca de 12 quilómetros, está sinalizado com placas informativas e temos – na câmara municipal, no posto de turismo de Vidigueira e nas juntas de freguesia do concelho – ao dispor de todos os interessados, folhetos com toda a informação necessária. Os trilhos dos percursos estão igualmente disponíveis no site da autarquia.

Para além da componente desportiva, pode este programa vir a constituir-se como potenciador da economia e do turismo da região?

Sem qualquer dúvida. Atendendo à conjuntura que vivemos, temos de nos reinventar e de reinventar a forma de divulgação dos territórios, de promoção do património histórico, cultural e natural do concelho de Vidigueira. Acredito que esta iniciativa será mais uma alavanca na sustentabilidade de todo o tecido económico e potenciadora de turismo, na região.

JOSÉ SERRANO

IPSIS VERBIS

"Quando sobretudo constato que a morte de 18 seres humanos em Reguengos sobressaltou menos o país do que a morte dos animais em Santo Tirso, sei que não estamos tão longe como pensamos das personagens do Decameron".

José Manuel Fernandes 'publisher' do "Observador"

FOTO DA SEMANA

D.R.

Pouco a pouco, há rotinas que se vão retomando. As culturais foram, porventura, aquelas de que nos privámos mais tempo mas, agora, está na hora de o espetáculo continuar. A companhia de teatro Lendias d'Encantar vai apresentar, hoje, dia 21, no Parque Vista Alegre, em Beja, a peça "Grávida abandonada procura namorado". Se está com saudades de ver teatro saiba que a reserva é obrigatória (lendiasdeencantar@gmail.com / 969 391 904). Os bilhetes custam três euros. Mas há mais: o Pax Julia também vai retomar as suas atividades no próximo dia 25. O primeiro projeto musical a subir ao palco será o espetáculo Paião, no dia 19 de setembro, seguindo-se Rão Kyao e o Coro do Carmo, a 7 de novembro e Camané e Mário Laginha, a 13 do mesmo mês. Antes, durante e depois terão lugar apresentações teatrais, a 13.ª Festa do Cinema Italiano, em novembro e, é claro, as habituais sessões de cinema, todas as terça-feira à noite. Todos os eventos seguirão as recomendações da Direção-Geral de Saúde nesta fase de luta contra a pandemia da covid-19. Prepare a máscara e desfrute. **AF**

Semanada

DOMINGO, 16

DOIS JOVENS PRESOS POR FURTO EM GRÂNDOLA

Dois jovens, de 17 e 18 anos, foram detidos pelos crimes de furto no interior de estabelecimentos comerciais e de veículos, no concelho de Grândola.
Em comunicado, a GNR revelou que os suspeitos foram intercetados em Melides, no interior de um veículo que se preparavam para furtar. "Na sequência de uma denúncia, os militares deslocaram-se ao centro da localidade, onde estaria a decorrer um furto num supermercado. Quando chegaram ao local, intercetaram os dois suspeitos dentro de um veículo que se preparavam para furtar", lê-se no comunicado.

SEGUNDA-FEIRA, 17

CINCO REIS SEM SEGURANÇA PRIVADA

O Parque Fluvial dos Cinco Reis está, neste momento, sem segurança permanente. A Câmara Municipal de Beja foi notificada pelo Departamento de Segurança Privada da PSP que em zonas de acesso público não é autorizada a utilização de serviço privado de segurança. Assim, aquele espaço de lazer apenas contará com a passagem regular de militares da GNR para salvaguardar os equipamentos municipais aí instalados e a segurança pública. Recorde-se que a Câmara de Beja tentou contratar elementos da GNR para garantir a segurança e vigilância da praia, mas, segundo Paulo Arsénio, a "falta de operacionais em número suficiente que permitam a execução do serviço" impediu que isso se concretizasse.

CARTAS AO DIRETOR

ALENTEJANOS, SÓCIOS, AMIGOS

DIREÇÃO DA CASA DO ALENTEJO LISBOA

Da Associação Regionalista Casa do Alentejo dirigimo-nos a todos. Há 97 anos que somos a "Embaixada do Alentejo" na capital. Desde o longínquo ano de 1923, as gentes da diáspora reuniram-se na grande cidade para manterem vivas as tradições, a cultura e a identidade alentejana, tendo nascido o Grémio Alentejano no Bairro Alto.

Ao longo dos anos, os dirigentes e sócios não só conseguiram fixar a sua sede num palácio seiscentista, já considerado património em plena Baixa Pombalina, como temos mantido, com orgulho, a nossa identidade alentejana na cultura, no cante, na gastronomia, na maneira de receber, no convívio, mostrando-a na capital, muitas vezes, através das nossas autarquias alentejanas.

No presente, vivemos tempos difíceis e não prevemos um futuro auspicioso. Mas, continuamos de portas abertas, dispostos a defender as causas alentejanas e o associativismo.

Precisamos de todos, dos alentejanos da diáspora, dos municípios e dos muitos amigos que frequentam e estimam a nossa Casa.

Nas páginas do vetusto "Diário do Alentejo" temos sido notícia e, hoje, enviamos este pequeno texto aos leitores para lhes recordar que estamos abertos, mas na difícil situação pandémica precisamos de maior colaboração e da presença de todos.

Possuímos um espaço privilegiado com condições de distanciamento e apetrechado com as normas de salubridade e segurança. Muito precisamos que se conjuguem vontades e ânimos para podermos encher a nossa Casa com as modas do nosso cante, lançamentos de livros, poesia, conferências, animações e, naturalmente, sempre com o bom petisco e a ementa alentejana.

Esperamos que se façam ecos e aconteçam eventos e mais presenças.

Saudações associativas e alentejanas.

HISTÓRIA EM VERSO

JOSÉ FERRADEIRA FARO

Tenho vivido no Algarve, mas sou alentejano, natural do concelho de Castro Verde. Há muito tempo sou leitor do vosso e nosso jornal. Como acho os versos seguintes interessantes e otimistas, peço que possam ser publicados.

Comparam Beja com Quintos
E a galinha com os pintos,
E Salvada com cevadinha.
Comparam eu contigo,
A cevada com o trigo
E a tua mãe com a minha.

Vocês querem saber,
Não sei se hei de dizer
Onde faço a minha cama,
Faço-a à beira de um rio
Batendo os dentes com frio
Triste vida de quem ama.

Há quem diga com tristeza:
"Ele não tem casa, não tem mesa,
Nem mulher, nem ambições".
Mas eu, com saúde e liberdade,
Já sou rico de verdade,
Sem muitas preocupações!

As "Cartas ao diretor" devem indicar nome e contactos do autor. Não devem exceder os 1 500 carateres e podem ser remetidas por email ou correio postal. O "Diário do Alentejo" reserva-se o direito de selecionar as cartas por razões de atualidade ou espaço e, sempre que ultrapassem o tamanho estabelecido, de as condensar.

PORTEFÓLIO

Foi João Paulo Velez, diretor do "Diário do Alentejo" entre 1983 e 1989, quem um dia definiu este jornal como uma "referência da extraordinária planície dos sonhos, terra de gerações inconformadas, de gentes simples e dignas". Fonte indispensável para a história do Baixo Alentejo, o "DA", que hoje assinala a publicação do número 2000 da segunda série, foi testemunha de todos os acontecimentos que marcaram a região. Nestas páginas destacamos alguns: o fecho das comportas da barragem de Alqueva (2002), o voo inaugural do aeroporto de Beja (2011) e as cheias que tantos prejuízos causaram em 1997. A classificação do Cante como Património da Humanidade (2014) foi outro assunto em destaque no jornal, tal como as várias edições da Ovibeja (na foto vemos Jorge Sampaio, Manuel Castro e Brito e Carreira Marques), a manifestação de agricultores em 1998 que cortou o IP2 ou a "nova vida" da atividade mineira (a foto da mina de Neves Corvo data de 1989).

Diário do Alentejo

EDIÇÃO ESPECIAL

Jornal Regionalista Independente

Director JORGE GUEDES CAMPOS

ANO XLIX
II SÉRIE N.º 1
Domingo, 25 de Abril de 1982

Preço avulso 10$00

EDITORIAL

Com confiança vamos construir o futuro

O «Diário do Alentejo» reaparece aos seus leitores em vésperas de completar 50 anos da sua existência. Foi escolhida a data de 25 de Abril, comemorando a heróica revolução dos capitães de Abril e prestando igualmente homenagem ao povo alentejano que, através de uma longa resistência, tanto contribuiu para o derrube da ditadura.

Fundado a 1 de Junho de 1932, por Carlos Marques e Manuel António Engana, este órgão de Imprensa regional soube ao longo de todos estes anos, por vezes com imensos problemas e incompreensões, defender uma perspectiva progressista de evolução da sociedade portuguesa, alertar e colocar em debate as grandes questões da região do Alentejo e ainda contribuir para uma dinamização cultural.

Realçamos particularmente o seu papel durante o período negro do fascismo, em que apesar de toda a espécie de perseguições e obstáculos, o «Diário do Alentejo» manteve a sua verticalidade, dando dentro das suas possibilidades um exemplo de coragem e seriedade.

Podemos mesmo dizer que o «Diário do Alentejo» esteve sempre intimamente ligado aos grandes interesses do povo trabalhador alentejano e por isso mesmo a interrupção da sua publicação, por grave situação financeira, a 6 de Fevereiro de 1980, criou um grande vazio na nossa Imprensa regional e um sentimento de tristeza amplamente generalizado.

Sentindo tais factos, a maioria esmagadora das Câmaras Municipais do Distrito de Beja, após cuidadosa análise, resolveram constituir-se em Associação de Municípios criando de imediato as bases materiais que permitiram o reaparecimento do «Diário do Alentejo». Posteriormente, aderiram à A.M. D.B. as Câmaras Municipais de Grândola, Santiago do Cacém e Sines. Pensamos ter sido uma decisão correcta e corajosa, correspondendo aos anseios da maioria da população alentejana.

Uma nova página na história do «Diário do Alentejo» vai ser iniciada e se algumas dificuldades foram ultrapassadas outras persistem, o que nos leva nesta primeira fase a adoptar a publicação semanal. O óptimo que todos desejamos é por vezes desculpa para não se realizar o que é possível e por tal motivo o realismo e a humildade animados por uma vontade autêntica são comportamentos importantes para vencer esta primeira etapa do relançamento deste prestigiado órgão de informação que é o «Diário do Alentejo».

Igualmente sabemos que vai ser uma luta difícil, logo uma condição fundamental para o seu êxito é com certeza uma ampla participação criadora da população na pró-

(Continua na última pág.)

Manuel da Fonseca escreve sobre Fialho de Almeida

■ PÁGINA 5

A regionalização e o Alentejo

● ARTIGO DE LUÍS DE SÁ NA PÁGINA 4

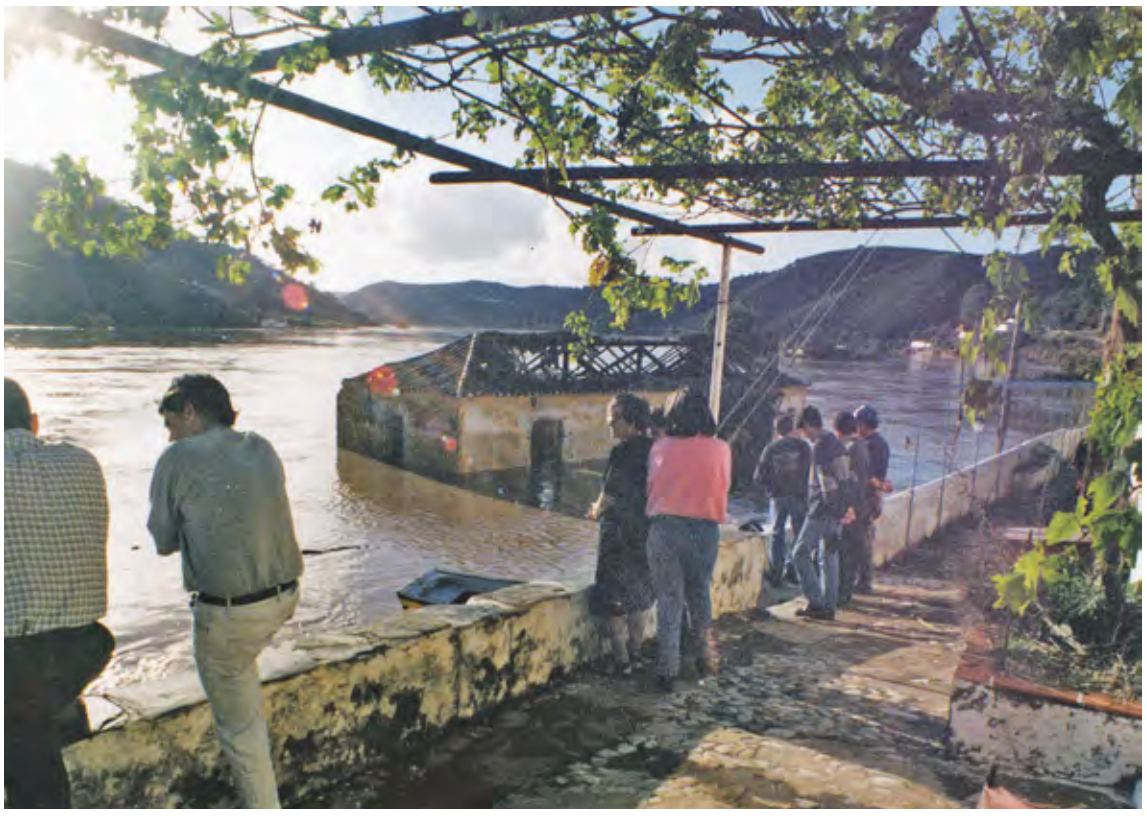
— Miguel Serrano recorda «A Planície» e Miguel Patrício escreve sobre o novo «D. A.»

■ PÁGINA 2

— Mário Castrim conta uma história

■ ULTIMA

No próximo número suplemento sobre **SINES**



CABO VERDE

ENTREVISTA

Jorge Guedes Campos foi a primeira pessoa a dirigir o "DA" depois do relançamento do jornal em 1982

diretor

TEXTO **ANÍBAL FERNANDES**

Jorge Rodolfo Gil Guedes Cabral de Campos nasceu em Mocuba, na então província ultramarina de Moçambique. Em 1963 terminou a licenciatura na Faculdade de Medicina de Lisboa e, depois do 25 de Abril, rumou ao sul integrado no serviço médico à periferia, um programa que levou os cuidados de saúde a todo o País. Em Beja especializou-se em imagiologia, no hospital da cidade, sob a orientação de João Covas Lima, de quem viria a tornar-se genro. Foi nesta condição que, aos 35 anos, acabou por ser convidado para dirigir a segunda vida do "Diário do Alentejo", de abril de 1982 a junho de 1985. Um tempo de amizade e fraternidade de que guarda boa memória. No dia em que o "DA" publica o número 2000, importa recordar os dias iniciais de um projeto jornalístico que é o espelho de toda uma região.

O professor Jorge Campos é hoje um neurorradiologista consagrado. E isso é fruto de uma longa caminhada que começou em Beja e passou por várias geografias mundiais. Depois da etapa alentejana, seguiu-se um estágio patrocinado pela Fundação Calouste Gulbenkian e pela Junta Nacional de Investigação Científica nas universidades de Western Ontário, no Canadá, e na de Los Angeles, Califórnia, Estados Unidos da América.

Desde 1992 que é professor de imagiologia na Faculdade de Medicina da Universidade de Lisboa e, desde 2004, diretor de serviço no Hospital de Santa Maria, e professor honorário da Universidade del Salvador, em Buenos Aires, Argentina. É membro fundador e presidente da Sociedade Iberoamericana de neurorradiologia de diagnóstico e de intervenção e da Federação Mundial da mesma especialidade.

Quase quatro décadas depois de ter sido diretor do "Diário do Alentejo" – e presidente da Assembleia Municipal de Beja – recorda em entrevista esse período.

D.R.

Como é que chegou a Beja e em que circunstância é que foi nomeada diretor do "Diário do Alentejo"?

Fui viver para Beja em 1976 para de realizar o serviço médico à periferia na vila de Mértola. Fazia parte de um grupo de médicos recém-formados que tinha escolhido o Alentejo para a sua primeira experiência profissional. A minha nomeação como diretor do "Diário do Alentejo" resultou de um convite da Associação de Municípios do Baixo Alentejo e Alentejo Litoral (Ambaal) que me foi colocado pelo saudoso e amigo de longa data João Honrado, personalidade alentejana que tudo deu pelo seu País e, em particular, pela sua terra que tanto amava. Não podia rejeitar e foi com grande orgulho e satisfação que tive a oportunidade de ter podido colaborar no renascimento do "DA".

Já conhecia a cidade? Que impressões guarda desse tempo e como tem visto a evolução de Beja e da região ao longo dos anos?

Não conhecia a cidade de Beja mas gostei dela logo nos primeiros contactos e adaptei-me sem dificuldade num tempo em que os sentimentos de amizade e fraternidade me pareciam mais marcantes que agora. Facilmente comecei a colaborar e a participar ativamente na tertúlia sociocultural da cidade e desde esses tempos que me recordo e conservo bons amigos. Quanto à evolução da cidade, infelizmente, o que me é dado a ver traduz uma involução. Beja perdeu a quase totalidade das direções administrativas distritais e a cidade, bem como a região, têm sido esquecidas pelo poder central, o que é traduzido pelos fracos investimentos ao longo dos anos. Entre vários exemplos salienta-se o subinvestimento na saúde e em particular no hospital distrital; o desmantelamento das ligações ferroviárias e os atrasos na rede rodoviária; e o caso-mistério do aeroporto de Beja. As melhorias que observamos nas nossas vilas e cidades no distrito resultam em grande parte do grande esforço e dedicação do poder autárquico.

Como é que definiria a linha editorial do jornal na altura? E quais os temas mais abordados?

A linha editorial do "DA" nessa altura – e estamos a falar do pós-25 de Abril - traduzia naturalmente o momento que se vivia e que se caracterizava por uma ânsia de liberdade e de transformações económicas e sociais com uma grande participação das populações na vida politico-cultural do País.

Quais as maiores dificuldades que encontraram?

Quase não se sentiam dificuldades tal era a alegria e a vontade em colaborar de todos os funcionários do "DA" no seu renascimento. Havia um grande espírito de missão e unidade que se manifestava e culminava na festa anual do jornal que se realizou durante alguns anos.

Como é que a "reanimação" do jornal - que foi comprado pelos municípios - foi visto pelos leitores e qual a influência na comunidade?

Somente foi possível com a ideia do João Honrado de comprar o título da publicação por vários amigos que não menciono em particular para não me esquecer de algum dos refundadores. Posteriormente, a Ambaal tomou a decisão de comprar o jornal. Os autarcas da altura compreenderam e defenderam a importância do renascimento do "DA" e do seu passado histórico sempre defendendo os interesses sociais, económicos e culturais da região e das suas populações que tinham vivido momentos de pobreza extrema e de ausência de liberdade. No que respeita à influência do "DA" na comunidade, é natural que alguns dos temas desenvolvidos nessa época, particularmente os de índole social, não agradariam a todos.

Lembra-se do quadro redatorial? Quem eram esses jornalistas?

O quadro redatorial que comigo começou o início da nova caminhada do "DA" era muito pequeno. Lembro-me bem dos bons momentos passados com os sempre saudosos José Moedas, Miguel Patrício e Pedro Ferro. Mais tarde juntou-se ao projeto, como subdiretor, o João Paulo Velez, vindo de Lisboa, de "O Diário" e que me substituiu quando terminei as minhas funções diretivas.

Tem acompanhado a publicação do "DA" ao longo dos tempos? Sendo, neste momento, o único jornal público do País, como é que olha para o papel da imprensa regional atualmente?

Tenho acompanhado a publicação do jornal embora, por vezes, sem a frequência pretendida. A sua evolução tem sido positiva em defesa da região e da sua população e é um marco de resistência como comprova o facto de ser atualmente o único jornal público da imprensa regional.

ATUAL

Ulsba com carência de médicos em 15 especialidades

Anestesia, ortopedia, ginecologia, pediatria e radiologia entre as especialidades mais carenciadas. Administração hospitalar diz que listas de espera "não apresentam tempos excessivos"

Faltam médicos especialistas na Ulsba e os incentivos para os atrair são insuficientes. Apesar disso, diz a administração hospitalar, as listas de espera não apresentam tempos excessivos, assegurando a resposta dentro dos tempos máximos de resposta garantidos, exceto nas especialidades de ortopedia e cardiologia. O Sindicato dos Médicos da Zona Sul defende um investimento adequado no Serviço Nacional de Saúde, afirma que a legislação sobre incentivos é "manifestamente insuficiente" e considera que, tal como é crucial atrair novos médicos para o SNS, é essencial manter aqueles que já lá estão e que são os que garantem o funcionamento dos serviços.

TEXTO **CARLOS LOPES PEREIRA**

JOSÉ FERROLHO

De acordo com um despacho ministerial publicado em "Diário da República", especificando áreas carenciadas em médicos, a Unidade Local de Saúde do Baixo Alentejo (Ulsba) tem carências em 15 especialidades, que são identificadas.

O conselho de administração da unidade, presidido por Conceição Margalha, explicou ao "Diário do Alentejo" que "anualmente é publicado um despacho que define as zonas geográficas carenciadas por especialidade médica e por estabelecimento de saúde". Neste despacho, e para o ano de 2020, "foram identificadas 15 especialidades hospitalares, a área de saúde pública da Ulsba e a área de medicina geral e familiar da Administração Regional da Saúde do Alentejo (ARSA)".

Dentro das especialidades identificadas, revela, "as mais críticas são, a nível hospitalar, as especialidades de anestesia, ortopedia, ginecologia/obstetrícia, pediatria e radiologia, e, na área de cuidados de saúde primários, a medicina geral e familiar e a saúde pública". Embora existam dificuldades "na contratação de médicos em todas as especialidades e daí terem sido identificadas".

De acordo a administração hospitalar, "as faltas destes profissionais têm sido colmatadas ao longo dos anos pela enorme dedicação dos profissionais que trabalham na Ulsba, com recurso a trabalho extraordinário destes profissionais e contratos de prestação de serviço, sobretudo para a área da urgência e de médicos para os centros de saúde".

CONCURSOS PARA MÉDICOS

O Governo abriu concurso para 220 médicos, a maioria (148) para especialidades hospitalares, 56 para medicina geral e familiar e 16 para a especialidade de saúde pública, segundo um despacho publicado em "Diário da República". Este despacho foi publicado depois de na semana anterior o Governo ter publicado um outro que fixa os postos de trabalho médico (185 vagas) nas zonas geográficas do País e especialidades definidas como carenciadas. As maiores necessidades estão identificadas em zonas como o Algarve, o Alentejo, o nordeste transmontano e as Beiras Alta e Interior. Também foi publicado um despacho que autoriza 435 vagas para médicos de família, 34 dos quais no Alentejo.

"As nossas listas de espera não apresentam tempos excessivos, garantindo a resposta dentro dos tempos máximos de resposta garantidos (TMRG), exceto nas especialidades de ortopedia e cardiologia, as quais estão em processo de recuperação através de produção adicional dos profissionais do quadro da instituição, prevendo-se a sua resolução até ao final do ano", garante.

Os incentivos atribuídos a estes profissionais que queiram trabalhar em hospitais do interior contemplam apoios financeiros, aumento dos dias de férias e autorização especial para participação em atividades de investigação ou desenvolvimento de competências. "Apesar disso", acrescenta o conselho de administração da Ulsba, "verificamos que os concursos ficam desertos numa grande percentagem de casos, sendo-nos relatado sobretudo dificuldades no emprego do conjugue, de habitação e a pouca atratividade da região".

INCENTIVOS "MANIFESTAMENTE" INSUFICIENTES "A carência de profissionais médicos no Serviço Nacional de Saúde tem sido exacerbada nos últimos tempos, fruto das sucessivas políticas de que tem sido alvo. Esta carência prende-se com a falta de atratividade gerada pela degradação das condições de trabalho para exercer a profissão médica com a devida qualidade. Nas zonas mais periféricas, a carência de médicos é ainda maior e reflete um desinvestimento das entidades responsáveis em oferecer, não só os meios adequados, como promover o desenvolvimento dos serviços".

A opinião é de Guida da Ponte, médica psiquiatra, dirigente do Sindicato dos Médicos da Zona Sul (SMZS). Para ela, "a legislação referente aos incentivos é, de forma visível, manifestamente insuficiente". E isso "deveria obrigar o Ministério da Saúde a levar a cabo negociações com os representantes dos seus trabalhadores médicos que efetivamente procurassem soluções". Lembra que o SMZS – estrutura da Federação Nacional dos Médicos (FNAM) – "sempre esteve disponível para a negociação e sempre denunciou a falácia deste despacho referente aos incentivos".

Para Guida da Ponte, "a falta de médicos traz consequências para os cuidados de saúde e o Governo e as suas políticas ministeriais terão de se responsabilizar pela sua conduta no que diz respeito à saúde dos portugueses". E lembra que "o direito à saúde é um direito fundamental do cidadão e tem de ser assegurado pelas entidades responsáveis".

A FNAM, federação à qual o SMZS pertence e estrutura presente nas negociações ministeriais, "defende um investimento adequado no SNS que permita o desenvolvimento dos hospitais especialmente os mais periféricos bem como uma adequada valorização dos seus profissionais, e não uma sucessiva suborçamentação", afirma Guida da Ponte. Mais: "Numa altura de pandemia, não é compreensível que o Ministério da Saúde continue a apostar em medidas que sabidamente não terão resultados".

Quanto à política dos incentivos, Guida da Ponte entende que "esta terá de demostrar uma real valorização dos médicos, seja por recurso a incentivos remuneratórios, seja também, de forma importante, a não remuneratórios". E considera que, tal como é crucial atrair novos médicos para o SNS, "é essencial manter aqueles que já lá estão e que são aqueles que mantêm os serviços a funcionar".

empresário

Nascido em Aljustrel, onde o pai era sapateiro, António Saraiva começou a trabalhar na Lisnave, lançou-se nos negócios e chegou a "patrão dos patrões". Está no segundo mandato à frente da CIP, mantendo as ligações ao Baixo Alentejo

TEXTO **JÚLIA SERRÃO**

Fala dele com imensa facilidade. Tem orgulho de ser alentejano, da terra onde nasceu, das "origens humildes", e do percurso que diz ter-lhe moldado, "muitas das características e natureza". O caminho não foi fácil, mas não faltou determinação e coragem, iniciativa e inteligência ao empresário António Saraiva, presidente da Confederação da Indústria Portuguesa (CIP), nascido em Ervidel. Aos 66 anos, o 'patrão dos patrões', como se costuma dizer, revela ser um homem feliz e realizado. Gosta de "ter a mente ocupada", mas também de distrair-se em família e com os amigos.

D.R.

Guarda memórias muito vivas de Ervidel, a pequena aldeia do concelho de Aljustrel onde nasceu e que deixou com apenas seis anos. Da escola, de brincar no largo do mercado, perto da casa onde morava, da sociedade onde se reuniam os homens da terra a jogar bilhar, onde o pai às vezes ia e ele também, e da taberna do avô, "que era nesse largo, onde nas brincadeiras de miúdos partíamos a cabeça uns dos outros com as pedradas, e o meu avô tratava-nos as feridas com aguardente". Há ainda as "memórias olfativas da terra", o cheiro intenso "da terra molhada" pela chuva.

São memórias que ao longo dos anos vai "revisitando", porque "nas férias grandes" voltava à aldeia, para casa dos avós. Também passava alguns períodos com os tios, em Ferreira do Alentejo. "Tenho essas memórias agarradas à pele, porque tenho muito orgulho de ser alentejano, tenho muito orgulho na minha terra, tal como tenho orgulho no meu percurso", observa.

Filho único, António Saraiva nasceu em Ervidel em novembro de 1953, e saiu de lá em 1959, porque a família se mudou para Lisboa "à procura de uma vida melhor". Sapateiro na terra, o pai foi para a Guarda Nacional Republicana na capital, mas "como a GNR não estava na natureza dele", só ficou cinco anos, fazendo-se depois eletricista. A mãe, que trabalhava no campo, foi trabalhar a dias na cidade.

Em Lisboa, a vida não foi fácil. "Vivemos os três num quarto durante cinco anos, ali ao pé do castelo de S. Jorge. Foi um tempo duro", comenta, reconhecendo que essa experiência, e outras que estavam para vir, lhe moldariam o caráter. "Permitiram-me conhecer vários lados da vida e as agruras que ela nos reserva. Por isso, muito da minha natureza tem que ver com essas experiências".

Terminou a primeira classe na cidade e continuou a estudar até aos 16 anos, concluindo o curso industrial na Escola Machado de Castro. "Uma grande escola, da qual também tenho boas memórias, e onde aprendi o curso de serralheiro mecânico, que me permitiu ingressar na Lisnave, em janeiro de 1971".

"TRABALHO MUITO VIOLENTO" A inscrição na empresa acontece contra vontade do pai, que queria que ele seguisse os estudos e fizesse engenharia. "Era o sonho dele!". Os primeiros dois anos na Lisnave como aprendiz de serralheiro mecânico são muito difíceis. "Era um trabalho muito violento, no fundo dos tanques, na reparação naval. Descer ao fundo de um petroleiro com uma caixa de ferramentas que pesava mais do que eu, praticamente, com um fato-macaco duplo para que não se impregnasse, era uma coisa muito dura". Reafirma: "Muito do ser humano que hoje sou é um somatório dessas experiências, dessas memórias e desse passado".

A progressão profissional viria, no entanto, graças ao dinamismo que muito cedo lhe é reconhecido. Surge uma oportunidade na direção comercial da empresa, o encarregado geral pergunta-lhe se está interessado,

> A demografia é uma bomba que temos debaixo dos pés. Mas não chega incentivar o nascimento aumentando o subsídio se, depois, não houver fixação de emprego, uma rede de creches, horários para conciliação de trabalho e família que permitam aos pais a gestão das suas vidas.

aceita o lugar e muda de ofício. Trabalhou 26 anos para o grupo José Mello, "sempre na Lisnave, embora anos mais tarde destacado na Luso-Italiana", onde fez toda "a aprendizagem e evolução profissional até 1997".

Entretanto, foi à tropa, casou, e foi pai. "Casei muito novo, com 21 anos, em maio de 1975, assim que soube que não ia ao ultramar, e terminado o serviço militar. Em abril de 1976 nasceu a minha primeira filha, e quatro anos depois o meu filho. Agora tenho cinco netos, que me dão muita energia". A mulher também é alentejana, de Ferreira do Alentejo, e apesar de António Saraiva ter passado muitas férias na vila, só se conheceram em Lisboa.

A pensar no futuro em termos profissionais, na altura volta a estudar. Faz o que hoje corresponde ao secundário com média de 19 valores, e candidata-se ao Instituto Superior Técnico de Lisboa, entrando em engenharia mecânica. Estávamos em 1980, ele tem 25 anos. Nunca concluiria o curso que materializava o sonho do pai.

Em 1987 é destacado para a metalúrgica Luso-Italiana, sendo nomeado diretor comercial e, dois anos depois, é convidado a acumular o cargo com o da empresa Luso-Alemã. É dele a ideia de juntar as duas fábricas, que Salvador Mello aceita, nomeando-o administrador, o primeiro e único do grupo José Mello a não ter uma licenciatura.

VIDA EMPRESARIAL Tempo depois, quando Salvador de Mello lhe anunciou que ia vender a empresa, António Saraiva teve "um choque, pois não esperava a notícia". Já não estava na Lisnave há dez anos, "por isso o regresso afigurava-se difícil, e não queria nenhuma prateleira dourada do grupo, pois ainda era muito novo".

Não tinha dinheiro, mas não lhe faltou coragem. "Tive um ímpeto de dizer: então, se vão vender, eu também gostaria de fazer uma proposta de compra. E, já agora, permita-me a ousadia de dizer que, não me queixando do ordenado que me pagam, não acumulei dinheiro que me permita comprar a empresa, peço é condições de pagamento. Digam quanto querem, e deem-me condições de a poder pagar".

Pagou-a a prestações, ao longo de 15 anos. "Tive a ajuda de dez clientes que me adiantaram um valor por adiamento de compras que me permitiu dar a primeira prestação". O resto foi pago com o que a empresa ia gerando.

Com a compra da Luso-Italiana, António Saraiva inicia o percurso empresarial que o levaria à Confederação da Indústria Portuguesa (CIP), de que é presidente em segundo mandato. Antes foi presidente da Associação dos Industriais Metalúrgicos.

"Quando entrei para a CIP, em 2010, apanhei a crise da 'troika'. Agora apanho esta da covid-19, mas sempre com o espírito de ajudar o tecido empresarial a sobreviver, a criar riqueza, a manter os postos de trabalho e, se possível, aumentá-los. Sempre com esta inquietude cívica que me caracteriza, e que lá atrás na Lisnave acabou por ter um papel que contribuiu para que a empresa sobrevivesse".

A atual crise, garante, é pior… porque mundial. Explica que os graves problemas das economias dos principais parceiros "refletem-se na quebra das nossas exportações e, no País, a paragem abrupta que o turismo regista, que era o que vinha alavancado o crescimento", é preocupante. "Não nos podemos esquecer que 97 por cento do nosso tecido empresarial são micro e pequenas empresas até dez trabalhadores, muito expostas ao dia-a-dia das receitas que vão fazendo", sublinha.

AJUDAR O BAIXO ALENTEJO António Saraiva defende que a situação exige de todos, "independentemente da responsabilidade, nas empresas, nos sindicatos, no Governo, em diálogo e em concertação social, encontrar as melhores soluções". As empresas têm que se "reinventar, trabalhar para manter o mais possível as atividades e salvar o mais possível os postos de trabalho".

De regresso às origens, comenta: "Volto ao nosso Alentejo com alguma periodicidade". Já não tem família em Ervidel, mas muitas vezes quando vai do Algarve para Lisboa, no fim das férias, tem "um chamamento de sair da autoestrada" para ir à pequena aldeia. "Vou prestar homenagem aos meus mortos".

Também visita a família, em Ferreira do Alentejo. Conta que há um ano e meio, o empresário agrícola António Silvestre Ferreira, da herdade do Vale da Rosa, o desafiou para presidir à Fundação Vale da Rosa, que está a ser desenvolvida "para o progresso do concelho, atraindo-lhe novas dinâmicas". Chegou-lhe também o convite da Câmara Municipal para coordenar o conselho estratégico do município, com o mesmo objetivo: "Atração [de investimentos] e desenvolvimento do território, que exige a interação de um conjunto de valências. Aceitei estas responsabilidades para, enquanto baixo-alentejano, ajudar a região no que eu puder e enquanto puder".

O presidente da CIP, que gosta "de ter a mente ocupada", também aprecia distrair-se "nas tertúlias com os amigos, nas brincadeiras com os netos", numa boa caminhada. Gosta do cheiro da terra molhada, que é uma "memória de infância", e que lhe dá "tranquilidade", de contemplar a planície e mergulhar em Monte Gordo, a praia de eleição. "Sou um homem do sul decididamente, nasci e tenho o ADN do sul".

Em 2012 foi-lhe diagnosticado um tumor no pâncreas. "Felizmente era benigno, mas tive um conjunto de azares. Estive em coma induzido, quase não sobrevivi". Da experiência, diz ter tirado uma lição de vida. "Percebi que era mortal, o que faz toda a diferença, porque a partir daí relativizei muitas coisas. Comecei a dar importância àquilo que se deve relevar, libertando-me de pequenas questiúnculas. E se, de um modo geral, já era feliz, passei a ser mais ainda. Sou um homem feliz e realizado. Tenho uma família que adoro, e amigos que praticamente também são a minha família".

"É CONFRANGEDOR VER O AEROPORTO DE BEJA SUBAPROVEITADO, ESTANDO TÃO PERTO DE LISBOA"

Como vê o futuro do Baixo-Alentejo?
Com alguma preocupação, sobretudo porque Portugal está com um crescimento anémico. É preciso alterar o modelo de desenvolvimento económico. Temos que reindustrializar a Europa, Portugal e, obviamente, todas as regiões. Mas primeiro temos que olhar o País e definir-lhe uma estratégia de desenvolvimento bem gizada – agora temos oportunidade de fazê-lo, aproveitando este pacote dos fundos comunitários – e depois ajudar o desenvolvimento que cada região, com as suas características naturais, deve conter. O Alentejo tem que terminar algumas infraestruturas e aproveitar outras. O aeroporto de Beja é uma estrutura que o país tem mas não utiliza. Utiliza mal esse bom recurso que está no Baixo-Alentejo. Há também que apostar na ferrovia, ter estratégia e terminar troços, porque hoje o setor agroalimentar tem um enorme desenvolvimento, e há que criar condições para o escoamento das mercadorias. Com o Alqueva, o regadio e as novas culturas, se lhe levamos alguma indústria de transformação, o Baixo Alentejo tem potencialidades.

Falou na importância do aeroporto de Beja, porque acha que ainda não a tem?
O modelo de desenvolvimento nos últimos anos assentou muito no turismo, e os aeroportos de Lisboa e Porto foram conseguindo responder, ainda que com alguma insuficiência, pelo que falou-se mas nunca se concretizou o novo aeroporto [de Lisboa]. Até agora, o de Beja não tem sido encarado em termos nacionais como uma infraestrutura que poderia ser mais bem aproveitada. E não vou tecer considerações desta ou daquela natureza porque deixaria isso aos especialistas da matéria, mas é confrangedor ver uma infraestrutura como o aeroporto de Beja, com os milhões que se investiram nela, estar subaproveitada, estando tão perto como está de Lisboa.

O ciclo de despovoamento/envelhecimento da região é inevitável? O que se pode fazer para o inverter?
A demografia é uma bomba que temos debaixo dos pés. Mas não chega incentivar o nascimento aumentando o subsídio se, depois, não houver fixação de emprego, uma rede de creches, horários para conciliação de trabalho e família que permitam aos pais a gestão das suas vidas. Há, portanto, todo o conjunto de valências que têm que se interligar. Não é só o Alentejo, é Portugal que enfrenta uma grave crise de natalidade que temos que resolver tomando medidas, sabendo que as que hoje tomarmos vão ter efeitos daqui a alguns anos. Esse tem sido um dos problemas que a CIP, e eu próprio enquanto seu líder tenho levado à discussão na concertação social.

Quais as maiores debilidades do tecido empresarial do Baixo Alentejo?
Por um lado a pequena escala empresarial que não gera volume, não cria expectativas de futuro de carreira às pessoas e, depois, todo o outro conjunto de questões que se prendem com a ausência ou mau aproveitamento das infraestruturas, que acabam por dar à região este abandono que sucessivamente tem ocorrido… daí o despovoamento que vimos [acentuar] ano após ano.

Como é que vê a reindustrialização do país proposta por António Costa Silva e como é que o Baixo Alentejo a pode aproveitar?
Há quatro anos, o conselho da indústria da CIP fez um trabalho que chamamos política industrial para o século XXI, onde elencámos um conjunto de áreas de estratégia industrial nesta reindustrialização que Portugal tem que fazer, aproveitando as competências e potencial de cada região. O estudo está feito e fornecemo-lo a António Costa e Silva que absorveu algumas das propostas que lhe apresentamos. Em Évora já temos um 'cluster' aeronáutico que, com a vinda da Embraer, estava em franco desenvolvimento antes da pandemia. E em Beja há o aeroporto, e, portanto, temos aqui um conjunto de infraestruturas desenvolvidas e com potencial de crescimento que podem ser aproveitadas. Temos é que começar a fazer acontecer. E, nesse sentido, já registamos algum atraso há alguns anos.

D.R.

ACOS APRESENTA PROPOSTAS PARA VISÃO ESTRATÉGICA

O ecossistema do montado, o alargamento do regadio de Alqueva e a criação de um grande cluster agroalimentar do sul são as principais propostas apresentadas pela Associação de Agricultores do Sul (ACOS), no âmbito do processo de discussão pública da "Visão Estratégica para o Plano de Recuperação Económica de Portugal 2020-2030" de António Costa da Silva. No setor das florestas, a ACOS reclama a definição de estratégias específicas na área do ecossistema montado que "revertam o declínio a ele associado, agravado pelo impacto das alterações climáticas tendo em conta a importância económica, social e ambiental deste ecossistema e a multiplicidade de atividades e produtos daí provenientes".

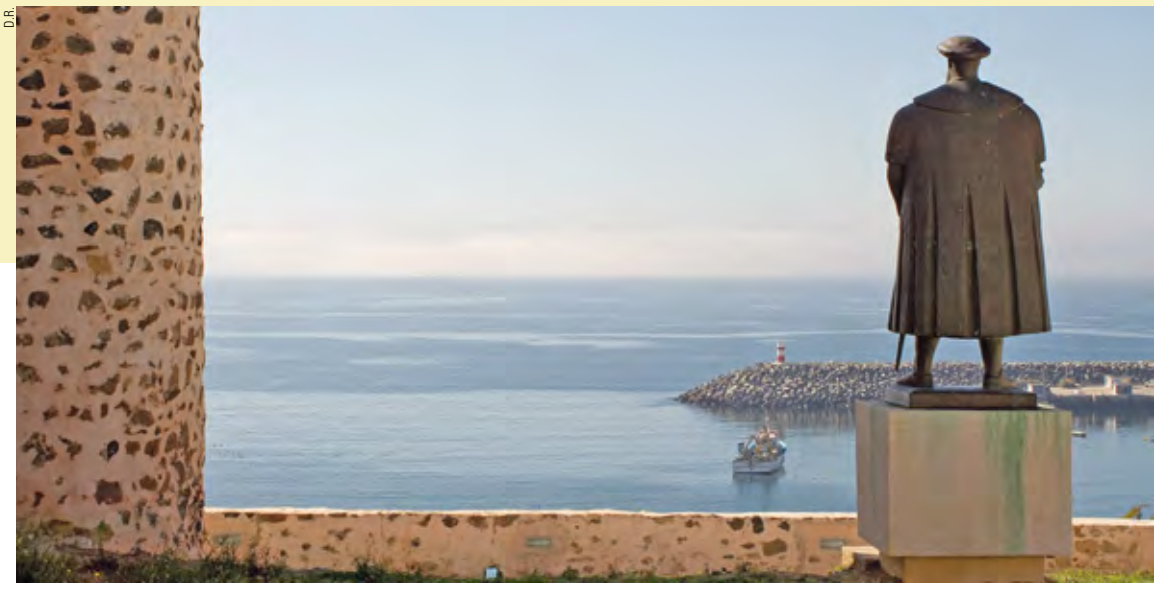
ASSEMBLEIA DE CUBA CONTRA FECHO DAS EXTENSÕES DE SAÚDE

A Assembleia Municipal de Cuba aprovou uma moção na qual "condena" o encerramento desde 16 de março das extensões de saúde no concelho. No documento, lamenta que durante este período não tenha sido realizada "qualquer reorganização de recursos, nem qualquer adaptação das condições existentes" devido à pandemia de covid-19. "Vimos demonstrar a nossa indignação pela não devolução de um serviço fundamental" à população, refere o texto.

CÂMARA DE OURIQUE REQUALIFICA RELVADO DO ESTÁDIO MUNICIPAL

A Câmara de Ourique vai investir cerca de 150 mil euros na requalificação do relvado do Estádio Municipal D. Afonso Henriques. O objetivo é "melhorar as condições para a prática desportiva, num dos principais equipamentos do concelho", refere fonte da autarquia, recordando que para além das atividades relacionadas com o futebol o recinto "tem acolhido um amplo conjunto de iniciativas municipais orientadas para a saúde e a adoção de estilos de vida saudáveis".

D.R.



Projeto quer recuperar património subaquático do Alentejo litoral

Iniciativa vai caracterizar vestígios arqueológicos e criar conteúdos em formato digital

O património cultural subaquático do Alentejo litoral vai ser recuperado e inventariado, no âmbito do projeto "Um Mergulho na História", segundo um protocolo entre a Direção-Geral do Património Cultural e o Instituto Português do Mar e da Atmosfera.

O protocolo de colaboração, entre a Direção-Geral do Património Cultural (DGPC) e o Instituto Português do Mar e da Atmosfera (IPMA), vai permitir desenvolver "um sistema de informação geográfico que suporte processos de decisão e gestão do património cultural subaquático, o registo, análise e inventariação" dos sítios arqueológicos do litoral alentejano.

De acordo com o IPMA, o projeto intitulado "Um Mergulho na História", vencedor do Orçamento Participativo Portugal (OPP) 2018, vai permitir caracterizar, num período de 24 meses, os vestígios arqueológicos relacionados com o património cultural náutico e subaquático e criar conteúdos em formato digital, recorrendo à realidade aumentada e virtual.

O projeto visa igualmente "a promoção do envolvimento das populações locais na temática da arqueologia náutica e subaquática como um valor cultural e a formação do treino em arqueologia náutica e subaquática a alunos do ensino superior". Trata-se de uma iniciativa criada por uma equipa multidisciplinar de arqueólogos subaquáticos, historiadores, engenheiros, biólogos, estudantes e voluntários, que pretendem desenvolver uma carta arqueológica subaquática integrada da costa do Alentejo litoral.

Segundo os promotores do projeto, a carta vai permitir "registar naufrágios por regiões, com análise crítica, com os sítios inventariados a serem analisados e catalogados em relação à sua relevância, estabilidade, ameaças, custos de monitorização, registo ou intervenção".

"De moedas em ouro a canhões em ferro, de lingotes de prata a astrolábios em bronze, de pratos em estanho a navios em carvalho português, dos ossos dos marinheiros quinhentistas à tradição oral das gentes do mar, tudo isto está no fundo do mar português e na memória do nosso povo", descrevem.

Utilizando "tecnologia portuguesa" para "encontrar e resgatar das profundezas esses vestígios até agora esquecidos", os responsáveis querem "promover uma investigação científica rigorosa que localize, inventarie e coloque esses naufrágios até agora perdidos ao alcance de todos os cidadãos".

A carta arqueológica subaquática será partilhada com a Marinha Portuguesa, a Polícia Judiciária, os serviços dos ministérios da Cultura e do Mar e as autarquias de Alcácer do Sal, Grândola e Sines.

PUB

O investimento previsto no projeto industrial de produção de hidrogénio verde em Sines poderá ser superior a 1,5 mil milhões de euros, de acordo com a Estratégia Nacional para o Hidrogénio (EN-H2), publicada em "Diário da República". Segundo o documento, trata-se do "projeto âncora de grandes dimensões à escala industrial de produção de hidrogénio verde, focado em alavancar a energia solar, mas também eólica, enquanto fatores de competitividade, tirando partido da localização estratégica de Sines".

Minas a céu aberto em Olivença põem em causa qualidade da água de Alqueva

Projeto para extração de ouro, ferro e cobre alvo de contestação. EDIA diz estar atentas a "intervenções na bacia hidrográfica, que possam ter efeitos negativos na qualidade da água"

A cerca de 20 quilómetros do Guadiana e a 35 de Reguengos de Monsaraz, onde o grande rio do Sul serve de fronteira entre Portugal e Espanha, perto da localidade de Alconchel, está previsto entrar em funcionamento uma exploração mineira a céu aberto que está a ser contestada pelas populações locais. Os ativistas espanhóis afirmam que os materiais pesados utilizados na laboração acabarão por contaminar a água do Alqueva, o que porá em causa o ecossistema e a saúde pública. O investimento, que foi aprovado numa primeira fase pelo governo regional da Extremadura, encontra-se em discussão pública e ainda necessita de um estudo de impacto ambiental transfronteiriço.

TEXTO **ANÍBAL FERNANDES**

D.R.

O projeto para a instalação de três minas a céu aberto para a exploração de ouro, ferro e cobre em território espanhol, mas muito perto da fronteira portuguesa, está levantar dúvidas às populações de Badajoz, Olivença, Villanueva del Fresno, Oliva de la Frontera e Jerez de Caballeros, entre outras localidades.

Duas associações de ativistas – Alconchel Sin Minas e Sin Minas Comarca de Olivença – manifestaram-se contra a autoçrização do governo da Extremadura para a exploração de 21 poços mineiros. A primeira fase do projeto prevê a exploração de três mil hectares junto a Olivença, Alconchel e Táliga, uma zona protegida, junto ao grande lago de Alqueva e que integra a Rede Natura 2000, para além de ser considerada Zona de Interesse Comunitário (ZIC).

Só aqui, estão previstas duas grandes minas a céu aberto com cerca de 100 metros de profundidade, um grande depósito de ácidos com 40 metros de altura e um lago para lodos tóxicos de metais pesados com capacidade para três milhões de metros cúbicos de resíduos perigosos, dizem os ativistas.

Segundo Artur Lopes, biólogo espanhol que integra um dos movimentos, trata-se de "uma mina a céu aberto que tem um aterro, um depósito enorme de material, que não é tratado porque é muito caro. Quando chove essa água vai para o rio, isto é, para o Guadiana" e, daí, para a albufeira de Alqueva. "Os governos português e espanhol investiram muito no Alqueva, como um dos sítios mais atrativos da Europa e, agora, vão contaminá-lo", lamenta Artur Lopes.

Uma terceira mina também está a ser equacionada, o que poderá pôr em causa o abastecimento de água numa região já de si deficitária deste bem essencial, quer para a agricultura e pecuária, quer para o consumo humano. Segundo está declarado no projeto a que as associações tiveram acesso, serão retirados dos aquíferos da zona cerca de sete milhões de litros por dia, o que é considerado "insustentável".

A preocupação também é grande devido ao método de escavação que recorre a rebentamentos à base de nitrato de amónio – o mesmo produto que explodiu recentemente em Beirute -, a pouco mais de 1,5 quilómetros de Alconchel, havendo receio de que a explosão possa "afetar a estrutura de edifícios e habitações" do casco urbano da povoação.

Para além disso, denunciam, "o megaprojeto é altamente contaminante" e afetaria a bacia hidrológica e "de forma irreversível a qualidade da água do grande lago de Alqueva", bem como os solos com a drenagem de ácidos e metais pesados nos aquíferos subterrâneos, ou a atmosfera com sílica em suspensão.

Segundo os ativistas, que pretendem contactar os autarcas portugueses dos territórios potencialmente afetados, além do Ministério do Ambiente, este projeto deve ser liminarmente recusado por se tratar da zona especial de conservação da Serra de Alor y Monte Longo, já que a lei estabelece que as atividades mineiras sejam desenvolvidas fora deste perímetro. Por último, lembram que a zona integra o programa turístico de Alqueva "Starligth", que ficaria em causa devido à atividade mineira intrusiva.

QUERCUS ATENTA, ZERO CONTESTA Para a Quercus a situação "é preocupante", mas Nuno Sequeira, vice-presidente da associação ambientalista portuguesa diz ser "necessário esperar por mais informação oficial" e pela "avaliação de impacto ambiental transfronteiriça" prevista na legislação europeia.

"Esperamos que o estado espanhol não viole o direito comunitário como, infelizmente, já aconteceu noutros casos", alerta Nuno Sequeira garantindo que a Quercus, em devido tempo, tomará posição sobre o assunto.

Entretanto, no início do mês, a associação ZERO considerou que o decreto-lei, que esteve em discussão pública, e prevê uma Estratégia Nacional dos Recursos Geológicos, não acautela "devidamente" o ambiente e a sustentabilidade.

Segundo os ambientalistas da ZERO "após 30 anos de aplicação de uma legislação que há muito se encontra obsoleta e que continua a regular a atribuição de concessões mineiras, seria expectável que o novo modelo legislativo viesse a evidenciar uma nova etapa nos cuidados relacionados com a atividade mineira", mas a lei "não só deixou de fora a sustentabilidade, como utiliza terminologia ambiental para "pintar de verde" um setor ambientalmente muito sensível, responsável por feridas e passivos ambientais insanáveis no território português, afetando em especial as populações".

Também o CDS-PP questionou o Governo através da Assembleia da República sobre este projeto de extração de minério. Numa pergunta dirigida ao ministro do Ambiente e Ação Climática, o deputado João Gonçalves Pereira considera que "a futura existência de minas a céu aberto, com fortes possibilidades de contaminação das águas por materiais pesados perigosos, coloca em risco não só o projeto de Alqueva, mas também a saúde das populações de toda aquela região".

O centrista quer "saber se o ministro está a par do projeto, se foi estabelecido algum tipo de contacto por parte do Governo espanhol ou de qualquer outra entidade pública, no sentido de conjuntamente ser negociado e analisado e, se não, que medidas vai o Governo tomar no sentido de analisar o projeto e precaver eventuais consequências nefastas para Portugal", nomeadamente para o empreendimento do Alqueva.

EDIA ATENTA A INTERVENÇÃO COM POSSÍVEIS "EFEITOS NEGATIVOS"

A Empresa de Desenvolvimento e Infraestruturas de Alqueva (EDIA), responsável pelo Empreendimento de Fins Múltiplos de Alqueva disse ao "Diário do Alentejo" que "não tem contactos com o promotor, mas mantém todos os canais institucionais abertos com Espanha, nomeadamente com a Confederação Hidrográfica do Guadiana e com a Comissão para a Aplicação e o Desenvolvimento da Convenção de Albufeira (CADC)". No entanto, a EDIA garante que "todas as intervenções na bacia hidrográfica, que possam ter efeitos negativos na qualidade da água, são obviamente alvo" de reserva por parte da empresa que, no entanto, confia "nos instrumentos de controlo que existem e na aplicação da convenção de Albufeira". Segundo as associações que estão a lutar contra o projeto mineiro da Extremadura, o promotor do negócio é a PDCA, uma estrutura empresarial canadiana, com sede na cidade de Toronto.

mundo

Fomos ao encontro de baixo-alentejanos espalhados pelo mundo, num tempo de reencontros de famílias separadas pela distância e pela pandemia

TEXTO **LUÍS MIGUEL RICARDO**

Cansada dos trabalhos como 'freelancer' e a recibo verde, Sónia Teixeira trocou a tranquilidade de Quintos pelo desassossego de Londres. Doutorada em bioquímica, Ana Margarida Ferro mudou-se de Beja para Abu Dhabi, nos Emirados Árabes Unidos. Francisco Oliveira acompanhou o pai quando este foi colocado na Base Aérea de Beja. Foi aqui que passou boa parte da sua juventude, conciliando os estudos com o hóquei em patins. Hoje é piloto de aviação nos Estados Unidos. Primeira parte de uma grande reportagem sobre baixo-alentejanos espalhados pelos "cinco cantos" do mundo.

Sónia Manguito Teixeira tem 45 anos, é licenciada em tradução de inglês e alemão e, em 2015, trocou a tranquilidade de Quintos pelo desassossego de Londres. Uma mudança motivada pela família, formada pelo marido e dois filhos; motivada pela realização profissional; motivada pela estabilidade económica que não encontrou nas traduções feitas em Lisboa, em regime de 'freelancer', nem na formação profissional, nos 12 anos que colaborou com o Instituto do Emprego e da Formação Profissional. "Sempre a recibos verdes! Deve ser por isso que o verde é a minha cor preferida", graceja.

O vínculo mais forte à capital inglesa vem do marido, que no passado já havia estudado e trabalhado por lá, e para onde regressou em 2013, por motivações profissionais. Mas a chegada de Sónia Teixeira a Inglaterra não representou um trajeto profissional ininterrupto, não foi dar continuidade às sessões de inglês que ministrava, maioritariamente, no serviço de formação profissional de Aljustrel. "Quando vim para Londres, passei um ano a estudar para poder trabalhar como auxiliar de ação educativa". De formadora passou a auxiliar. Pouco depois passaria de auxiliar a professora: "Atualmente trabalho numa escola primária como professora assistente e sou responsável pelo apoio dado a crianças com inglês como língua adicional".

A adaptação ao ser e ao estar dos britânicos, diz, que tem sido gradual. "É um povo muito diferente do português, que valoriza a autoconfiança, o sentido prático, o estoicismo, o profissionalismo, o sentido de humor e o otimismo, ao ponto de a autoconfiança ser um critério de avaliação nas escolas. A modéstia ou o formalismo dos portugueses são desvalorizados por aqui. Enquanto em Portugal são os "zé-marias" que ganham os 'reality shows', aqui, esses, são os primeiros a sair. As relações pessoais são superficiais, a comida é tão má quanto o clima, mas existe civismo e boas maneiras, que escorrem como a água da chuva nas sextas à tarde depois de umas cervejas no pub".

A vida quotidiana em terras de Sua Majestade passa a correr. "O ritmo é muito rápido. Um dia de trabalho começa às 8:00 horas, em ponto, e é preenchido com muitas e variadas atividades. Há 15 minutos de pausa durante a manhã, 30 minutos para almoçar e é sempre a correr até às 15:30 horas, quando terminam as aulas e começam os ATLs".

Para colocar um freio na vertigem do ritmo britânico, Sónia Teixeira volta ao Baixo Alentejo, pelo menos, duas vezes no ano, no Natal e no verão. Volta para matar saudades da família e dos amigos, volta para matar saudades da sua identidade alentejana. "Sinto falta da família e dos amigos, da relação com as pessoas próximas, de beber um café e conversar, da maneira de ser portuguesa, do sol e da comida. Quando chego a Lisboa, a primeira coisa em que reparo é no céu, tão amplo e tão azul".

Sobre os tempos de covid-19, o maior lamento foi o facto de, no pico do confinamento, o pai ter falecido e não ter podido estar presente. E porque os acontecimentos têm sempre dois lados, Sónia tentou focar-se no lado não negativo do fenómeno pandémico e ficar mais afastada do corrupio londrino e mais próxima da família, apesar de a escola não ter chegado a encerrar e de ter alternado o teletrabalho com as atividades presenciais.

Agora diz já não ter "muito receio" sobre o novo coronavírus. "Já lá vai o tempo em que desinfetava todas as embalagens quando chegava das compras. Mantenho a distância, uso máscara em locais públicos, lavo as mãos a toda a hora. E em Portugal vou fazer o mesmo e evitar os beijos e abraços", remata, em vésperas de cumprir o seu protocolo de deslocações à planície.

D.R.

> Estava nos nossos planos emigrar, mas sem nenhum destino de preferência. Por acaso agradava-nos esta zona do Médio Oriente pela qualidade de vida que oferece. No entanto, nem sabíamos onde ficava Abu Dhabi".
>
> **ANA MARGARIDA FERRO**

DE BEJA PARA ABU DHABI Ana Margarida Ferro tem 36 anos e é doutorada em bioquímica, ramo de biologia molecular, pelo Instituto de Tecnologia Química e Biológica António Xavier, da Universidade Nova de Lisboa. Em setembro de 2019, mudou-se de Beja para Abu Dhabi, nos Emirados Árabes Unidos.

Antes de partir para esta aventura árabe e ao encontro do marido, investigador na Universidade de Nova York naquela cidade asiática, Ana Ferro já levava na

D.R.

D.R.

> O que custa é o estar longe da família e dos amigos. Tenho muitas saudades da comida portuguesa. Tento ir a casa duas vezes por ano, mas este ano, infelizmente, ainda não foi possível, devido à situação da pandemia que vivemos".
>
> FRANCISCO OLIVEIRA

> "As relações pessoais são superficiais, a comida é tão má quanto o clima, mas existe civismo e boas maneiras, que escorrem como a água da chuva nas sextas à tarde depois de umas cervejas no pub".
>
> SÓNIA TEIXEIRA

bagagem competências profissionais adquiridas enquanto técnica de laboratório no Instituto Nacional de Saúde Dr. Ricardo Jorge e no Instituto Gulbenkian de Ciência, e competências de investigação no CEBAL – Centro de Biotecnologia Agrícola e Agroalimentar do Alentejo.

O resto foi obra do destino. Foi obra de um concurso que o marido "desencantou" online, foi obra da posição conseguida na universidade. "Estava nos nossos planos emigrar, mas sem nenhum destino de preferência. Por acaso agradava-nos esta zona do Médio Oriente pela qualidade de vida que oferece. No entanto, nem sabíamos onde ficava Abu Dhabi".

Descoberta a localização, a adaptação foi fácil, apesar das diferenças culturais existentes entre os dois povos. Um aspeto positivo, no entender de Ana Ferro, pois proporciona a oportunidade de experienciar a diferença. "As condições são muito boas e receberam-nos muito bem. Trataram de tudo por nós. Ao fim de um mês, alugámos uma casa fora do campus da universidade e sentimo-nos muito bem a viver aqui". Claro que na bagagem seguiram também ansiedades e saudades, sobretudo País, dos familiares e dos amigos. Emoções que o tempo ajudou a apaziguar. "A distância supera-se com as novas tecnologias, e como ainda é tudo novidade para nós, estamos mais ocupados e conseguimo-nos abstrair da distância. Os meus pais já nos vieram visitar e sabe sempre bem", partilha.

E sobre a cidade e os Emirados Árabes Unidos, Ana Ferro diz que já há muito para partilhar. "Só cerca de 11 por cento da população é cidadã 'emirati', enquanto a restante corresponde a estrangeiros de mais de 90 nacionalidades. O que é muito bom, pois esta diversidade cultural enriquece-nos bastante. A língua oficial é o árabe, mas o Inglês é falado em todo o lado. A religião é o Islão e a cultura é muita influenciada por isso, no entanto são muito liberais e tolerantes relativamente aos estrangeiros. As mulheres não precisam de andar cobertas".

Uma realidade cultural distinta da portuguesa, mas da qual Ana diz gostar. "É muito bom viver aqui. A sensação de segurança para mim é das melhores coisas. A criminalidade é baixíssima, ninguém quer transgredir as regras sob o risco de ser expatriado. Podemos deixar os carros destrancados com coisas à vista que ninguém mexe, ou esquecer do telemóvel num centro comercial que não vai desaparecer".

Explica, antes de contar que nos primeiros tempos de Emirados, e enquanto não houve ordem de confinamento e enquanto não conseguiu uma posição como gestora de grupo de investigação, na mesma instituição que dá guarida profissional ao marido, fazia do inglês e da cultura do país os seus alvos de estudo durante a semana, aos quais juntava o treino e as refeições no refeitório da universidade, reservando para os fins de semana as expedições a museus, parques e restaurantes.

Ao Baixo Alentejo mantém um vínculo, emocionalmente, umbilical. É aqui que estão as raízes e a família. Mas nessa relação também cabe a cultura, a gastronomia e a paisagem, entre tantas outras coisas. E é por isso que pretende regressar duas vezes no ano ao ponto de partida. Uma pretensão minada pela covid-19, que obrigou ao cancelamento dos planos de verão. E obrigou igualmente à mudança das rotinas que começam a criar em território árabe. "Aqui tomaram medidas de contenção muito cedo e ficámos isolados em casa. Agora começam a abrir algumas coisas, mas muito devagar. Praticamente, estamos a semana toda em casa e aos fins de semana saímos um pouco para desanuviar".

.

DO HÓQUEI EM PATINS EM BEJA AOS CÉUS DA AMÉRICA Francisco Oliveira tem 29 anos, nasceu em Estremoz mas foi em Beja que viveu grande parte da sua juventude. Atualmente reside em Chesapeake, Virgínia, Estados Unidos da América. "Sou piloto comandante na PSA, empresa regional do grupo American Airlines".

A ligação aos céus acontece desde os dois meses de vida, quando fez o batismo de voo, num trajeto entre o continente a as Lajes, na ilha Terceira. E não foi um batismo qualquer, foi logo à séria, a bordo de um avião Hércules C130, da Força Aérea Portuguesa. Uma viagem que haveria de repetir várias vezes por responsabilidade do pai, militar piloto aviador, colocado na Base Aérea nº 4.

"Em 1997 regressámos ao continente, acompanhando a colocação do meu pai na BA11, em Beja". E foi aqui que Francisco Oliveira estudou, jogou hóquei em patins, praticou judo, jogou ténis e esteve sempre integrado no grupo de jovens da paróquia do Carmo. Mas quis o destino – e a Força Aérea Portuguesa – que uma nova comissão na ZAA/BA4 (Zona Aérea do Açores – Base Aérea 4) fosse atribuía ao pai, e que o rapaz fosse terminar o ensino secundário à Terceira. Em 2009 foi caloiro do curso de Engenharia Aeronáutica, na universidade da Beira Interior. Mas em 2010, de novo a atração para os lados do Atlântico. "Desta vez rumo aos Estados Unidos da América, acompanhando o meu pai numa missão diplomática, como representante nacional na NATO".

Foi do lado de lá do oceano, na Old Dominion University, que deu continuidade do trajeto académico tendo obtido a licença de pilotagem. "Um sonho que tinha desde criança. Ingressei depois na Civil Air Patrol, como piloto voluntário, o que me abriu portas a nível profissional", explica.

E ao contrário do que sucedera nas outras ocasiões, quando chegou a hora de a família regressar a Portugal, Francisco Oliveira "roeu a corda" e deixou-se ficar pelo estado da Virgínia, onde começou a "voar" para a Via Airlines, ingressando depois na PSA Airlines.

Quando não está a cruzar os céus, as suas rotinas em terra passam por passeios nas montanhas e mergulhos na praia. E sobre viver em Chesapeake, com tantas mudanças ao longo da vida, confessa ter sido apenas mais uma: "O que custa é o estar longe da família e dos amigos. Tenho muitas saudades da comida portuguesa. Tento ir a casa duas vezes por ano, mas este ano, infelizmente, ainda não foi possível, devido à situação da pandemia que vivemos".

Em todo o caso, em Chesapeake existe um "bocadinho" de Portugal que lhe está reservado: o café, o vinho, a música, a decoração da casa e a gastronomia, que tenta recriar, recorrendo, sempre que necessário, aos conselhos que estão à distância de um clique.

OPINIÃO

Voltar a Casa

VÍTOR ENCARNAÇÃO PROFESSOR

Dizem-nos que não devemos voltar ao sítio onde fomos felizes, avisam-nos que o sítio mudou, nós mudámos, a circunstância da vida é outra, o tempo alterou os pressupostos e já nada será como dantes, o risco de sofremos uma desilusão é elevado e pode deixar marcas emocionais negativas para sempre.

É claro que nada desta apreciação se aplica à Casa do Alentejo. A nossa Casa é um caso à parte, se nela se sentiu realizado e inteiro, se lá já foi feliz, então deve voltar, voltar sempre, voltar quanto antes, para a visitar, para a sentir, para a degustar. Tudo nela é um aconchego, uma pertença, um abraço.

A Casa tem saudades dos seus filhos, e são tantos, tantas gerações, tantos homens e tantas mulheres do sul e do sol, e por isso tem sempre a porta aberta, para os filhos, para os amigos dos filhos, para os forasteiros, para os viajantes, para os amantes da vida e da cultura, a porta está sempre aberta.

Entre, suba, para cima todas as emoções ajudam, sinta a alma, naquela Casa a alma preenche cada canto e cada peito, oiça uma pronúncia aqui, outra ali, esta é do Baixo, aquela do Alto, desfrute da arquitetura. As salas, as fotografias, o mobiliário, as paredes e as pessoas estão impregnadas de história e de histórias. O tempo escreveu ali livros inteiros.

Dentro da Casa vê-se, ouve-se, saboreia-se e sente-se tudo: casas brancas, planuras, restolhos, searas, montados, lonjuras, horizontes, modas, violas campaniças, baldão, despique, silêncio, açordas, migas, gaspachos, jantares de grão, ensopados de borrego, pão, vinho, medronho, azeite, o vento suão, brasa, orgulho, raízes, saudades.

A Casa é o largo da aldeia dentro da cidade grande, a Casa é a aldeia bonita e caiada dentro da cidade grande.

A Casa do Alentejo é a nossa raiz rodeada de Lisboa por todos os lados.

É sempre bom voltar a Casa.

A minha Casa do Alentejo _ e outras memórias –

EDUARDO OLÍMPIO POETA E ESCRITOR

Fiz de quase tudo na vida. Caixeiro no Alentejo e no Algarve, futebolista em Setúbal. Na capital cirandei como rececionista de hotel, segurança, tradutor, revisor, livreiro, e muitos mais eteceteras. Quando aportei à capital, anos 50, a cidade fervilhava de movimentos, culturais e políticos. Do contra, claro. Movimentos a que aderi de imediato, ou não fosse (seja) eu filho do nosso eternamente magoado Alentejo.

Mas não me limitei à beleza serena da escrita, poesia ou prosa. Envolvi-me numa esquerda que se queria lúcida e atuante. Nunca quis escrever na linguagem dos deuses, nem na escrita do absoluto. Sou alentejano, pobre, rural, pacóvio às vezes, logo só posso falar no rés-do-chão da escrita.

Era um caminhar, muitas vezes sem guia, em busca de uma terra prometida, tendo como bússola primeira o humanismo e a fraternidade. Sei que não existe um desenvolvimento repentino (a não ser pelas armas) da história, inevitável e obrigatório. Esse desenvolvimento, todos o sabemos, terá que ser feito pelo Homem, até chegar ao seu mais alto estado, para convocar os descrentes.

Porque os políticos de carreira, com as exceções (raras) que todos conhecemos, nossos ou de outras bandeiras, fazem-me sempre lembrar aquele americano que, ao ser apontado como culpado pela guerra no Vietname, retorquiu que nunca tinha assassinado nenhum vietnamita, porque se tinha limitado a vender as balas ao exército americano.

Este artigo (ou crónica?) começa a parecer-se com as sessões de cinema desses anos 50: Primeiro o documentário da guerra e só depois o filme anunciado. E o que é este filme?

O trabalho do ganha-pão, a que nunca fugi, e o trabalho do parto político, na Cooperativa dos Trabalhadores de Portugal, ali às Escadinhas do Duque, com gente como hoje já não se fabrica: - Maria Lamas, Igrejas Caeiro, Manuel Mendes, Maria Rosa Colaço, Matilde Rosa Araújo, José Manuel Tengarrinha, Afonso Cautela e tantos, tantos outros. O Cesariny, às vezes, e o Manuel de Seabra.

Semana sim, semana não a Pide aparecia e levava dois dos nossos.

A mim calharam-me 10 dias em Caxias, o que é quase uma vergonha se compararmos, por exemplo, com o meu grande amigo João Honrado, que aguentou 17 anos atrás de várias grades.

Nós, os intelectuais, poisávamos no primeiro andar. O rés-do-chão era habitado por condutores da Carris, tipógrafos, litógrafos e ofícios correlativos, que sabiam, mas sabiam mesmo muito mais que nós, os do andar de cima.

E por fim (o tal filme principal) a minha Casa do Alentejo. Meu oásis, minha ternura, minha mesa do amor.

A Casa onde, ainda sonhadores, discutíamos o comércio da fé, o preço da liberdade, a poesia de Ana Akhnuak, o intimismo de Mayakovsky, a ternura de Neruda e o sangue doce da poesia de Carlos Queiroz. E o Manuel da Fonseca, claro, e o Redol, o Egipto Gonçalves, o Lorca, a Florbela, o Papiniano, o Antunes, o Serra, entre tantos outros. A Casa do Alentejo, hoje como sempre, tem sido o meu colo doce, claro e luminoso. No complexo jogo dos afetos, a nossa casa do nosso Alentejo tem sido sempre a límpida eira onde se debulha a saudade da nossa terra natal.

Nesse meu tempo de entrega e luta convivi com o Paquete, que tanto dizia poesia como carregava os caixotes da casa, com o Mário Pereira, ator do D. Maria e que praticamente "morava" na Casa do Alentejo e me levava às cegas para a "outra banda", para eu dizer os meus versos, e desaparecia não sei para onde, deixando-me sozinho às duas, três da madrugada, no meio do nada. O Mário bebia muito, como eu na altura, e morreu cedo. Os nossos amigos morrem sempre cedo.

E o "maluco" do Manuel Geraldo, que queria matar toda a gente e não matava ninguém, claro.

Era um bom prosador e um ótimo jornalista. E o Vultos Sequeira, bom moço que não vejo há séculos, com seus primeiros versos, simples e depurados. E o José Carlos Gonzalez, o galego mais português de Portugal e poeta cinco estrelas, que se foi suicidar em Paris, sabemos lá porquê. Também o Samuel, o Fernando Fitas, o Manuel Xarepe (enciclopédia de cultura), os pintores Mourato e Kira; eu sei que toneladas de gente boa.

Nesta vida viver não é nada de novo, como também não é nada de novo morrer. Mas a Casa do Alentejo foi sempre a minha casa dos afetos, a morada onde o silêncio canta e onde viver é mesmo um naco grande da felicidade.

O mais perto que tenho da minha infância, da minha terra, da minha gente, do meu país alentejano, é a Casa Alentejana de Lisboa. E linda continua: os azulejos sorriem, carinhosos, os bares convidam à tertúlia, os restaurantes continuam a cheirar a borrego e a cação. E em horas inesperadas podeis ouvir uma dama de apelido Calado falar pelos cotovelos, o que é um mistério para mim.

- Pelos cotovelos e pelo coração.

- Eu sei, cara amiga, eu sei.

D.R.

POEMÁRIO

O novo paradigma dos carros importados no IUC

TÂNIA ÂNGELO SOLICITADORA

Hoje em dia é prática a importação de veículos automóveis tendo em vista uma aquisição a preço reduzido. Sucede que, com a entrada em território nacional, se verifica a exigência de legalização do veículo e o consequente pagamento de impostos – Imposto Sobre Veículos (ISV), quando aplicável, e Imposto Único de Circulação (IUC), cujo pagamento tem uma periodicidade anual, tendo termo somente com o cancelamento da matrícula ou registo decorrente de abate.

Como resultado do processo de legalização, é atribuída ao veículo matrícula nacional, sendo que, até ao início do corrente ano, para efeitos de apuramento de IUC, era considerada a data da primeira matrícula nacional, o que levava a que veículos antigos fossem tributados como novos, estando, desta forma, classificados na categoria B e não na A (com valor mais reduzido).

Com o intuito de uma uniformização com as normas europeias, verificou-se uma revisão legislativa – com efeitos a partir de 1 de janeiro de 2020 – de onde resultou uma significativa alteração neste paradigma.

Deste modo, estão sujeitos a esta alteração os veículos automóveis ligeiros de passageiros (com peso bruto até 3 500 kg e com lotação não superior a nove lugares, incluindo o condutor, que se destinem ao transporte de passageiros), os de passageiros (com mais de 3 500 kg e lotação não superior a nove lugares, incluindo o condutor) e os de utilização mista (com peso bruto não superior a 2 500 kg), desde que tenham tido uma primeira matrícula num estado membro da União Europeia ou Espaço Económico Europeu - afastando assim os veículos oriundos da Suíça - anterior a 1 de julho de 2007, e tenham sido importados ou admitidos em Portugal em ou após 1 de julho de 2007.

Neste sentido, e segundo diretrizes da Autoridade Tributária, aos contribuintes cujos veículos reúnam os mencionados requisitos assiste a possibilidade de requerer uma revisão da situação com vista à obtenção de um reembolso do valor excedente, entretanto pago nos últimos quatro anos – de 2016 a 2019 -, pela indevida classificação de categoria B e não A (no entanto, segundo entendimento dos tribunais, nesta situação, não tem a Autoridade Tributária vindo a ser condenada no pagamento de juros indemnizatórios). Embora a revisão dite para o futuro, tem vindo a Autoridade Tributária a optar pelo deferimento dos pedidos de reclamação, recurso ou revisão, nos casos em que esta tenha aplicado a lei anterior (considerando a data da primeira matrícula em território nacional).

Atendendo a que o facto gerador do imposto assenta na titularidade do veículo, ainda que este tenha sido vendido, existe a necessidade de a Autoridade Tributária apurar quem eram os proprietários, cabendo ao sujeito passivo do imposto (o contribuinte) diligenciar no sentido de atestar essa mesma titularidade pela matrícula ou registo em território nacional.

Para um acompanhamento especializado em termos legais e burocráticos, saiba que pode sempre contar com o apoio de um solicitador.

* Artigo publicado ao abrigo da parceria entre o "Diário do Alentejo" e a Ordem dos Solicitadores e dos Agentes de Execução

Quer melhores leis europeias? Diga-nos como

SOFIA COLARES ALVES
REPRESENTANTE DA COMISSÃO EUROPEIA EM PORTUGAL

Sabia que todos podem contribuir para a elaboração das políticas da União Europeia? Desde sugestões para reduzir em 90 por cento das emissões de gases com efeito de estufa até 2050 até ao crédito ao consumo ou mesmo à segurança dos produtos, a Comissão Europeia quer redigir propostas de lei bem fundamentadas e de elevada qualidade e ser aberta e transparente sobre isso. A opinião dos cidadãos começa a ser ouvida ainda antes de a comissão pegar na caneta para redigir uma proposta, e os cidadãos podem sempre fazer os seus comentários, mesmo após as leis estarem em vigor. Como?

A sua opinião pode ser dada em qualquer etapa do processo de criação de leis. Por exemplo: quando em 2016 a Comissão Europeia identificou uma lacuna nas regras da UE sobre pensões, redigiu um roteiro - um documento onde descreve o que pretende fazer para colmatar a lacuna - e pediu a opinião aos cidadãos sobre ele, que pôde ser dada durante quatro semanas.

Essas opiniões foram utilizadas na transformação do roteiro em opções políticas mais concretas, que foram depois novamente apresentadas aos cidadãos numa consulta pública, para nova ronda de opiniões, e dessa vez durante 12 semanas. Isso permite que os cidadãos vejam como as suas opiniões foram usadas e possam perceber se há mais alguma alteração que gostassem de sugerir.

Só nesta fase é que a Comissão Europeia se dedica a escrever uma proposta de lei. Como se pode ver, a auscultação dos cidadãos começa muito antes de a lei ser redigida, mas não se fica por aqui. Como é hábito, a lei é enviada ao Parlamento Europeu e ao Conselho da UE, e a acompanhar esse envio vão também todas as opiniões recebidas até essa fase. E é também novamente posta em consulta, para que os cidadãos possam comentar a proposta de lei em concreto que resultou da articulação das ideias da comissão e da opinião recebida. Mesmo depois de uma lei estar publicada, a comissão está interessada em saber o que está ou não está a funcionar, e como as leis poderiam ser melhoradas.

Atualmente estão abertas várias consultas, em que todos podem participar, indo a https://ec.europa.eu/info/law/better-regulation/have-your-say. Por exemplo, a consulta pública sobre a estratégia para uma mobilidade inteligente e sustentável estará aberta até ao final de setembro, e a consulta sobre o pacote legislativo para os serviços digitais até ao início de setembro. Qualquer idioma oficial da União Europeia pode ser utilizado para dar opinião, e as opiniões submetidas ficam disponíveis para serem lidas e consultadas por todos os que desejem saber o que foi dito a propósito de um determinado processo legislativo, garantido assim que nenhum comentário é ignorado.

Em 2020, a distância física já não precisa de ser uma barreira, e é possível participar ativamente em todos os processos legislativos que decorrem em Bruxelas e em Estrasburgo. Contamos com a sua participação nas próximas consultas públicas?

HÁ 50 ANOS

CARLOS LOPES PEREIRA

Diário do Alentejo

Nota do Dia

Telefones: mal generalizado

NOTICIAS DE ONTEM E DE HOJE

IMAGENS MUNDAIS

A verdade de cada um

A Feira de Beja

RECORTE

DIÁRIO de Além-Mar

"NÃO TELEFONE. VÁ QUE É MAIS DEPRESSA!"

"As demoras e deficiências nas ligações telefónicas interurbanas não são (infelizmente, acrescentaremos já) 'privilégio' da cidade de Beja, onde o problema, como temos referido, assume aspectos chocantes e é motivo quotidiano de perturbações, prejuízos e arrelias para os utentes – que pagam e pagam bem". Intitulada "Telefones: mal generalizado", assim começa a Nota do Dia da edição de 19 de agosto de 1970 do "Diário do Alentejo". E prossegue:

"Outras terras do distrito, como Almodôvar e Cuba, se queixam de idêntica (e incompreensível) situação, a que parece não haver muita pressa em dar remédio ou esclarecer publicamente, como seria elementar e era norma, anos atrás, dos serviços dos CTT. Também a capital do País não foge à regra, como se pode ver em comentários recentemente (no mesmo dia, por sinal) publicados no 'Diário Popular' e no 'Diário de Lisboa'.

Escreve o primeiro: 'Tempos houve em que o slogan era Não vá, telefone. Agora, o melhor que o assinante ou simples utente de telefone tem a fazer é ir mesmo e não telefonar. (…) Situação irremediável? Diremos que não. O que urge fazer, parece-nos, é um profundo estudo do funcionamento das linhas telefónicas, verificar os possíveis erros do sistema, equacionar os problemas de conservação do material e de rendimento do serviço a prestar, no sentido de salvaguardar os legítimos direitos que assistem a milhares de pessoas, assinantes ou não'. Diz o segundo jornal: 'O que é que se passa com os telefones de Lisboa e Porto? A crisma é recente, mas o público está a ser mal servido mesmo. Todos quantos têm telefone e fazem duas ou três chamadas para responder finalmente o número que ligam sabem que não é modelar o serviço telefónico nacional. E não é só isso. Chamadas que se pedem para fora e não mais chegam, informações que se solicitam e não nos são dadas. O cabo dos trabalhos, a ponto de se dizer hoje correntemente: – Não telefone. Vá que é mais depressa! E é.'

Como bem se vê, as deficiências no serviço telefónico são assim um mal generalizado, a que urge pôr cobro. Alguma coisa está errada na sua estruturação (técnica ou administrativa) e impõe-se a coragem e o emendar. Será pedir muito?".

Estatuto editorial do "Diário do Alentejo"

1. O "Diário do Alentejo" é um jornal semanário regionalista, de informação geral, que pretende através do texto e da imagem dar cobertura aos acontecimentos mais relevantes da região, e que sem se remeter a posições de neutralidade proporciona espaço ao pluralismo político e de ideias, e aos valores da democracia e da liberdade.

2. O "Diário do Alentejo" é um jornal semanário independente cuja linha editorial é submetida a critérios de total rigor e seriedade, recusando quaisquer influências ideológicas ou dos poderes político, económico e religioso.

3. O "Diário do Alentejo" produz um jornalismo transparente, abrangendo os mais variados campos da sociedade portuguesa em geral e da alentejana em particular, com exigência e qualidade, através de um trabalho eficaz, criativo e interativo, com o objetivo de bem informar e esclarecer um público plural.

4. O "Diário do Alentejo" não estabelece quaisquer hierarquias para as notícias e pretende contribuir para o debate e a reflexão sobre as grandes questões da região e do País, pelo que cria espaços apropriados para expressão de opiniões e não estabelece barreiras a qualquer corrente de comunicação.

5. O "Diário do Alentejo" considera que os factos e as opiniões devem ser separadas com evidência: os primeiros são intocáveis e as segundas são livres.

6. O "Diário do Alentejo" determina como únicos limites para a sua intervenção aqueles que são determinados pela lei, pela deontologia jornalística e ética profissional e por tudo aquilo que diga respeito à vida privada de todos os cidadãos.

ENSAIO

No território que hoje é a cidade de Beja instalaram-se, há dois milénios, colonos romanos como Maria Prisca, que se misturaram com os antigos habitantes de uma cidade muito importante que já existia na Idade do Ferro. A Pax Julia ofereceu César Augusto (esse mesmo, o primeiro imperador romano, sobrinho-neto de Júlio César) as portas da cidade, entre os anos de 4 e 2 a.C.. A cidade era grande, para os nossos padrões e cosmopolita, capital de um vasto território que ocupava todo o sul da Lusitânia, desde a serra da Arrábida até ao Algarve; do litoral à atual fronteira com Espanha. Aqui se instalaram pessoas oriundas das mais variadas partes do império.

Um olhar sobre Beja e o território do Baixo Alentejo há dois mil anos

2000

TEXTO **JORGE FEIO**

Sentei-me diante do computador e pensei: como seria efetivamente a cidade de Beja e o seu território há dois milénios atrás. Como a noite estava já muito adiantada, debrucei-me tanto sobre o computador… que me deixei dormir. Melhor escrevendo, debrucei-me tanto sobre o assunto que achei por bem que seria melhor deixar o meu subconsciente tratar do assunto. Por vezes, nada melhor do que um sonho para descobrir a verdade. Afinal de contas, como escreveu o poeta Manuel Alegre, "o sonho comanda a vida". E sonhei!

Neste meu sonho, duas jovens mulheres viajavam de barco. Vinham ambas de Roma. Uma chamava-se Maria Prisca e era uma cidadã romana; a outra era a serva (escrava) preferida da primeira, de seu nome Nereida. O irmão desta última, Nerito, morrera em Roma antes do início da viagem e não pudera acompanhá-las como previsto. Apesar da tristeza de ambas pela sua morte muito precoce, a viagem tinha de ser concluída. Porquê? Porque Maria Prisca era filha de um antigo oficial de uma das legiões de Augusto, que fora colocada, depois de reformados todos os militares, na recém-fundada Pax Julia.

Todos receberam o seu quinhão de terra (cerca de 50 hectares cada um) e, falecido recentemente o seu pai, Maria Prisca tinha herdado esse terreno. Fazia essa viagem com gosto, mas também com muito receio. Era filha única e herdou, por direito, uma fortuna. Numa altura que também estava farta dos muitos vícios da "cidade eterna". Por isso, pensou imediatamente na mudança para uma cidade recém-criada, onde podia agora recomeçar a sua vida.

Regressando ao início do sonho – da história quero eu escrever – viajavam estas duas mulheres de barco e o barco aportou em Gades (a atual Cádis), cidade que funcionava como uma grande plataforma comercial. Após uma dura viagem, aportaram a Myrtilis [Mértola], onde pernoitaram. Era uma das mais antigas e importantes cidades deste território. À sua volta ainda se viam as imponentes muralhas da Idade do Ferro. Era uma cidade de origem Turdetana, muito virada para o contacto com o Mediterrâneo. Uma verdadeira cidade cosmopolita. Estava em obras.

O fórum comercial tinha acabado de ser construído junto do porto. Tinha um templo dedicado a Fortuna e outro dedicado à família imperial. No topo, na acrópole, encontrava-se outro fórum, o político. O traçado das ruas era diferente daquilo a que estavam habituadas. Myrtilis era uma cidade construída em socalcos, não em quarteirões traçados em esquadria, ruas direitas, como era hábito nas cidades romanas.

Maria Prisca e Nereida desceram no porto de Mértola e rapidamente subiram ao fórum. Esperava-as um amigo da família, Lucrécio de seu nome, que tinha propriedades junto a Myrtilis, onde iriam pernoitar. Passaram junto do templo consagrado à família imperial. Ainda não tinha estátuas, pois o "velho" Augusto, sogro de Agripa (amigo de infância do pai de Maria Prisca) e general que os comandou na batalha do Atium, falecera apenas há seis anos, altura em que Tibério iniciara o seu principado. Mas o facto de Myrtilis pretender homenagear o grande e divino Augusto queria dizer algo: que fora este imperador o grande responsável pelo engrandecimento da cidade. Sob a sua égide, Myrtilis recebera o direito latino velho, fora elevada à categoria de 'municipium' e fora alvo de uma grande reforma urbana, que culminou

“Pax Julia era então um grande estaleiro de obra. Todo o saneamento básico estava feito (as famosas cloacas por onde, ainda hoje, passados dois mil anos, escorrem parte dos esgotos de Beja), a ligação das águas públicas e privadas. O fórum, com o sumptuoso templo dedicado ao imperador Tibério, acabara de ser construído, assim como o teatro, as termas e outros edifícios públicos. Os quarteirões e os grandes edifícios privados estavam quase concluídos”.

com a construção do fórum próximo do porto.

De pronto, seguiram os três para a propriedade

de Lucrécio, situada duas milhas a norte, junto da via que liga Myrtilis a Pax Julia, onde Lucrécio tem outras propriedades. O terreno desta ‘villa’ era muito diferente daquilo a que Maria Prisca estava habituada em Itália. Aparentemente, a terra era pouco fértil, logo seria pouco produtiva. Mas Lucrécio explicou-lhe que não seria bem assim. Aquelas terras eram boas para produzir vinho e pastagens para gado. Com o gado, caprino ou ovino, poderia obter boas produções de leite e de queijos, de peles ou de lã. Também poderia ter vacas, também com boa produção de leite e de queijo, acrescentando-se os couros. E mais: poderia ainda investir na produção de uma produção tão importante à mesa de qualquer romano: o mel! Os conterrâneos de Maria Prisca utilizavam o mel na culinária, nos frutos secos, no vinho. Logo, era rendimento garantido.

Noutras propriedades do território de Myrtilis, Lucrécio obtivera autorização para explorar cobre e prata e à custa de tudo isto enriquecera o suficiente para anexar mais propriedades à que lhe tinha sido entregue na centuriação de Pax Julia. Era agora um homem milionário, que se encontrava na carreira senatorial. Auferia mais de um milhão de sestércios por ano!

De manhã, acompanhadas por dois servos (escravos) e um liberto (antigo escravo) de Lucrécio, seguiram de carroça para Pax Julia, em cujo território entraram assim que atravessaram a ribeira de Terges e Cobres. A estrada era antiga e já existia há, pelo menos, uns 500 anos. Ligava Myrtilis a Olisipo (Lisboa), passando por Pax Julia e Salacia (Alcácer do Sal). Mas estava impecável, como se fosse nova. Afinal de contas, Myrtilis era o porto privilegiado de Pax Julia.

Os terrenos desta cidade eram bem diferentes daquilo que tinham visto em Myrtilis. Afinal de contas, os “barros” aqui existentes eram os mais produtivos da Lusitânia. Por todo o lado se viam ‘villae’ pujantes, cheias de trabalhadores (servos ou colonos), com muitas árvores de fruto, abundantes olivais, amendoais, searas de trigo e de centeio. Maria Prisca jamais pensara que saíra da grande urbe, mas que não deixara a civilização, como usa dizer-se. Conseguia perceber agora a riqueza do seu amigo Lucrécio. Este soubera fazer a leitura correta e, em vez de concentrar as suas propriedades junto a uma só cidade, tinha terrenos em vários locais, com distintos tipos de produção, aproveitando-os ao máximo para obter uma grande rentabilidade. Aliás, ao jantar, ele convidara-a a investir com ele e com um tal de Lucius Cornélius Bocchus num grande empreendimento de produção de preparados piscícolas que este pretendia iniciar na ilha de Achale (Tróia), diante de Caetobriga (Setúbal). Ela tinha ficado tentada a participar, até porque sabia o quanto os cidadãos de Roma apreciavam estes produtos.

No final do dia chegaram à zona que hoje conhecemos como Portas de Mértola e entraram na cidade. Pax Julia era então um grande estaleiro de obra. Todo o saneamento básico estava feito (as famosas cloacas por onde, ainda hoje, passados dois mil anos, escorrem parte dos esgotos de Beja), a ligação das águas públicas e privadas. O fórum, com o sumptuoso templo dedicado ao imperador Tibério, acabara de ser construído, assim como o teatro, as termas e outros edifícios públicos. Os quarteirões e os grandes edifícios privados estavam quase concluídos. Pax Julia fora uma cidade indígena, que aceitou ser transformada em colónia mista. Era monumental e cercada por uma grande muralha, cujas portas tinham sido oferecidas pelo “grande” Augusto. Tinha ali sido planeada uma grande cidade. Uma cidade destinada a ser

PAULO NARCISO

“Aparentemente, a terra era pouco fértil, logo seria pouco produtiva. Mas Lucrécio explicou-lhe que não seria bem assim. Aquelas terras eram boas para produzir vinho e pastagens para gado. Com o gado, caprino ou ovino, poderia obter boas produções de leite e de queijos, de peles ou de lã. Também poderia ter vacas. E mais: poderia ainda investir na produção de uma produção tão importante à mesa de qualquer romano: o mel”.

capital de algo, pensara Maria.

Maria Prisca, Nereida e os seus acompanhantes entraram na cidade e dirigiram-se imediatamente ao fórum onde se encontrava Marco Aurélio. Este tinha sido ‘aedil’ em Pax Julia e atingira o ponto alto da sua carreira equestre quando passou a exercer o cargo de flâmine [sacerdote] de Tibério. Era um homem de grande têmpera e personalidade. Afinal de contas, Tibério não gostava que lhe prestassem culto, mas Marco Aurélio e Pax Julia resolveram contrariar o imperador. No bom sentido, claro!

Marco Aurélio recebeu-as e convidou-as para ficar em sua casa. Era filho de Marco Aurélio Avito, amigo de longa data do pai de Maria Prisca. No dia seguinte fez questão em acompanhá-las à sua ‘villa’ situada um pouco a norte, junto de um ‘vicus’ [povoado] chamado ‘cupa’ [atual Cuba]. Aqui pôde ajudá-las a reerguer a ‘villa’ e a torná-la pujante.

Algum tempo depois, Nereida faleceu de forma súbita e Maria Prisca ergueu um monumento em sua honra e do seu irmão, Nerito. Entretanto, o convívio cordato com Marco Aurélio resultou em namoro e em casamento e enquanto o marido andou um pouco por todo o império Maria prisca geriu com mestria as propriedades de ambos.

Era também uma mulher ligada às artes e investiu, juntamente com o marido, imenso dinheiro na implementação do teatro e de concertos em Pax Julia. Com o seu labor, chegaram à cidade poetas, escritores, cantores e compositores, que se instalaram e transformaram a cidade numa verdadeira “capital da cultura” greco-latina.

A cidade de Pax Julia cresceu muito e tornou-se realmente na capital de um território: o Conventus Pacensis, que abrangia todo o sul da Lusitânia, desde a serra da Arrábida, rio Tejo e fronteira entre Vila Viçosa e Elvas, até ao Algarve; do litoral à atual fronteira com Espanha. De Pax Julia dependiam cidades como Abelterium (Alter do Chão), Arannis (Santa Bárbara de Padrões), Baesuris (Castro Marim), Balsa (Tavira), Caetobriga (Setúbal), Cilpes (Silves), Civitas Mirietanorum (Alvito), Collorum (Garvão?), Ipses (Alvor) Lacobriga (Lagos), Liberalitas Julia Ebora (Évora), Mirobriga Celtica (Santiago do Cacém), Myrtilis (Mértola), Portus Hannibalis (Portimão) e Salácia (Alcácer do Sal).

De Pax Julia dependiam ainda o couto mineiro de Vipasca (Aljustrel) e o grande acampamento militar de Castrum Vetere (Castro Verde).

Acordei do meu sonho e pensei: há dois mil anos vieram uns fulanos de Itália e do norte de África e viram, com olhos de ver, as potencialidades de Beja e do seu território. Aproveitaram o seu poder, como verdadeiros senhores deste território, e criaram aqui uma grande cidade, capital de um vasto território, construíram novas e duradoras acessibilidades e investiram na exploração a sério daquilo que designamos por setores primário e secundário da nossa economia (agricultura, mineração, pescas …), exploraram tudo. O seu impacto no território foi tão forte que durou até aos nossos dias e Beja continua uma “senhora” altiva, poderosa, culta e rica, sobretudo no seu património, herdeira direta de todo esse período grandioso.

DESPORTO

“Sou muito adepto da filosofia anglo-saxã de intervenção cidadã. Acho que todos devemos deixar o mundo um pouco melhor do que o encontrámos, como postulava Baden-Powell, todos devemos melhorar a nossa rua, o nosso bairro, a nossa cidade, sem esperar e reclamar com os ‘outros que não fizeram’. E acho que a melhor maneira é partilhar essa noção com os mais novos, pelo exemplo, de modo a que eles próprios sejam o exemplo a seguir mais tarde nas suas vidas, num ciclo virtuoso de serviço ao próximo”.

Filipe Campêlo

piloto

TEXTO E FOTO **FIRMINO PAIXÃO**

Que lição de vida! Que legados nos vão deixando pessoas fantásticas com quem nos cruzamos no dia-a-dia, e que nem sempre deixam vir à flor da pele os valores e os ideais que as tornam em exemplos tão sublimes. O comandante Filipe Campêlo nasceu em Lisboa há 51 anos, filho de um pai com “pronúncia do norte” e de uma mãe lisboeta e irrequieta, também com ligações ao norte do País, região “onde havia uma maravilhosa quinta dos avós de onde saíamos de manhã, por montes e vales, e voltávamos quando nos dava a fome”, recorda Filipe Campêlo, sublinhando que “foram tempos muito felizes”, com longas estadias na quinta, acompanhando o avô na faina de pequeno agricultor.

Desse tempo vem também a memória das férias de praia, em Santa Cruz, a escola primária, onde criou a sua mais antiga amizade, “ainda hoje assídua”, bem como “as brincadeiras, a escola preparatória que ficava no meio de nenhures, com um ribeiro nas traseiras e um denso pinhal do outro lado, os escoteiros que me aparecem à frente, nessa altura, pela mão de um colega e vizinho e que tanto me definiram como pessoa”.

Sobre o percurso académico, confessa o comandante (já lá iremos) que correu sem percalços de maior: “Tive a fortuna (pelo menos à luz das pedagogias da altura) de ter a mãe em casa até à primária, que correu sem sobressaltos, onde tive uma daquelas extraordinárias professoras de que ainda hoje recordamos o nome, a cara e o tom de voz. E a reguada. Mas foi só uma. E provavelmente merecida…”

Veio o secundário, depois o preparatório, as ciências, a tecnologia e as vivências com as raparigas das humanísticas. “Estava fadado para a eletrónica e eletrotécnica, mas o ‘bichinho’ nascido nas férias de infância na praia de Santa Cruz e uma gigantesca dose de coincidência (dizem que isso não existe...) ditou que um colega de turma aparecesse um dia com uns folhetos da Força Aérea Portuguesa (FAP) para candidatos a piloto. Encontrei-o uns anos mais tarde a bordo de um avião da TAP. Eu era o comandante. Ele era engenheiro eletrotécnico”.

Era o tal ‘bichinho’ da praia de Santa Cruz que frequentou uns dois ou três verões seguidos. “Numa ocasião, ainda nem teria seis anos, houve um festival aéreo no aeródromo, que ainda hoje tem o nome da localidade (Santa Cruz/Torres Vedras). Lembro-me de uma exibição dos saudosos Asas de Portugal, da descolagem de um helicóptero a escassa distância, suficiente para abanar significativamente o carro onde estávamos. Por muito que eu implorasse, os pais não me deixaram ter direito ao batismo de voo”.

Mas a vontade de voar, como descobriria nos tempos de liceu, tinha ficado. “Isso é para super-homens!, foi a frase que mais ouvi no meu grupo de amigos, quando anunciei a minha candidatura a piloto da Força Aérea. Dei-lhes sempre a mesma resposta: - só vou saber se tentar. Um princípio que me tem orientado pela vida fora com muito bons resultados. E umas cicatrizes na pele”.

Filipe Campêlo entrou como piloto miliciano na FAP em 1987, onde fez o curso em DHC-1 Chipmunk, que qualifica como “uma deliciosa máquina do pós-II Guerra Mundial”, e no Cessna T-37, onde diz ter tido “a honra e felicidade de ser aluno dos Asas de Portugal de então”. Após uma curta passagem pela escola de aviação Aerocondor, como instrutor de voo, entrou na TAP Air Portugal em 1998, onde permanece até hoje e sob cuja bandeira voa para muitos cantos do mundo.

Mas, entretanto radicou-se em Beja, no coração da planície… “Olhe, a Biblioteca de Beja tinha sido, recentemente, nomeada como a melhor biblioteca municipal do País, por um jornal nacional. Quando precisei de um passaporte para o meu filho mais velho (então com cerca de três anos) passei do mês e meio de espera pela emissão do mesmo, para um ‘se estiver aqui às nove horas, damos-lhe o passaporte depois do almoço’. Não foi bem assim, foi melhor. Literalmente a meio do pequeno-almoço, a funcionária ligou-me para o telemóvel (ainda era uma razoável novidade na altura) a informar que o passaporte estava pronto. A atenção por parte da funcionária tocou-me. Depois, com o nascimento do segundo filho o apartamento de Lisboa ficou curto. A opção de sair de Lisboa pareceu-me natural e ainda mais natural a opção por Beja. As pessoas são simpáticas e as coisas funcionam. O resto foi mais uma sequência de coincidências alinhadas. Daquelas que se diz não existirem”.

Uma vez em Beja, criou e assumiu outro comando: o Grupo 234 dos Escoteiros de Portugal. Ajudar o próximo está-lhe na “massa do sangue”. É a sua missão de cidadania, perante a sociedade? “Sabe, tudo nasce quando, como qualquer outro pai, me preocupei com que ‘tribo’ os meus filhos se iriam identificar nas idades críticas da adolescência. E também porque procurava algo que eu pudesse partilhar com eles e com o qual me identificasse. Resgatei os meus tempos de escoteiro na juventude e achei que fazia sentido para os meus filhos. Como não havia nenhum grupo de escoteiros em Beja e porque não sou do género de ficar sentado a dizer mal porque os outros não fizeram, pus mãos à obra e com um grupo de outras pessoas dinâmicas e dedicadas fundámos o Grupo 234”.

Mas, afinal, o que o faz correr por esses montes e vales do Alentejo? “Parafraseando George Mallory, ‘porque estão lá’. A corrida de ‘trail’ conjuga duas coisas de que gosto muito, a corrida em si e o andar no mato”. Feliz e sem arrependimentos por este percurso está pronto para novos desafios, nem que seja para cumprir um outro sonho: “Ser astronauta”.

A Associação de Galgueiros de Cuba realiza amanhã, dia 22, uma corrida de galgos noturna com caráter de beneficência. A prova decorrerá na pista municipal de Cuba, onde o município local inaugurou recentemente um sistema de iluminação. O período de inscrições decorrerá entre as 17:00 e as 18:00 horas, seguindo-se as provas. As receitas angariadas reverterão para o bombeiro Carlos Heleno, 29 anos, uma das vítimas do incêndio de Castro Verde, no passado dia 13 de julho, ainda hospitalizado em Lisboa.

Futebol Clube São Marcos tem-se revelado um emblema solidário

CONSOLIDAR IDEIAS…

O Futebol Clube de São Marcos vive um tempo de contenção financeira e de aposta na continuidade da sua equipa técnica e da maioria dos jogadores da época anterior. A permanência no segundo escalão do futebol distrital continua a ser o objetivo do clube gerido por Joel Tomé.

TEXTO **FIRMINO PAIXÃO**
FOTO **ANA LÚCIA**

Longe vão os tempos em que o Campo João Celorico Drago, em São Marcos da Atabueira, freguesia do concelho de Castro Verde, recebia autênticas romarias de adeptos para verem cintilar estrelas (cadentes) como Pitico, Adilson, Bruno Xavier, Fernando Mendes e Jorge Cadete. Os tempos mudaram e a prova desse novo paradigma é a confiança que o presidente do clube, Joel Tomé, tem nos seus atuais jogadores, de quem diz que "são os melhores, pela sua dedicação ao clube". O técnico Márcio Mestre continuará no banco na próxima temporada, com o objetivo, já definido, de se qualificarem para a segunda fase do distrital da II Divisão e chegarem o mais longe possível na Taça Distrito de Beja.

O Futebol Clube de São Marcos já projeta a próxima época desportiva?
Desde o ano desportivo anterior que a época seguinte começa a ser planeada. As primeiras notas baseiam-se em melhorar, com base no ano anterior. Em tempo de pausa, aproveitamos também para refletir e consolidar ideias.

Com a mesma ambição e a mesma humildade de sempre?
Sim, porque nós somos um clube pequeno, mas sempre ambicioso em alcançar os nossos objetivos. Humildade, sempre, para que possamos respeitar e ser respeitados nesse foco.

Como tem a comunidade do FC São Marcos vivido este tempo de pandemia?
Não perdemos o contacto, pois temos um grupo numa rede social, entre jogadores e equipa técnica, que nos faz manter próximos uns dos outros e onde continuamos sempre juntos, apesar de ser de forma diferente. Pois, além de um clube de futebol, somos uma família. Aproveitamos, também, para trocar ideias e sugestões para a próxima época. Enquanto clube, temos, em conjunto e na medida das possibilidades, ajudado algumas instituições, bem como habitantes de São Marcos, a Cruz Vermelha e os Bombeiros Voluntários de Castro Verde, com a doação de soluções alcoólicas e material de proteção individual, máscaras e luvas. Fizemos também um vídeo com a colaboração de todos os jogadores, equipa técnica e as suas famílias, com o intuito de transmitir uma mensagem de esperança sobre esta realidade que vivemos.

> O regresso ao escalão principal da AF Beja, para já, não é um objetivo. As verbas são poucas e é preferível fazermos um campeonato melhor na II Divisão do que um fraco na I Divisão. Talvez numa época vindoura essa meta venha a fazer parte dos nossos planos".

A DGS ainda não validou datas para início das competições amadoras, mas permite treinos. Se calhar, é ainda um pouco cedo para o plantel do São Marcos regressar ao trabalho…
No presente sim. Mas já temos a equipa formada, a qualquer momento temos condições para iniciar os treinos. Esperamos que, em breve, estejamos todos de volta.

A equipa técnica é a mesma da época anterior, Márcio Mestre e Filipe Estêvão?
Iremos manter a mesma equipa técnica, com muito gosto. Foi o primeiro ano do Márcio como treinador de seniores, mostrou muitos pontos positivos no sentido de se jogar com a 'bola no chão' e não de 'pontapé para a frente' como é o normal em muitas equipas da II Divisão Distrital. O Márcio é um treinador com muitos conhecimentos técnicos e com bons métodos de trabalho e, como temos uma equipa jovem e empenhada em aprender mais, torna-se mais fácil introduzir as suas ideias, fazendo com que nós possamos evoluir enquanto equipa.

Que metas lhe foram propostas para a próxima temporada?
Ir o mais longe possível na Taça do Distrito e conseguir o acesso à segunda fase do campeonato.

O regresso ao escalão principal da AF Beja não está nos vossos horizontes?
Para já não é um objetivo. As verbas são poucas e é preferível fazermos um campeonato melhor na II Divisão do que um fraco na I Divisão. Talvez numa época vindoura essa meta venha a fazer parte dos nossos planos.

E o plantel? Que novidades vão apresentar?
A equipa mantém-se, à exceção de dois jogadores que saíram por motivos pessoais, e iremos receber mais três novos reforços para completar a equipa.

Na próxima época prevê-se um número excecional de equipas a competir neste escalão. Isso tornará a prova mais competitiva?
Na minha opinião não será mais competitiva que o normal.

A comunidade local revê-se no clube da sua terra. Apoia e sente o emblema como seu?
É uma aldeia com poucos habitantes. Os nossos adeptos, obviamente que nos apoiam, estando presentes nos nossos jogos, treinos e até nos acompanham em jogos fora. Juntam-se também alguns apoiantes, amigos e familiares dos nossos atletas, pois uma grande maioria pertence ao concelho de Castro Verde.

A gestão não deve ser fácil? As dificuldades devem ser maiores que os apoios?
A gestão não é fácil, mas com trabalho e organização tudo se consegue.

Um piso relvado no Campo João Celorico Drago atrairia mais e melhores jogadores?
Sem dúvida, um piso relvado, será sempre um objetivo Seria atrativo a novos jogadores, mas melhores, duvido! Os nossos jogadores, para mim, são os melhores, pela sua dedicação ao clube. Um exemplo: para além de não serem remunerados, são prejudicados muitas vezes a nível profissional pois a maioria trabalha por turnos (nas minas), tendo muitas vezes de meter folgas e fazer trocas para poderem estar presentes nos treinos e nos jogos. A nível de tempo familiar também, apesar de nós fazermos questão que tragam as suas famílias e que nos acompanhem.

E os escalões de formação? A terra não tem jovens suficientes para avançar com pelo menos uma equipa?
Infelizmente, a povoação não tem jovens suficientes e Castro Verde, sendo muito próximo, consegue dar resposta em todos os escalões.

José Cebola, 55 anos, natural de Reguengos de Monsaraz, agente da Polícia de Segurança Pública, cumpre hoje a sexta de 20 etapas de uma volta a Portugal com mais de dois mil quilómetros, que está a realizar para angariar donativos para o lar de idosos da sua cidade, onde o surto de covid-19 fez 18 vítimas mortais. O ciclista venderá em cada localidade camisolas alusivas ao evento. A volta iniciou-se no passado domingo e terminará no dia 5 de setembro.

Bandeira da Ética, pela promoção de valores, foi hasteada em Milfontes

COM ESPERANÇA NO FUTURO

O Instituto Português do Desporto e Juventude (IPDJ) distinguiu o Clube Desportivo Praia de Milfontes com a atribuição da Bandeira da Ética, pela implementação do projeto "Pais em Campo", iniciativa de promoção dos valores éticos.

TEXTO E FOTO **FIRMINO PAIXÃO**

Clube Desportivo Praia de Milfontes Renato Vilhena e Marco Nunes

A promoção de boas práticas e dos valores éticos no desporto, através da inovação e da criação de uma marca de qualidade nas iniciativas desportivas, são fatores subjacentes ao processo de certificação de clubes, no âmbito do Plano Nacional de Ética no Desporto. Ponderando a importância destes valores, o Clube Desportivo Praia de Milfontes criou, há cerca de dois anos um gabinete de psicologia, liderado por Marco Nunes, que, além da dinâmica de grupo relacionada com a atividade desportiva, tem feito uma abordagem diferenciada junto da comunidade.

A responsabilidade por este investimento, terapêutico e social, que usa o desporto como plataforma, é do psicólogo Marco Nunes. "Pondo de lado a dinâmica desportiva relacionada com a psicologia temos também tido uma abordagem transversal à sociedade. Surgiram então algumas parcerias, desde a comissão de proteção de crianças e jovens de Odemira, a Taipa, a Operação Nariz Vermelho e, então, o projeto 'Pais em Campo' ganhou forma" em duas vertentes. Uma delas, explica, "ligada especificamente à necessidade de o clube elaborar o processo de certificação junto da Federação Portuguesa de Futebol, que nos obriga anualmente a submeter um projeto ao IPDJ, para satisfazer um dos critérios exigidos pelo processo de certificação".

Nessa medida, refere o psicólogo, foi escolhido para primeira candidatura o tema da participação dos pais na vida desportiva dos filhos: "Em primeiro lugar, é um tema recorrente onde, a par de bons exemplos, existem outros muito maus pelo País fora. Quisemos, por um lado, ganhar a confiança dos pais, que olham ainda para estas questões com desconfiança e, acima de tudo, fornecer-lhes alguma informação com caráter científico, para podermos influenciar o comportamento dos nossos jovens através também dos pais".

Marco Nunes assinala que "a literatura espelha que os pais têm um papel modelador junto dos seus filhos e são figuras de referência". Por isso, o projeto apostou em "tocar os pais", para que possam influenciar, de forma positiva, os filhos. "O projeto nasceu com este propósito".

Reconhecendo que "nem sempre é fácil quantificar os resultados destes projetos", Marco Nunes explica que "os critérios tiveram mais a ver com comportamentos observáveis e com um inquérito feito aos pais, para obtermos o retorno da ação. Aí, a avaliação foi muito positiva mas se depois tem repercussões objetivas e claras no futuro, quer nos pais, quer nos seus educandos, já existe alguma reserva, naturalmente".

A verdade é que o IPDJ premiou o mérito do projeto com a atribuição da Bandeira da Ética. "É costume dizer-se que qualquer tipo de prémio acaba por ser um reconhecimento do trabalho e esta certificação é mais um desses reconhecimentos que veio, de certa forma, premiar o esforço, a entrega e a participação dos pais, porque eles tiveram realmente uma quota-parte muito ativa. Por isso, esta Bandeira da Ética é também deles".

Na próxima época desportiva, o projeto manter-se-á, mas em paralelo com uma nova candidatura, diz o técnico. "Apesar de ficarmos certificados dois anos com a Bandeira da Ética, somos novamente obrigados a submeter um novo projeto. Vamos abordar outro tema e, simultaneamente, irá decorrer a participação dos pais". Quanto à temática do novo projeto, que Marco Nunes garante estar já delineado, ela não é ainda conhecida porque está a ser analisada pelos diversos parceiros.

OBJETIVOS DESPORTIVOS Na vertente competitiva, e ainda que num contexto de incertezas, o vice-presidente do Praia de Milfontes, Renato Vilhena, revelou ao "Diário do Alentejo" que a próxima época está planeada e em todos os escalões etários. O dirigente lembra que a equipa de seniores "é a que começará mais cedo, mas está preparada e a aposta volta a ser na juventude, que é aquilo que nos alimentará nas próximas épocas".

"Temos a participação na Taça de Portugal, agendada para o dia 27 de setembro, vamos começar a treinar no início do mês, mas aguardamos as indicações da Direção-Geral da Saúde e vamos ver o que isto dará… haverá sempre algum receio e alguma apreensão, uma vez que este é um tempo de incertezas face a um problema que não é visível e que nos deixa com algumas dúvidas" comenta Renato Vilhena, referindo-se ao atual contexto pandémico".

De acordo o dirigente, o clube tem "tudo preparado, equipa técnica e jogadores, para, mais uma vez, lutar pelos primeiros lugares". As metas que a equipa quer atingir também já estão traçadas: " "O foco será sempre fazermos o melhor possível no campeonato, com um 'olhinho' na Taça, porque nas últimas épocas temos feito a nossa história na Taça Distrito de Beja. No campeonato, naturalmente, lutaremos pelos primeiros lugares, sem nenhuma obsessão pela subida, mas lutando sempre pela melhor posição possível, sem esquecer que temos muita juventude".

Sobre uma eventual promoção ao Campeonato de Portugal, Renato Vilhena admitiu que esse continua a sua um projeto em cima da mesa: "Tenho uma convicção que me acompanha enquanto dirigente do clube, que um dia esse momento chegará. Vamos fazendo a nossa parte, jogando, lutando e veremos quando chegará esse dia". Quanto ao plantel, anunciou, com alguma ironia, que haverá "cinco reforços vindos de um clube que nos tem ajudado bastante, que é o Praia de Milfontes".

A Federação Portuguesa de Futebol já estabeleceu o dia 20 de setembro próximo, como data início do Campeonato de Portugal e o dia 27 do mesmo mês para disputa da primeira eliminatória da Taça de Portugal. As datas anunciadas poderão, contudo, ser alteradas, dependendo de novas orientações da Direção-Geral da Saúde, sobre o contexto pandémico que atualmente se vive.

Moura aguarda orientações da DGS e FPF para regressar ao trabalho

"HONRAREMOS A CAMISOLA"

O regresso do Moura Atlético Clube às competições nacionais foi marcado pela aposta no treinador Pedro Duarte, que manterá João Portela na sua equipa técnica. O foco está, em primeira análise, na manutenção e, num segundo momento, será avaliada a possibilidade de uma meta mais ambiciosa.

TEXTO E FOTO **FIRMINO PAIXÃO**

Pedro Duarte, 48 anos, treinador com um largo percurso no Sport Clube Torrense, de Torres Vedras, faz em Moura a sua quarta incursão no futebol alentejano, depois de ter passado pelo Eléctrico Futebol Clube, de Ponte Sor, União Sport Clube, de Santiago do Cacém e Sport Clube Mineiro Aljustrelense, emblema que na última temporada orientou durante treze jogos. Perspetivando a próxima época desportiva, ainda envolta em muitas incertezas, devido ao contexto de pandemia em que o País vive, o treinador deixa aos mourenses a promessa de muito trabalhão e a certeza de que a equipa será digna no emblema e do território que representa.

Como surgiu a oportunidade de liderar o Moura Atlético Clube neste regresso do emblema mourense ao Campeonato de Portugal?
O meu ingresso no Moura Atlético Clube aconteceu naturalmente. Já conheço o presidente do clube, Luís Jacob, desde há meia dúzia de anos. Temos uma relação de grande amizade e esta época surgiu o convite para treinar a equipa que eu aceitei prontamente.

A sua carreira foi, maioritariamente, construída no Torreense, mas este é o quarto desafio que aceita no Alentejo, depois do Eléctrico, União de Santiago e Aljustrelense.
Sim, na verdade a minha carreira de treinador foi iniciada e construída no Sport Clube União Torreense, com passagens por todos os escalões, mas também como treinador adjunto na antiga zona sul da II Divisão. Depois surgiu a oportunidade de treinar durante quatro épocas no campeonato pró-nacional da Associação de Futebol de Lisboa, até ao ano de 2017, altura em que tive oportunidade de trabalhar no Eléctrico Futebol Clube, de Ponte Sor e as restantes passagens por clubes do Alentejo acabaram por surgir com alguma naturalidade.

Já tinha algum conhecimento do futebol mourense e da grande exigência da massa associativa?
Sim já conhecia… há cinco anos atrás tive oportunidade de assistir ao um jogo entre o Moura Atlético Clube e o Pinhalnovense e tive, realmente, a oportunidade de ver a grandeza do clube e perceber o elevado grau de exigência que os adeptos mourenses têm para com a sua equipa.

Surpreendeu-o a qualidade das infraestruturas do clube e a sua grande organização?
Como atrás referi, em 2015 quando da primeira visita que fiz ao estádio do Moura Atlético Clube observei um clube diferente daquilo que estava habituado a ver, com uma organização muito à frente, quer ao nível de infraestruturas, quer de recursos humanos.

Que metas lhe foram propostas para a próxima época desportiva?
As metas são claras. Em primeiro lugar, que o Moura obtenha uma classificação acima dos quatro últimos classificados, evitando qualquer percalço de despromoção e, uma vez conseguido esse patamar, vamos tentar alcançar outros objetivos internos.

O Campeonato de Portugal, em breve, será o quarto escalão do futebol nacional. O Moura Atlético Clube vai competir com o foco num lugar que lhe dê acesso à futura III Liga?
O que posso prometer é muita dedicação e muito trabalho para ganharmos o maior número de jogos. Agora, se vamos conseguir apenas mantermo-nos no Campeonato de Portugal ou se conseguiremos a promoção à III Liga… o fruto do nosso trabalho mais adiante o dirá.

O plantel mantém uma estrutura base de qualidade, com jogadores que já estão juntos há algum tempo. Essa será uma vantagem, mas, entretanto, já foram anunciados alguns reforços. Foram escolhas suas?
Os reforços foram escolhas feitas por toda a equipa técnica, no seu conjunto, e pelo responsável pelo futebol sénior do clube.

Como se define como treinador de futebol?
Sou um treinador que vive imenso os treinos e os jogos. Gosto de futebol com objetividade, um modelo que privilegia a posse de bola mas muito vertical. Sou bastante ambicioso, sou defensor de uma liderança forte e com muito rigor.

A equipa já pode treinar, embora com limitações, mas a data e as exigências sanitárias para que o campeonato se possa realizar, ainda são uma incerteza?
Nós ainda não iniciámos os treinos. Entendemos que não faz sentido estarmos a treinar quando a própria Federação Portuguesa de Futebol não tinha fixado uma data para o início Campeonato de Portugal, já definida agora para o dia 20 de Setembro.

Está confiante numa boa época? O que promete aos adeptos do Moura Atlético Clube?
Sim, estou bastante confiante. Sou uma pessoa com um caráter, muito positivo, sobretudo porque acredito no trabalho de toda a estrutura do futebol sénior, confio na minha equipa técnica e, sobretudo, acredito no valor e na atitude do plantel que temos ao nosso dispor. Aos adeptos do Moura Atlético Clube o que podemos prometer é muito trabalho e a certeza de que honraremos a camisola amarela que representa o clube, a cidade e o concelho de Moura

BOLA DE TRAPOS

JOSÉ SAÚDE

Ildo, até sempre!

Morreu o Ildo! A notícia chegou ao meu conhecimento como uma bomba-relógio. Primeiro, foi o Veiga Trigo; depois o Rosa Santos, dois antigos árbitros de futebol internacionais, que me colocaram ao corrente do seu falecimento. A nossa amizade foi sempre segura e dele guardarei eternas recordações. Mas quem foi o ser humano que agora nos deixou e se dedicou de corpo e a alma à prática futebolística ao longo de muitos anos?

Irreverente, hábil em lidar com as suas convicções, estilo inconfundível e de momentos na vida em que as privações ditavam planos ousados, Carlos Francisco Fernandes Venâncio, vulgo Ildo, nasceu em 3 de junho de 1945, em Beja, e foi um apreciável jogador de futebol. A sua infância não foi fácil. Oriundo de uma família onde predominava a escassez, Ildo, aos oito anos, rumou a Lisboa e instalou-se em casa de um tio, chefe da polícia na esquadra do Rato, um homem que usufruía de uma condição económica estável. Aos 14 anos conheceu o primeiro emprego na Sociedade Portuguesa de Automóveis, uma sucursal da Renault, na rua da Escola Politécnica, em Lisboa. No trabalho travou conhecimentos com dois rapazes residentes na zona de Palma de Baixo, lá para as bandas do jardim Zoológico, que o desafiaram para jogar nos juvenis do Palmense, equipa treinada por Saraiva, antigo campeão europeu pelo Benfica, sendo este o início de uma carreira realmente brilhante.

Despertar, Desportivo de Beja, Mineiro Aljustrelense e uma passagem por Angola, ao serviço do Benfica de Luanda, rubricam o historial de Ildo, um jogador vezeiro de um futebol tipo "pica-pica". Com ele partilhei o balneário do Desportivo, sendo que foi também com ele que fizemos a ala direita do clube que, à época, se assumia como o mais emblemático grémio sul alentejano. Mais tarde, o seu velho saber abriu-lhe as portas para orientar equipas do futebol distrital. O Ildo sempre se avocou como fiel adepto do Desportivo. Foram anos como funcionário, onde a sua entrega foi total e de pontuais resoluções.

As portas da velha sede, na rua do Sembrano, abriam-se por capricho seu, independentemente das adversidades ocorridas ao símbolo que lhe preenchia a alma. Nos últimos anos, eu (já lá vão 14) e ele (em tempos mais recente) fomos companheiros de um infortúnio que dá pelo nome de AVC. A nossa resistência física permitia-nos usufruir do estatuto de exemplares sobreviventes por parte dos técnicos da fisioterapia que atenciosamente nos seguiram.

Os dois participámos, em tempos, numa aula na Escola de Superior de Saúde de Beja, para alunos de terapia ocupacional, onde falámos nos nossos casos pontuais como doentes de AVC. Fizemos, no fundo, o mesmo percurso de vida. Eu e o meu "compadre", mesmo martirizados pelo mal, fomos figuras resistentes e deixámos explícito, quer no serviço de fisioterapia do Hospital José Joaquim Fernandes, em Beja, quer no Centro de Medicina e Reabilitação do Sul, em São Brás de Alportel, a nossa imensa ânsia de viver. Ildo, até sempre!

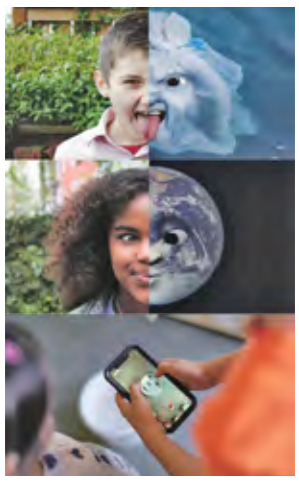
vitória vitória, conta a tua história

PÁGINA COORDENADA POR **RUTE REIMÃO**

Não percas

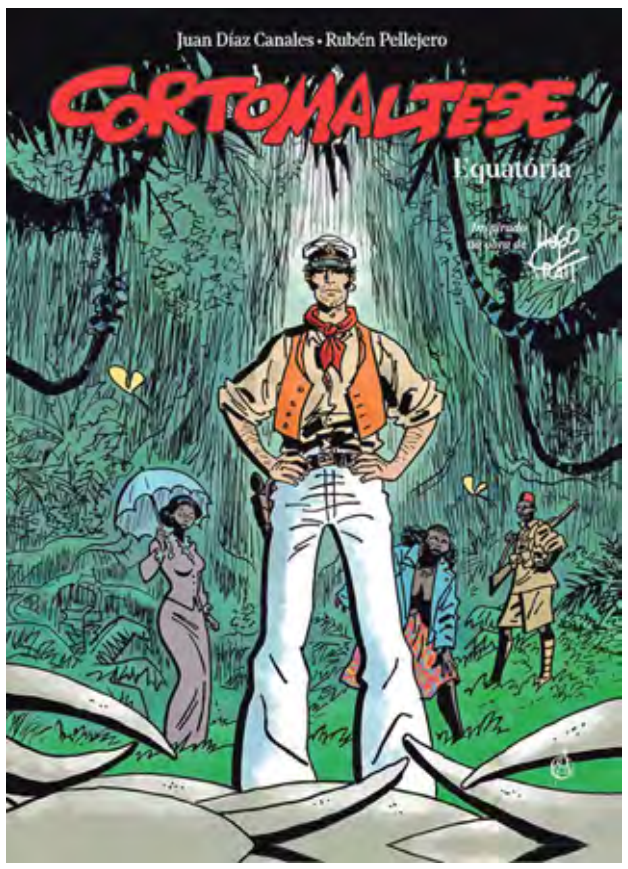
Earth speakr (APP)

Esta aplicação foi criada por um artista finlandês muito famoso chamado Olafur Eliasson. Todas as crianças da Europa podem participar, criando vídeos e mensagens divertidas (mas importantes!) sobre o Planeta. Esta app artística é interativa e usa tecnologia de realidade aumentada que te permite fazer vídeos muito engraçados. Depois, podes publicá-los e vê-los em *www.earthspeakr.art*. Ali encontraremos as mensagens criadas por crianças que vivem nos mais variados países europeus. Basta ir ao mapa e escolher um país!



À solta

Leitura Recomendada é a segunda versão da bedeteca ideal do bandasdesenhadas.com. Dela constam uma secção dedicada às edições de banda desenhada de países de língua portuguesa e outras às edições de banda desenhada de países de língua estrangeira, bem como uma terceira secção dedicada aos livros ilustrados. Uma seleção com livros do início de 1900 até aos nossos dias.
https://bandasdesenhadas.com/leituras-recomendadas/



Em casa

Casa na árvore

Muitos dos nossos meninos, apesar de viverem na cidade, têm avós com montes ou pequenos terrenos e ter uma casa na árvore foi sempre um sonho alimentado desde criança pela equipa da tua página. Se tiveres espaço "atira-te de cabeça" e concretiza este sonho. Nós atiramo-nos de cabeça nestas fantásticas ilustrações.

Becca Stadtlander

Red Cap Cards

A páginas tantas

A incrível história da meninapássaro e do menino terrível

AUTOR e ILUSTRADOR | Rodrigo Abril de Abreu
EDITORA | Editorial Presença
IDADE | 2+

Todos temos medos. Pequenos ou grandes, fugimos e tapamos os olhos. Mas e se o medo tiver algo valioso para nos ensinar E se, ao tirarmos o medo da sombra, nos descobrirmos a nós próprios
Este livro é um instrumento para a compreensão dos medos. Retrata um pequeno herói sem nome, com o qual a criança se pode identificar. Aborda temas como o desconhecido, as alturas, a escuridão, o silêncio e a dor. As ilustrações usam uma nova técnica que inclui a sombra da mão do autor, representando o medo e a sua superação.
Medo do Quê é um livro para pequenos leitores até aos 6 anos que, pela sua originalidade e qualidade de texto e ilustração, é adequado a qualquer idade.

"Tenho medo do escuro...
Aí nascem as estrelas".

Fora de portas

Tesouros escondidos

Para as famílias que decidiram ficar por casa e limitar as suas saídas a passeios relativamente pequenos, a Estrelas & Ouriços tem propostas de cortar a respiração de sítios em Portugal que merecem uma visita.
Consultem o *site https://estrelaseouricos.sapo.pt/programas/um-dia/tesouros-escondidos-para--descobrir-pelo-pais-21325.html* e deslumbrem-se...

Foz d'Égua

Algar do Carvão

ECONOMIA

Antão Vaz, a casta que gosta de olhar para a Serra do Mendro

Reportagem sobre esta casta autóctone da região da Vidigueira, considerada como uma das melhores, senão a melhor, casta branca do Alentejo

A casta Antão Vaz tem um passado misterioso e afirmou-se nas últimas décadas como a uva branca alentejana de maior notoriedade.

TEXTO **MANUEL BAIÔA**

José Miguel Almeida, presidente da Adega Cooperativa de Vidigueira, Cuba e Alvito, atribui essa fama à sua "regularidade e frescura". Desta forma, é uma casta amada pelos viticultores, pois, para além disso, tem uma produção generosa, está bem adaptada ao clima quente da peneplanície vidigueirense, apresenta excelente resistência à seca e à maioria das doenças e amadurece de forma homogénea.

Esta casta autóctone da região da Vidigueira é certamente uma das melhores, senão a melhor casta branca do Alentejo. Pode produzir vinhos de aromas citrinos e minerais, controlando a produção e o teor alcoólico, ou ainda, aromas a lembrar frutos tropicais, manga, maracujá e casca de tangerina. Com produções controladas mostra um bom equilíbrio de acidez, mas se a vindima for generosa pode faltar-lhe alguma frescura e persistência.

OS 'TERROIRS' DA ANTÃO VAZ Parece consensual que é na sub-região de Vidigueira que a Antão Vaz mostra todo o seu potencial. Contudo, podemos falar de algumas microrregiões onde a casta mostra diferentes facetas.

Filipe Teixeira Pinto, enólogo da Herdade do Sobroso, distingue três áreas. "Uma zona central, e talvez a mais representativa e com maior número de produtores, que vai desde Pedrógão até aos limites de Vila de Frades". Esta área "caracteriza-se por terrenos argilosos, com maior riqueza de matéria orgânica, em particular na sua vertente central e ocidental" e pela sua "uniformidade climática". Uma zona oriental, próxima do rio Guadiana, "onde se inclui a Herdade do Sobroso, que se caracteriza fundamentalmente por terrenos pobres de argila, xisto e calhau rolado. O clima aqui também é condicionado pela proximidade da Serra do Mendro, que aporta um fluxo constante de vento e elevadas amplitudes térmicas". Uma terceira zona, a mais ocidental, "que inclui Vila Alva e Vila Ruiva, cujo clima é mais influenciado pela frescura dos ventos marítimos, que nesta zona do território penetram até à Vidigueira, sem obstáculos naturais que os façam dissipar".

Para Francisco Mata, consultor de viticultura, a casta Antão Vaz atinge a sua máxima expressão em alguns 'terroirs' de Vidigueira: "dos solos pardos mediterrâneos de Vidigueira, passando pelos de origem granítica profundos de Vila de Frades, até aos solos vermelhos de xisto, em Vila Alva. É nestes terrenos ondulados com boas exposições solares, da vertente da escarpa da falha de Vidigueira, até à zona plana mais a sul, que a casta atinge a plenitude das suas performances".

Contudo, noutras regiões do Alentejo, a Antão Vaz também origina vinhos de enorme qualidade. Carlos Rodrigues, enólogo da Adega Mayor, refere que as suas vinhas estão plantadas em Campo Maior, no nordeste da sub-região do Alto Alentejo, em solos franco-argilosos de origem granítica, na periferia da Serra de São Mamede, a cerca de 300 metros de altura". Por isso, são "influenciadas pelo clima de "montanha", mais fresco e húmido, o que origina um branco de traça alentejana fresco, refinado e com fundo mineral".

O "CALCANHAR DE AQUILES" Para alguns especialistas, o ponto débil da Antão Vaz é a sua tendência para perder acidez rapidamente na vinha, podendo originar vinhos com pouca frescura e longevidade. Esta situação é mais evidente nas vinhas novas, com menor diversidade clonal, em vinhas de grande produção e fora da sub-região de Vidigueira.

Para minorar este problema, Luís Cabral de Almeida, enólogo da Herdade do Peso, defende a importância da escolha criteriosa da "data da vindima" para preservar a acidez. Rodrigo Martins, enólogo na Herdade das Fontes Bárbaras, concorda que a "casta Antão Vaz, vindimada com mais de 12,5% de álcool, realmente perde muita acidez, podendo originar vinhos menos vibrantes e com menos longevidade". Por isso, "o segredo para minorar esse problema, é realmente vindimar a casta de forma mais precoce".

Fábio Fernandes, enólogo da Herdade do Menir, acentua a necessidade de o Antão Vaz ser "vindimado na altura correta" para manter a frescura. Tiago Macena, enólogo da Adega Marel, revela que têm um "controlo da maturação exaustivo" pois, na Amareleja, devido ao calor, "um dia a mais ou a menos faz uma grande diferença" na evolução da maturação das uvas e na qualidade potencial dos futuros mostos. Outra técnica utilizada é a realização de mais de um período de vindima para esta casta, "obtendo mostos com diferentes características". Alexandre Relvas, enólogo da Casa Relvas, diz que a Antão Vaz "com uma data acertada de vindima demonstra grande elegância e um baixo teor alcoólico", já com 13,5% ou 14% de álcool, "vai ser meloso e pesado".

Sandra Alves, diretora de enologia do Esporão, confirma que a Antão Vaz é uma "casta com acidez relativamente baixa". Mas, seguindo boas práticas agrícolas produz vinhos de "personalidade vincada e boa longevidade". Por isso, "as produções não deverão ser excessivas, idealmente deverão situar-se entre oito a 10 toneladas por hectare; os solos profundos ajudam a manter alguma acidez durante o período de maturação e o ciclo longo e a capacidade de resistir ao stress térmico permitem planear a colheita, onde o álcool provável é determinante e deverá situar-se entre 12,5% e 13,5%

Vidigueira Antão Vaz 2019
A. C. de Vidigueira, Cuba e Alvito
Casta: Antão Vaz
13,5%, PVP: 4,29 euros

Entradas Colh. Sel. 2016
Herdade das Fontes Barbaras
Castas: Antão Vaz, Alvarinho e Verdelho
14%, PVP: 4,40 euros

Herdade dos Machados Antão Vaz 2018
Casa Agrícola Santos Jorge
Casta: Antão Vaz
13,5%, PVP: 4,63 euros

Castelo de Borba Antão Vaz 2019
Adega de Borba
Casta: Antão Vaz
13,5%, PVP: 4,99 euros

Herdade de São Miguel Colh. Sel. 2019
Casa Relvas
Castas: Antão Vaz, Verdelho, Arinto e Viognier
13,5%, PVP: 5 euros

Ouzado Reserva 2016
Herdade do Menir
Casta: Antão Vaz
13%, PVP: 5,70 euros

Pato Frio Antão Vaz 2019
Ribafreixo Wines
Casta: Antão Vaz
13%, PVP: 6,99 euros

- valor importante para potenciar os aromas e o perfil clássicos desta variedade".

Nuno Elias, enólogo da Casa Agrícola Herdade do Monte da Ribeira, reconhece que a "casta Antão Vaz, tecnicamente tem algumas limitações, sendo a mais conhecia a falta de acidez fixa natural. Esta é de facto uma limitação séria porque a acidez fixa está ligada diretamente à sensação de frescura na prova quer indiretamente à conservação e longevidade do vinho. Ao alcance do enólogo estão várias formas de contornar o problema", mas na sua opinião, nenhuma delas cumpre "tão bem a função como o lote com uma casta complementar". Por isso, o seu vinho Pousio associa a Antão Vaz ao Alvarinho, permitindo criar um vinho em que cada casta contribui para o conjunto.

Já Jorge Tavares da Costa, diretor-geral da Casa Agrícola Santos Jorge (Herdade dos Machados), reconhece que poderá "ser interessante aumentar-lhe a sua frescura ácida", consociando-a com um "ligeiro toque de Arinto".

D.R.

VINHOS ÚNICOS E PERSONALIZADOS A maioria dos enólogos que trabalha na sub-região de Vidigueira tem uma perspetiva ligeiramente diferente. Paulo Laureano, enólogo da Paulo Laureano Vinus e da Ribafreixo Wines, reconhece que a casta poderá ter alguma falta de frescura noutros 'terroirs' alentejanos, mas diz que essa observação "não tem qualquer fundamento para o Antão Vaz produzido no seu 'terroir' de excelência", a Vidigueira, onde "os solos de xisto negro, com pontuações verdes e azuis, muito duro, confere uma mineralidade diferenciadora e determinante. Um clima quente mas, com amplitudes térmicas marcantes, pequenas encostas, uma microflora distinta, tudo em conjunto contribui para um 'terroir' de excelência que permite vinhos únicos e personalizados".

Vinhos com "aromas de manga madura, casca de tangerina, mineralidade, finos e profundo. Na boca são macios, estruturados mas, balanceados por uma enorme frescura típica do Antão Vaz da Vidigueira. Terminam com um "longo final e uma grande capacidade de evolução".

Dentro da mesma linha de pensamento, Luís Morgado Leão, enólogo da Quinta do Paral, defende que "quando falamos da casta Antão Vaz, deveremos fazer duas distinções. Uma é o Antão Vaz da Vidigueira e outra é o Antão Vaz do Alentejo. A sub-região Vidigueira é o solar da casta, é onde ela nasceu e é onde ela encontra as condições ideias para dar origem a vinhos únicos e diferentes". Quando a "Antão Vaz, está no seu 'terroir' perfeito, quando a colhemos na altura correta, quando temos um conhecimento profundo do comportamento da casta e quando não queremos alterar o seu perfil natural, dá origem a vinhos muito equilibrados, com uma acidez crocante, bem presente e uma componente aromática única".

Pedro Ribeiro, enólogo da Herdade do Rocim, defende que a "data de vindima tem um papel crucial para se colher uva com boa acidez natural. Para isso temos muitas vezes de vinificar com níveis de álcool provável mais baixos do que tem sido o habitual na maioria dos produtores da região. O que se perde em volume de boca ganha-se em estrutura e nervo". Segundo Pedro Ribeiro, "os mercados mais sofisticados já apontam há muito nesta direção. Acredito que se conseguem fazer vinhos de classe mundial com o Antão Vaz sobretudo se este for proveniente da Vidigueira e for produzido num estilo 'velho mundo', privilegiando a frescura e mineralidade, em vez da exuberância aromática e untuosidade".

Ricardo Xarepe Silva, enólogo da Enolea, sustenta que as vinhas plantadas na Herdade da Lisboa beneficiam das "noites frescas da sub-região de Vidigueira, (influência da Serra do Mendro), que lhe conferem mais frescura, equilíbrio e mineralidade, especialmente quando plantada em solos xistosos".

António Cavalheiro, enólogo da Herdade Aldeia de Cima, afirma que a casta Antão Vaz "assume todo o seu esplendor na região de Vidigueira. Tendo em conta a amplitude térmica diária aqui verificada, com dias de sol muito quentes mas ao mesmo tempo noites bastante frescas, a influência protetora da Serra do Mendro, permite que a casta recupere da evapotranspiração. Por outro lado, os solos de transição entre xisto e argila potenciam o armazenamento suficiente de humidade e nutrientes". Por isso, cabe ao enólogo, "respeitar a origem com a sofisticação necessária e a mínima intervenção possível" para criar grandes vinhos desta casta.

ESTILOS DIVERSIFICADOS Na prova realizada de vinhos maioritariamente elaborados com a casta Antão Vaz verificou-se que existem vários estilos e que se posicionam em segmentos de preços muito diferentes.

No segmento de preço até dez euros encontramos três estilos diferenciados. Por um lado, aqueles vinhos que apostam no aroma a frutos tropicais, com algum corpo, mineralidade e frescura, casos do Vidigueira Antão Vaz 2019, Herdade dos Machados 2018, Castelo de Borba Antão Vaz 2019, Pato Frio Antão Vaz 2019, Adega Mayor Antão Vaz 2018, Esporão Colheita 2017 e Quinta do Paral 2018. No segundo estilo a componente citrina é mais evidente e houve um esforço em apresentar um vinho com muita frescura e álcool moderado, sendo o vinho Herdade de São Miguel Colheita Selecionada 2019 o arquétipo deste género. A terceira linha aposta no estágio em barricas de carvalho e/ou 'batonnage', e por vezes, num grau alcoólico um pouco

Marel 2018
Adega Marel
Castas: Antão Vaz, Rabo-de-Ovelha e Diagalves
13%, PVP: 7,50 euros

Adega Mayor Antão Vaz 2018
Adega Mayor
Casta: Antão Vaz
12,5%, PVP: 8,99 euros

Quinta do Paral 2018
Quinta do Paral
Castas: Antão Vaz, Verdelho, Vermentino e Viognier
12,5%, PVP: 9,90 euros

Herdade do Sobroso Reserva 2019
Herdade do Sobroso
Casta: Antão Vaz
13%, PVP: 9,95 euros

Régia Colheita Reserva 2018
CARMIM
Casta: Antão Vaz
13,4%, PVP: 9,99 euros

Esporão Colheita 2017
A. C. de Vidigueira, Cuba e Alvito
Casta: Antão Vaz
13,5%, PVP: 9,99 euros

Família Margaça Reserva 2018
Família Margaç – Soc. Agr. de Pias
Casta: Antão Vaz
13,5%, PVP: 9,99 euros

mais elevado. São vinhos mais untuosos, com mais corpo e nalguns casos destinados preferencialmente a ser bebidos nas estações mais frias, casos dos vinhos Entradas Colheita Selecionada 2016, Ouzado Reserva 2016, Marel 2018, Herdade do Sobroso, Reserva 2019, Régia Colheita 2018 e Família Margaça Reserva 2018.

No segmento de vinhos acima dos dez euros temos essencialmente dois estilos de vinhos.

O primeiro grupo foca-se na intensidade, frescura, tensão e mineralidade que a casta pode proporcional, mostrando aromas cítricos, de pederneira, com um fundo de frutos tropicais. São exemplos desta linha os vinhos Paço dos Infantes Antão Vaz 2019, Pousio Antão Vaz & Alvarinho 2019 e Antão Vaz da Peceguina 2019.

O segundo estilo de vinhos aposta nas vinhas velhas e no estágio em barricas de carvalho. Os vinhos Paulo Laureano Vinhas Velhas Private Selection 2018 e Quinta do Quetzal Reserva 2016 têm as notas untuosas da madeira mais presentes. Já o Olho de Mocho Reserva 2018 e Alyantiju 2018 têm o foco na mineralidade e frescura. São vinhos de guarda e que mostram todo o potencial da casta.

Portanto, temos vinhos para todos os gostos e carteiras. Saliente-se o facto de o vinho Alyantiju ter alavancado o preço de um vinho da casta Antão Vaz para um nível até agora nunca visto, o que pode levar outros vizinhos a seguir o seu exemplo, criando mais vinhos no segmento "super premium".

O FUTURO DA CASTA A casta Antão Vaz cresceu e ganhou notoriedade nas últimas décadas, mas ainda há um caminho a percorrer para convencer os mercados mais exigentes sobre a qualidade inequívoca desta casta alentejana.

Filipe Teixeira Pinto, enólogo da Herdade do Sobroso, defende que se devem "adotar práticas culturais para otimizar o desenvolvimento da videira e a sua correta maturação. Especialmente no Baixo Alentejo e Alentejo Central, a orientação este-oeste beneficia o ensombramento natural dos cachos evitando a oxidação prematura dos bagos. Também não se devem efetuar despampas, ou então serem muito ligeiras, o suficiente para os tratores passarem nas ruas da vinha e efetuarem com sucesso os tratamentos e granjeios necessários. Na adega, o mosto deve ser tratado em ambiente redutor, ausência de oxigénio, para preservar a fração aromática e a cor do mosto e evitar oxidações que podem comprometer o vinho. Por outro lado, a "fermentação a baixas temperaturas são essenciais".

A maioria dos profissionais do setor defende a necessidade de promover a casta no mercado nacional e internacional. Rui Veladas e Tiago Garcia, enólogos da Carmim, avançam com a ideia de lançar um "evento/feira do Antão Vaz com ações de formação, incluindo harmonizações, focadas em mostrar o elevado potencial gastronómico e versatilidade da casta. Este tipo de evento pode e deve ser resultado da colaboração entre os produtores e a CVRA, a qual poderia também incluir uma - rota do Antão Vaz".

Óscar Gato, enólogo da Adega de Borba, disse que "precisamos de conhecer melhor a casta, necessitamos de conhecimento proveniente de 'trabalhos técnicos e experimentais' de índole científico para que possamos ter vinhas melhor adaptadas aos diferentes 'terroirs' alentejanos. Como exemplo: ter disponível no mercado plantas de diferentes clones da variedade, nomeadamente opção de clones com maior índice de acidez, claro que é necessário estudar a casta. Precisamos de um vinho branco alentejano da casta que tenha volume, untuosidade, harmonia e estrutura, mas que também tenha equilíbrio e frescura".

Nas décadas de oitenta e noventa do século passado a Antão Vaz foi alvo de trabalho de seleção clonal que apostou numa maior produção. Esta situação pode ser um risco, pois nas plantações mais recentes, a Antão Vaz pode originar vinhos unidirecionais, com pouca adaptabilidade ao ano agrícola, o que origina diferenças substanciais face às vinhas velhas desta casta, adaptadas à variabilidade.

Atualmente estão em curso novos trabalhos de seleção clonal por parte da Associação Portuguesa para a Diversidade da Videira - PORVID, que procura uma maior diversidade clonal, pois dentro da mesma casta existem clones com diferenças enormes em produção por hectare, acidez total, potencial de álcool, polifenois, cor e pH. Neste momento a maioria dos viticultores não procuram apenas maior produção, mas maior equilíbrio, frescura e qualidade das uvas, e este deve ser o caminho para aumentar a notoriedade dos vinhos da casta Antão Vaz.

MISTÉRIOS E LENDAS SOBRE A ORIGEM DA CASTA ANTÃO VAZ

Os primórdios da casta Antão Vaz estão envoltos em mistérios. Uma das lendas sobre as origens do nome desta casta está associada ao avô de Luís Vaz de Camões. Antão Vaz de Camões terá nascido na segunda metade do século XV e casou com Dona Guiomar da Gama, aparentada com Vasco da Gama. Deste casamento nasceu Simão Vaz de Camões, pai do poeta de "Os Lusíadas". A tradição oral conta que Antão Vaz de Camões terá ficado a gerir as propriedades e as vinhas de Vasco da Gama associadas ao título nobiliárquico criado pelo Rei D. Manuel I em 1519 - Conde da Vidigueira. O nome da casta Antão Vaz estaria pois, associada ao avô de Luís Vaz de Camões, que também terá tido um papel importante ao contar ao seu neto as aventuras e façanhas de Vasco da Gama, que o poeta retratou na sua epopeia.

Uma história mais prosaica conta que Vasco da Gama se dirigiu a um marinheiro de Vidigueira que estava indeciso sobre o seu embarque na viagem até à Índia e lhe terá dado uma palmada nas costas dizendo-lhe "Antão, Vaz ou não Vaz!".

Seja como for, as investigações realizadas colocam a origem desta casta na zona de Vidigueira, pois é onde existem maior número de vinhas velhas e onde a diversidade clonal é maior. O professor Colaço do Rosário não conseguiu encontrar na década de 80 do século XX vinhas velhas desta casta fora da sub-região de Vidigueira. Não se encontram muitas referências à Antão Vaz na literatura pré-filoxera. Mas já consta na "Colecção Ampelográfica de Évora" de 1890. Foi uma casta que viajou pouco até há duas ou três décadas e, por isso, não existem outras sinonímias para a Antão Vaz noutras regiões, como é comum em muitas castas portuguesas. Segundo Francisco Mata, consultor de viticultura, "a Antão Vaz é a casta branca mais representativa dos encepamentos do Alentejo (cerca de 25%). Com o ganho de notoriedade acabou por sair das suas fronteiras naturais e hoje é também cultivada na Península de Setúbal e na Estremadura".

A preponderância da casta Antão Vaz é recente, pois nas vinhas velhas de Vila Alva não tem maior importância que o Roupeiro, Manteúdo, Diagalves, Larião e Perrum. Era apenas uma das castas do lote que contribuía para o vinho branco antigo de Vidigueira. Entretanto, com a nova tecnologia moderna de fermentação e estágio de vinhos brancos, que a protegem da oxidação, ganhou protagonismo. Mostrou uma faceta nova de exuberância aromática e mineralidade.

Paulo Laureano Vinhas Velhas Private Selection 2019
Paulo Laureano Vinus
Casta: Antão Vaz
13,5%, PVP: 10,80 euros

Paço dos Infantes Antão Vaz 2019
Enolea, Sociedade Agrícola, Lda
Casta: Antão Vaz
12,9%, PVP: 12,50 euros

Pousio Antão Vaz & Alvarinho 2019
Casa Agrícola Herdade do Monte da Ribeira
Castas: Antão Vaz e Alvarinho
13%, PVP: 12,50 euros

Antão Vaz da Peceguina 2019
Herdade da Malhadinha Nova
Casta: Antão Vaz
12,5%, PVP: 13,50 euros

Olho de Mocho Reserva 2018
Herdade do Rocim
Casta: Antão Vaz
12,5%, PVP: 15,95 euros

Quetzal Reserva 2016
Quinta do Quetzal
Casta: Antão Vaz
13,5%, PVP: 19,99 euros

Alyantiju 2018
Herdade Aldeia de Cima
Castas: Antão Vaz e Alvarinho
13,1%, PVP: 37 euros

Análises Clínicas

Laboratório de Análises Clínicas de Beja, Lda.

Dr. Fernando H. Fernandes
Dr. Armindo Miguel
R. Gonçalves

Horários das 8 às 18 horas

Acordo com beneficiários
da Previdência/ARS; ADSE; SAMS; CGD; GNR; ADM; PSP;
Multicare; Advance Care; Médis

FAZEM-SE DOMICÍLIOS

Rua de Mértola, 86, 1.º
Rua Sousa Porto, 35-B
Telefs. 284324157 e 284325175Fax 284326470
7800 BEJA

Medicina dentária

FERNANDA FAUSTINO

Técnica de Prótese Dentária
Vários Acordos

(Diplomada pela Escola Superior de Medicina
Dentária de Lisboa)

Rua General Morais Sarmento. n.º 18, r/chão
Telef. 284326841
7800-064 ***BEJA***

Otorrinolaringologia

DR. J. S. GALHOZ

Ouvidos, Nariz e Garganta
Exames da audição

Consultas a partir das 14 horas
Praça Diogo Fernandes, 23 - 1.º F (Jardim do Bacalhau)

Telef. 284322527 **BEJA**

Urologia

AURÉLIO SILVA

UROLOGISTA

Hospital de Beja
Doenças de Rins e Vias Urinárias

Consultas às 6.ªs feiras na **Policlínica de S. Paulo**
Rua Cidade S. Paulo, 29
Marcações pelo telef. 284328023 **BEJA**

Hematologia Clínica

HEMATOLOGIA CLÍNICA

Doenças do Sangue

ANA MONTALVÃO

Assistente Hospitalar Graduada

Marcações de 2.ª a 6.ª feira, das 15 às 19 horas
Terreiro dos Valentes, 4-1.ºA 7800-523 BEJA Tel. 284325861

Cardiologia

MARIA JOSÉ BENTO SOUSA e LUÍS MOURA DUARTE

Cardiologistas

Especialistas pela Ordem dos Médicos
e pelo Hospital de Santa Marta
Assistentes de Cardiologia no Hospital de Beja

Consultas em Beja *Policlínica de S. Paulo*
Rua Cidade de S. Paulo, 29
Marcações: *telef. 284328023 -* ***BEJA***

Oftalmologia

JOÃO HROTKO

Médico oftalmologista

Especialista pela Ordem dos Médicos
Chefe de Serviçode Oftalmologia
do Hospital de Beja

Consultas de 2.ª a 6.ª

Acordos com:
ACS, CTT, EDP, CGD, SAMS.

Marcações pelo telef. 284325059 Rua do Canal, nº 4 7800 **BEJA**

Dermatologia

TERESA ESTANISLAU CORREIA
MÉDICA DERMATOLOGISTA

Consultas às 4.ª feiras tarde e sábado

MARCAÇÃO DE CONSULTAS:
Diariamente, dias úteis:
Das 11.30 horas às 16:30 horas
Tel: 284329134 Beja
e.mail: clinidermatecorreia@ gmail.com

Rua Manuel António de Brito
n.º 4 1.º Fte 7800- 544 - BEJA
(Edifício do Instituto do Coração, frente ao Continente)

Fisioterapia

CENTRO DE FISIOTERAPIA DE BEJA

CONSULTAS DE FISIATRIA
Carlos Machado
Médico Fisiatra

TRATAMENTOS DE FISIOTERAPIA

Acordos com: ADSE, ADM, SAMS, SAD/PSP, PT/ACS,
SS da CGD, SAD/GNR, Comp. de Seguros

Marcações pelo tel. 284322778
Rua Sousa Porto, n.º 35 – BEJA

Medicina dentária

CLÍNICA MÉDICA DENTÁRIA JOSÉ BELARMINO, LDA.

Rua Bernardo Santareno, nº 10
Telef. 284326965 BEJA

DR. JOSÉ BELARMINO

Clínica Geral e Medicina Familiar (Fac. C.M. Lisboa)
Implantologia Oral e Prótese sobre Implantes
(Universidadede San Pablo-Céu, Madrid)

CONSULTAS *EM BEJA*
2ª, 4ª e 5ª feira das 14 às 20 horas

EM BERINGEL
Telef 284998261 ***6ª e sábado das 14 às 20 horas***

DRª PAULA RODRIGUES

Psicologia Clínica – Hospital de Beja

DRª MARIA GÓMEZ

Psiquiatria – Hospital de Beja

Psicologia

MARGARIDA RAMOS

PSICÓLOGA
Mestre pelo ISPA
HIPNOTERAPEUTA pelo:
London College of Clinical Hypnosis
Especialista pela Ordem dos Psicólogos em:
PSICOLOGIA DA EDUCAÇÃO
PSICOTERAPIA
Consultório:
Rua General Humberto Delgado, nº 2 Beja
Marcações: 967665641
https://psicologiabeja.wixsite.com/psicologa-margarida

Clínica dentária

Dr. José Loff

Prótese fixa e removível
Estética dentária
Cirurgia oral/Implantologia
Aparelhos fixos e removíveis

VÁRIOS ACORDOS

Consultas: de segunda a sexta-feira, das 9 e 30 às 19 horas

Rua de Mértola, n.º 43 – 1.º esq. Tel. 284 321 304 Tm. 925651190
7800-475 BEJA

Pediatria

Pediatria

CLÍNICA DA CRIANÇA DE BEJA UNIP, LDA
MÉDICA PEDIATRA : Drª CONSTANÇA BENTES

Novo Horário da CCBeja

2ª Feira e 5ª Feira: 14h às 20h
3ª Feira e 4ª Feira: 10H às 12h e das 14h às 20h
6 ª Feira: 10h às 13h

Contatos: Clínica - 284 326 752
Tel. de Apoio Pediátrico: 965 207 043
E-Mail: ccbeja@live.com.pt
Morada: Rua da Olivença nº19, 7800-294 Beja

Estomatologia Cirurgia Maxilo-facial

DR. MAURO FREITAS VALE

MÉDICO DENTISTA

Prótese/Ortodontia

Marcações pelo telefone 284321693 ou no local
Rua António Sardinha, 3, 1.º G

7800 **BEJA**

Clínica geral

GASPAR CANO

MÉDICO ESPECIALISTA
EM CLÍNICA GERAL/MEDICINA FAMILIAR

Marcações a partir das 14 horas Tel. 284322503

Clinipax Rua Zeca Afonso, n.º 6-1.º B – BEJA

CRB

Centro de Radiologia de Beja

Manuel Matias
Isabel Lima
Miguel Oliveira e Castro
Jaime Cruz Maurício
Maria José Sousa
Luís Moura Duarte

EMPRESA CERTIFICADA eiC ISO 9001

Radiologia convencional / Radiologia Dentária
Mamografia / Osteodensitometria
Ecografia / Eco-Doppler
Tomografia Computorizada (TAC)
Colonoscopia Virtual
Deteção precoce do cancro do pulmão
Ecocardiografia
Doppler Cardíaco

CONTRATO DE ADESÃO: U.L.S.B.A. (Hospital de Beja e Centros de Saúde)

ACORDOS:
ADSE • PT-ACS • CGD • SAMS • SAMS Quadros

SEGUROS:
Medis • Multicare • Allianz • WDA • Humana
Mondial Assistance • AdvanceCare • Future Healthcare

MARCAÇÕES:
T. 284 313 330 Tm. 967 640 129 / 914 910 193
Rua Afonso de Albuquerque, 7 r/c 7800 - 442 BEJA
geral@crb.pt www.crb.pt

CENTRO DE IMAGIOLOGIA DO BAIXO ALENTEJO

TOMOGRAFIA COMPUTORIZADA (TAC)
ECOGRAFIA
MAMOGRAFIA
ECO DOPPLER

Médicos Radiologistas
António Lopes / Aurora Alves
Helena Martelo / Montes Palma
Médica Neuroradiologista
Alda Jacinto
Médica Angiologista
Helena Manso

Convenções:
ULSBA (SNS)

ADSE, ACS-PT, SAD-GNR, CGD, MEDIS, SSMJ, SAD-PSP, SAMS, SAMS QUADROS, ADMS, MULTICARE, ADVANCE CARE

Marcações:
Tm. 928058603 Tel. 284318490 Tm. 928053329
Horário: de 2.ª a 6.ª feira, das 8 às 19 horas
e aos sábados, das 8 às 13 horas

Av. Fialho de Almeida, n.º 2 7800 BEJA

Fisioterapia

Centro de Fisioterapia S. João Baptista, Lda.

Fisiatria
Dr. Carlos Machado
Neurocirurgia
Dr. Daniel Maymone
Psicologia Clínica
Dr.ª M. Carmo Gonçalves

Tratamentos de Fisioterapia
Classes de Mobilidade
e Reeducação do Pavimento Pélvico
Classes de Reeducação
Postural/Pilates
Reabilitação Pós-Mastectomia
Técnicas de Acupunctura
Tratamento por Ondas de Choque
Hidroterapia/Classes no Meio Aquático

Acordos com ADSE, SAD//GNR, SAD/PSP, Medicare, ADM, SAMS, Medis, Advance Care, Multicare, Allianze, Seguros/Acidentes de Trabalho, Planuscard

Marcações pelo ☎ 284322446; 284094496; 915624315
Rua 25 de Abril, 11 cave esq. 7800-521 BEJA
cfisioterapiasjb@gmail.com

Clínica Médico-Dentária de S. FRANCISCO, LDA.

Gerência de Fernanda Faustino

Acordos: SAMS, ADMG, PSP, ADME, Portugal Telecom e Advancecare

Rua General Morais Sarmento, n.º 18, r/chão;
TEL. 284327260 7800-064 BEJA

Férias
Aluga-se apartamento T1
em Vila Real de Santo António
Semanas/quinzenas

Contactar tms. 967155844 ou 963438626

HERDADES

VENDA

– 47 ha, solos classe A. com algum montado de azinho, pode regar culturas não permanentes a partir do sistema de rega da EDIA.
– 10 ha, solos classe A. com rega da EDIA implantada no terreno.
Localizadas em Peroguarda/Ferreira do Alentejo.

Contacto: 964045104

PROFESSOR ABIBU
Telemóvel 963230285
Ajuda-vos a resolver os problemas mais díficeis e delicados. Faz voltar de imediato antigos amigos e amores perdidos. Se o seu marido ou mulher abandonou o lar não hesite e contacte o professor ABIBU que vos garante um bom resultado. Droga, álcool. Reconciliações e relações familiares duradouras, impotência sexual, infertilidade do corpo, atração de clientelas, proteção contra invejas e maus olhados, justica contra todos os perigos e para a sua tranquilidade.

FACILIDADES DE PAGAMENTO
TRABALHO SÉRIO, RÁPIDO E RESULTADO GARANTIDO
consultas presenciais ou à distância

Clinipax
PELA SUA SAÚDE

- Angiologia e Cirurgia Vascular: Drª Helena Manso Ribeiro
- Cardiologia (Electrocardiograma): Dr. Machado Rodrigues
- Cirurgia Geral: Dr. Gabriel Gomes
- Cirurgia da Obesidade: Dr. Octávio Viveiros
- Endocrinologia: Dr. Dinis Reis | Drª Ana Sousa Martins
- Enfermagem: Enfª Maria José Espanhol
- Gastroenterologia: Dr. Ricardo Lopes
- Ginecologia e Obstetrícia: Drª Luisa Guerreiro
- Hematologia: Drª Ana Montalvão
- Medicina Geral e Familiar: Dr. Gaspar Cano
- Medicina Interna: Dr. Carlos Monteverde
- Medicina Tradicional Chinesa: Dr. Rafael Lopes
- Nutricionismo: Drª Verónica Túbal
- Neuro cirurgia (Doenças da Coluna Vertebral, Enxaquecas, Parkinson, Alzheimer): Dr. Rui Rato
- Ortopedia / Traumatologia: Dr. André Ramos
- Otorrinolaringologia: Dr. Guedes Damaso
- Pediatria: Drª Isabel Brito Lança – Linha de Apoio: 284 092 503
- Pneumologia: Drª Ana Cristina Duarte
- Preparação Pré e Pós Parto: Enfª Maria José Espanhol
- Psicologia Clínica: Dr. Francisco Barrocas | Drª Margarida Mendes
- Psicologia Educacional (Orientação Vocacional): Drª Madalena Espinho
- Psiquiatria: Dr. Daniel Barrocas
- Psiquiatria da Infância e Adolescência: Drª Isabel Santos | Dra. Cláudia Gomes Cano
- Reumatologia: Dr. Fernando Pimentel
- Senologia – Cirurgia da Mama: Dr. Luís Mestre
- Terapia da Fala: Drª Ana Margarida Soares
- Terapia Sexual: Drª Helena Pinheiro
- Urologia: Dr. Francisco Fino Correira

NOVAS ESPECIALIDADES

WWW.CLINIPAX.PT
HÁ 10 ANOS
QUE A SUA SAÚDE É A NOSSA PRIORIDADE

SEDE: Rua de Angola, 1 - Loja 1 | 7800 BEJA || MARCAÇÕES ATRAVÉS DOS CONTACTOS: Telef: 284 092 243 || Tlm: 91 7716528 | 91 6203481

FUNERAIS - TRASLADAÇÕES - CREMAÇÕES - EXUMAÇÕES - TANATOPRAXIA

PAX-JÚLIA

AGÊNCIA FUNERÁRIA

CUIDANDO DE PESSOAS, FAZENDO A DIFERENÇA...

BEJA

†. Faleceu o Exmo. Sr. **RUI MANUEL PENACHO CHORA**, de 50 anos, natural de Santa Maria da Feira - Beja, solteiro. O funeral a cargo desta Agência realizou-se no passado dia 13, das Casas Mortuárias de Beja, para o cemitério desta cidade.

ALCARIA RUIVA

†. Faleceu a Exma. Sra. **D. MARIANA CAROLINA ANTÓNIA**, de 83 anos, natural de São João dos Caldeireiros - Mértola, viúva. O funeral a cargo desta Agência realizou-se no passado dia 14, da Casa Mortuária de Alcaria Ruiva, para o cemitério local.

ENTRADAS

†. Faleceu a exma. Senhora **D. MARIA JOSÉ FONSECA REI**, de 49 anos, natural de Aldeia Nova de São Bento – Serpa. O funeral a cargo desta Agência, realizou-se no passado dia 16, da Igreja Paroquial de Entradas, para o cemitério local.

BEJA

†. Faleceu o Exmo. Sr. **CARLOS JOAQUIM FERNANDES VENÂNCIO**, de 75 anos, natural de São João Baptista - Beja, solteiro. O funeral a cargo desta Agência realizou-se no passado dia 17, das Casas Mortuárias de Beja, para o cemitério desta cidade.

CABEÇA GORDA

†. Faleceu o Exmo. Sr. **MANUEL ANTÓNIO PIRES DOS SANTOS**, de 64 anos, natural de Cabeça Gorda - Beja, casado com a Exma. Sra. D. Arlinda Nascimento Pereira Ramos dos Santos. O funeral a cargo desta Agência realizou-se no passado dia 18, da Casa Mortuária de Cabeça Gorda, para o cemitério local.

BEJA

†. Faleceu o Exmo. Sr. **BERNARDINO MACHADO QUARESMA**, de 71 anos, natural de Vila Nova de São Bento - Serpa, casado com a Exma. Sra. D. Cremilde dos Santos Pepe Ferreira. O funeral a cargo desta Agência realizou-se no passado dia 18, das Casas Mortuárias de Beja, para o cemitério desta cidade.

BEJA

†. Faleceu a Exma. Sra. **D. RITA MARIA CAROLINA**, de 92 anos, natural de Salvador - Serpa, viúva. O funeral a cargo desta Agência realizou-se no passado dia 19, das Casas Mortuárias de Beja, para o cemitério desta cidade.

BEJA / SÃO MATIAS

†. Faleceu o Exmo. Sr. **HENRIQUE MARIA CAPELA FIALHO**, de 87 anos, natural de São Matias - Beja, viúvo. O funeral a cargo desta Agência realizou-se no passado dia 19, das Casas Mortuárias de Beja, para o cemitério São Matias

BERINGEL

†. Faleceu o Exmo. Sr. **JOSÉ JOAQUIM FAIAS GONÇALVES BOLINHAS**, de 67 anos, natural de Beringel - Beja, casado com a Exma. Sra. D. Florinda Maria Faustino Bolinhas. O funeral a cargo desta Agência realizou-se no passado dia 19, da Casa Mortuária de Beringel, para o cemitério local.

NOSSA SENHORA NEVES

†. Faleceu a Exma. Sra. **D. MARIA CAROLINA GRAZINA D'ASCENSÃO RITA**, de 81 anos, natural de Nossa Senhora das Neves - Beja, viúva. O funeral a cargo desta Agência realizou-se no passado dia 20, da Casa Mortuária de Nossa Senhora das Neves, para o cemitério local.

Às famílias enlutadas apresentamos as nossas mais sinceras condolências

Loja 1: Rua da Cadeia Velha, 16, 20 e 22 * 7800-143 BEJA
Loja 2: Avª Miguel Fernandes, 10 * 7800-396 BEJA
Telef.: 284311300 Telem.: 967311300 Fax.: 284311309
www.funerariapaxjulia.pt - www.facebook.com/funepaxjulia

PAX JÚLIA

Gêrencia:
Manuel Nunes

NUNES
- AGÊNCIA FUNERÁRIA -

Serviço permanente dia e noite
962 946 642
284 311 170
Funerais ❖ Trasladações ❖ Cremações
Artigos Religiosos
Tratamos de toda a burocracia
Serviço digno e em tudo distinto
Rua da Cadeia Velha 15 - Beja
É uma honra sermos escolhidos por si
www.funerarianunes.com - funerarianunes@gmail.com
www.facebook.com/AgenciaFunerariaNunes

Selmes

SANDRA,

O tempo passa, a vida muda, mas as pessoas especiais como tu que adormecem na morte jamais serão esquecidas.
Estarás para sempre presente no meu coração como uma estrela que nunca deixa de brilhar no céu.
Até sempre, minha Amiga! Estejas onde estiveres, e vá eu onde for, jamais te esquecerei, jamais passará um dia sem que me lembre de ti e da nossa amizade…

D.R.

MEU SANTO EXPEDITO, SÃO JUDAS TADEU E IRMÃO DR. SOUSA MARTINS, quero agradecer as boas graças que me têm concedido, a mim, e à minha família. Estou eternamente grato por me terem acompanhado na saúde. Muito obrigado.

A.R.M.M.

Diário do Alentejo n.º 2000 de 21/08/2020 Única Publicação

COMUNIDADE INTERMUNICIPAL DO BAIXO ALENTEJO
Procedimento Concursal Comum, na modalidade de Contrato de Trabalho em Funções Públicas, a Termo Resolutivo Certo, para a Modalidade de Técnico Superior, na Área de Psicologia

Para efeitos do disposto no artigo 11.º da Portaria n.º 125-A/2019, de 30 de abril, conjugado com o preceituado nos artigos 30.º, 33.º e seguintes da Lei Geral do Trabalho em Funções Públicas, aprovada pela Lei n.º 35/2014, de 20 de junho, na sua redação atual, torna-se público que por deliberação do Conselho Intermunicipal tomada em reunião de 13 de julho de 2020, foi autorizada a abertura, de Procedimento Concursal Comum, na modalidade de Contrato de Trabalho em Funções Públicas a Termo Resolutivo Certo para ocupar um posto de trabalho no mapa de pessoal da CIMBAL, para a categoria de Técnico Superior – Psicologia.

Área de Formação Académica exigida: Licenciatura em Psicologia.

Caracterização do posto de trabalho: Para além do conteúdo funcional previsto no anexo da Lei n.º 35/2014, de 20 de junho, pretende-se que os candidatos desenvolvam as seguintes atividades: desenvolver predominantemente funções de estudo e de natureza consultiva, competindo-lhe, designadamente, desenvolver estudos, propostas e ações destinadas a apoiar os municípios no âmbito das suas competências específicas em matéria de Educação; apoiar o funcionamento da Rede Intermunicipal de Educação; desenvolver estudos, propostas e ações para prevenir o abandono precoce e ao absentismo sistemático dos alunos; desenvolver estudos e propor medidas que sustentem a diversificação de estratégias e de métodos educativos para promover o sucesso escolar; propor medidas de inovação e de fomento da qualidade da gestão das condições e do ambiente educativo; participar na conceção, acompanhamento e avaliação de projetos cofinanciados na área da educação; acompanhar o processo de definição da rede de oferta formativa na sub-região.

As demais informações necessárias constam da oferta publicitada integralmente na Bolsa de Emprego Público em www.bep.gov.pt, podendo ainda ser consultado no sítio da Internet da CIMBAL em www.cimbal.pt.

O prazo de apresentação das candidaturas dos interessados decorre até ao dia 26 de agosto.

Beja, 14 de julho de 2020.

O Presidente do Conselho Intermunicipal
Jorge Paulo Colaço Rosa

Diário do Alentejo n.º 2000 de 21/08/2020 Única Publicação

COMUNIDADE INTERMUNICIPAL DO BAIXO ALENTEJO
Procedimento Concursal Comum, na modalidade de Contrato de Trabalhoem Funções Públicas, a Termo Resolutivo Certo, para a Modalidade de TécnicoSuperior, na Área de Educação Básica – 1.º Ciclo

Para efeitos do disposto no artigo 11.º da Portaria n.º 125-A/2019, de 30 de abril, conjugado com o preceituado nos artigos 30.º, 33.º e seguintes da Lei Geral do Trabalho em Funções Públicas, aprovada pela Lei n.º 35/2014, de 20 de junho, na sua redação atual, torna-se público que por deliberação do Conselho Intermunicipal tomada em reunião de 13 de julho de 2020, foi autorizada a abertura, de Procedimento Concursal Comum, na modalidade de Contrato de Trabalho em Funções Públicas a Termo Resolutivo Certo para ocupar um posto de trabalho no mapa de pessoal da CIMBAL, para a categoria de Técnico Superior – Educação Básica – 1.º Ciclo.

Área de Formação Académica exigida: Licenciatura em Educação Básica – 1.º Ciclo.

Caracterização do posto de trabalho: Para além do conteúdo funcional previsto no anexo da Lei n.º 35/2014, de 20 de junho, pretende-se que os candidatos desenvolvam as seguintes atividades: desenvolver predominantemente funções de estudo e de natureza consultiva, competindo-lhe, designadamente, desenvolver estudos, propostas e ações destinadas a apoiar os municípios no âmbito das suas competências específicas em matéria de Educação; apoiar o funcionamento da Rede Intermunicipal de Educação; desenvolver estudos, propostas e ações para prevenir o abandono precoce e ao absentismo sistemático dos alunos; desenvolver estudos e propor medidas que sustentem a diversificação de estratégias e de métodos educativos para promover o sucesso escolar; propor medidas de inovação e de fomento da qualidade da gestão das condições e do ambiente educativo; participar na conceção, acompanhamento e avaliação de projetos cofinanciados na área da educação; acompanhar o processo de definição da rede de oferta formativa na sub-região.

As demais informações necessárias constam da oferta publicitada integralmente na Bolsa de Emprego Público em www.bep.gov.pt, podendo ainda ser consultado no sítio da Internet da CIMBAL em www.cimbal.pt.

O prazo de apresentação das candidaturas dos interessados decorre até ao dia 26 de agosto.

Beja, 14 de julho de 2020.

O Presidente do Conselho Intermunicipal
Jorge Paulo Colaço Rosa

Diário do Alentejo n.º 2000 de 21/08/2020 7.ª Publicação

COMUNIDADE INTERMUNICIPAL DO BAIXO ALENTEJO
EDITAL
HASTA PÚBLICA PARA VENDA DE IMÓVEL

Para os devidos efeitos, faz-se saber que, no próximo dia 15 de setembro de 2020, pelas 10 horas, terá lugar na sede da CIMBAL, localizada na Praceta Rainha D. Leonor n.º 1, 7801-953 Beja, o ato público da Hasta Pública que tem por objeto a alienação do imóvel abaixo identificado, aprovada na reunião de 11 de maio, do Conselho Intermunicipal da Comunidade Intermunicipal do Baixo Alentejo - CIMBAL, de acordo com as regras constantes do Regulamento, que se encontra disponível para consulta no site oficial da CIMBAL, bem como na sua sede, todos os dias úteis entre 09 horas e 17 horas, a partir da data do presente Edital até às 17 horas do dia útil imediatamente anterior ao da realização do ato público acima mencionado.

a. Localização, identificação e caracterização do imóvel a alienar

O imóvel objeto da presente Hasta Pública está localizado na Praça da República, n.º 12 e 13, em Beja.

Descrição predial

Descrito na Conservatória do Registo Predial de Beja sob o número 27457 e inscrito na matriz predial urbana sob o artigo 1230 da Freguesia Santa Maria da Feira (extinta). O imóvel objeto do presente procedimento destina-se a habitação e será vendido livre de ónus e encargos, devoluto de pessoas e bens e no estado de conservação em que se encontra, não podendo o comprador alegar vícios ou defeitos para a não celebração do contrato. A CIMBAL não se responsabilizará por qualquer eventual desconformidade face ao que os próprios adquirentes retirarem das visitas ao local.

b. Comissão de acompanhamento

O presente procedimento é conduzido por uma Comissão composta pelos seguintes elementos:

– Fernando Jorge Castanho Silva Romba;
– Luís Lança Silva;
– Pedro Nuno Prata Pacheco.

c. Preço base de licitação

O valor base de licitação do imóvel objeto da Hasta Pública 240.000,00€ (duzentos e quarenta mil euros).

d. Local e prazo para apresentação de propostas

As propostas deverão ser entregues na sede da CIMBAL, localizada na Praceta Rainha D. Leonor n.º 1, 7801-953 Beja, até às 17 horas do último dia útil anterior ao da realização do ato público da Hasta Pública.

e. Prazo de manutenção das propostas

O prazo de manutenção das propostas é de 90 (noventa) dias, contados a partir da data da praça da Hasta Pública.

f. Visitas ao imóvel

Poderão ser efetuadas visitas ao imóvel, até uma semana antes da realização do ato público da Hasta Pública, mediante agendamento junto dos serviços da CIMBAL através do e-mail: cimbal@cimbal.org.pt

Beja, 10 de julho de 2020.

O Presidente do Conselho Intermunicipal
Jorge Paulo Colaço Rosa

REPÚBLICA PORTUGUESA
CULTURA

Notas Culturais
Direção Regional de Cultura do Alentejo

Alentejo, PATRIMÓNIOS – Projeto da DRCAlentejo que pretende promover o Património Cultural Imaterial, através de visitas guiadas temáticas realizadas em colaboração com vários Municípios e Associações da região. A primeira, já com as inscrições esgotadas, arranca dia 22 de agosto, em Alcáçovas (Viana do Alentejo), onde incidirá na arte chocalheira. Num total de 4 visitas até ao final do ano, com o máx. de 14 participantes cada, mediante inscrição prévia, as seguintes serão em torno dos Barros de Beringel (26 de set.), dos cereais e da molinagem no território do rio Mira (3 de out.) e dos Bonecos de Estremoz (17 de out.). + info.: *www.cultura-alentejo.pt*

Escola de Verão "Ciência e Tecnologia no Património" – Com inscrições abertas até 30 de agosto, terá lugar de 21 a 26 de setembro, na Villa Romana de Pisões e no Museu Regional de Beja, no âmbito do Plano de Ação da Villa Romana de Pisões e do projeto "Requalificação da Vila Romana de Pisões", coordenado pela Universidade de Évora (UÉ). Dirigida a estudantes e profissionais com interesse na área das ciências e das tecnologias aplicadas ao património, a iniciativa resulta da colaboração entre investigadores do Lab. HERCULES, Instituto de Ciências da Terra, CHAIA e Cátedra CityUMacau em Património Sustentável, da UÉ, contando com o apoio/colaboração da CM de Beja e da DRCAlentejo. + info.: *www.hercules.uevora.pt/EscolaVerao.php*

Alter ConVida - Iniciativa promovida pelo Município de Alter do Chão que, durante as noites de verão e até dia 26 de setembro, aos fins de semana, contempla vários concertos e géneros musicais, abrangendo todas as freguesias do concelho. Os espetáculos realizam-se ao ar livre, com início pelas 22h e a entrada é gratuita. São asseguradas as condições de saúde pública definidas pela Direção-Geral da Saúde. + info.: Página da CM de Alter do Chão, no *Facebook*.

"Público / Privado - Doce Calma ou Violência Doméstica?" - Exposição com curadoria de Miguel Sousa Ribeiro, constituída por obras de 24 artistas, que pode ser visitada no Centro de Artes de Sines, até 18 de outubro de 2020. O estatuto Público/Privado está patente na seleção das obras e várias são as que remetem para o tema, como a dicotómica obra de Fernanda Fragateiro "Público/Privado, Doce Calma ou Violência Doméstica", que serviu de mote para o título da exposição. A mostra é organizada pelo Município de Sines e tem entrada livre. Os horários para visita decorrem de segunda a sexta-feira, das 10h às 18h, e ao sábado das 11h às 17h. + info.: *www.sines.pt*

Diário do Alentejo n.º 2000 de 21/08/2020 Única Publicação

FUTURO DE GARVÃO
ASSOCIAÇÃO DE SOLIDARIEDADE SOCIAL

ASSEMBLEIA GERAL EXTRAORDINÁRIA
CONVOCATÓRIA

Ao abrigo do número 2 do Artigo 27.º, do Capítulo III, Secção II dos Estatutos da Futuro de Garvão - Associação de Solidariedade Social, convoco a Assembleia Geral Extraordinária para reunir no próximo dia 31 de Agosto, na Casa do Povo de Garvão, na Rua Dr. Loução Martins, em Garvão, pelas 19.30 horas, com a seguinte ordem de trabalhos:

Ordem de Trabalhos

1. Leitura e aprovação da ata da reunião anterior;
2. Informações;
3. Apreciação e aprovação das contas de exercício do ano de 2019 e apresentação do parecer do órgão de fiscalização;
4. Deliberação sobre a aplicação dos resultados de 2019;
5. Outros assuntos.

Consideram-se em pleno gozo dos seus direitos, todos os sócios efetivos, de acordo com o n.º 1 do Artigo 11º do Capítulo II, dos Estatutos acima referidos .

Se à hora designada não estiver presente o número suficiente de Sócios, a Assembleia realizar se-á meia hora depois, com qualquer número.

Garvão, 16 de Agosto de 2020.

A Presidente da Mesa da Assembleia
Maria Francisca Mestre Nobre

Nota: Os documentos de suporte ao ponto 3 da Ordem de Trabalhos estão disponíveis nos serviços Administrativos da Associação que podem ser contactatos através do Secretariado, telefone 286555285 ou associação.futuro@gmail.com

Diário do Alentejo n.º 2000 de 21/08/2020 Única Publicação

CARTÓRIO NOTARIAL EM ALJUSTREL
Em que é Notária Fabiana Palma Aparecido Grade dos Santos, com Cartório na Avenida da Liberdade, número 6 – Aljustrel

EXTRACTO PARA PUBLICAÇÃO

Nos termos do artigo 100º, nºs. 1 e 2, do Código do Notariado, CERTIFICO: Que, no dia onze de Agosto do ano dois mil e vinte, às folhas quarenta e nove e seguintes do Livro de Notas para escrituras diversas 06-E, deste Cartório, foi lavrada uma escritura de JUSTIFICAÇÃO, na qual:

IDALINA MARIA PATINHA FELÍCIO TEREZA, NIF 125 074 018, casada sob o regime de comunhão de adquiridos com ANTÓNIO FELÍCIO TEREZA, NIF 125 074 000, residentes na Avenida Comandante Luís António da Silva, número 13, segundo direito, freguesia de Mina d'Água, concelho da Amadora.

DECLARA:

Que, é dona e legítima possuidora, com exclusão de outrem, do seguinte imóvel:

PRÉDIO RÚSTICO, composto por cultura arvense e oliveiras, com a área total de um hectare e duzentos e cinquenta centiares, a confrontar a Norte e Poente com Álvaro Rita, a Sul e Nascente com Brás da Gama – sito em Rio de Moinhos, Gavianito, da União das freguesias de Aljustrel e Rio de Moinhos, concelho de Aljustrel;

NÃO DESCRITO na Conservatória do Registo Predial de Aljustrel; inscrito na matriz predial rústica sob o artigo 75, da Secção 1N, da União das freguesias de Aljustrel e Rio de Moinhos, com o valor patrimonial tributário de mil seiscentos e trinta e seis euros e vinte e um cêntimos, o mesmo que atribui.

Declarando desde logo, que o atual artigo matricial provém do artigo 75, da Secção N, que os primeiros ante-possuidores foram Francisco Patinha Sobrinho, viúvo, residente que foi na Rua Dr. Rafael Barradas, número 30, em Aljustrel, bem como que desconhece quem foram os segundos ante - possuidores do prédio.

Que adquiriu o referido prédio, no anterior estado de solteira, maior, em data imprecisa do ano de mil novecentos e sessenta e cinco por doação meramente verbal, que lhe foi feita por seu pai Artur Francisco Patinha, nunca reduzida a escritura pública.

Que o seu referido pai, adquiriu o prédio objeto da presente escritura por partilha meramente verbal, feita com os demais interessados, da herança ilíquida e indivisa aberta por óbito de seu avô Francisco Patinha Sobrinho, designadamente, Amália Maria Patinha Rodriguez, Maria Inácia Patinha Cardita, Amélia Maria Patinha Antunes, Manuel Inácio Patinha, Vitória Maria Patinha Queiroz, Inácia Maria Patinha Penedo, nunca reduzida a escritura pública.

Que desde a referida doação e por conseguinte, há mais de trinta anos, possui o prédio em nome próprio, à vista e com o conhecimento de toda a comunidade, pagando os respetivos impostos e contribuições, respeitando as suas demarcações, estremas e divisórias, sempre de boa-fé, publicamente, de forma continua e sem oposição de quem quer que seja, posse que sempre exerceu sem interrupção e ostensivamente, com conhecimento de toda a gente, pelo que já adquiriu o referido prédio por usucapião, que expressamente invoca, não tendo assim, documentos que lhe permita fazer prova da aquisição pelos meios extrajudiciais normais.

ESTÁ CONFORME O ORIGINAL.

Aljustrel, onze de Agosto de dois mil e vinte.

A Notária
Fabiana Palma Aparecido Grade dos Santos

MISERICÓRDIA
DE FERREIRA DO ALENTEJO

Pretende recrutar um enfermeiro(a) pelo período de um ano.

Oferece-se:

- Regalias e remuneração constantes no ACT em vigor na instituição;
- Subsídio de alimentação;
- Subsídio de Turno

Para mais informações contatar o Setor de Recursos Humanos da Santa Casa, através do e-mail: **rh@scmfa.pt** ou para o telefone **284738020** e envie o **CV**, **documentos comprovativos das habilitações** e **Cédula Profissional** com indicação do concurso a que se candidata até ao dia **28 de Agosto de 2020**.

PRECISA DE DINHEIRO?

Ajudo com cheques.
Valores entre 200
e 1 000 euros.

SERIEDADE

Contactar tm. 962476242

Semanário Regionalista Independente

Diário do Alentejo

Seja o primeiro a ler
o seu "DA" todas as semanas
no computador, telemóvel ou *tablet*

Faça já a assinatura digital
por 15 euros/ano

Para fazer a sua assinatura aceda a *www.diariodoalentejo.pt* e preencha o formulário *on line*

ETC.

CIÊNCIA

JOSÉ VALENTE Professor

OS DESERTOS

Os desertos despertam curiosidade em muitas pessoas. A ideia que temos dos desertos é que são regiões onde as chuvas são raras, existe muita areia e são extremamente quentes. Mas os desertos só têm areia? E as regiões polares também são desérticas? O deserto de que mais ouvimos falar é o Saara. Mas há muitos desertos. Falámos com o professor Galopim de Carvalho, especialista na área da geologia, que dedicou uma vida à ciência em Portugal.

O que é um deserto? Indo à origem da palavra, deserto quer apenas dizer desabitado de gente, ermo… Em termos geológicos e geográficos, o deserto é uma região de fraca pluviosidade (sempre inferior a 500 mm/ano) e forte evaporação, pouco favorável à ocupação vegetal e, consequentemente, animal.

Associamos os desertos a grandes áreas do planeta apenas com areia e com muita pouca vida ou sem ela. Todos os desertos são assim?

Há desertos hiperáridos, áridos e semiáridos, uns quentes e outros frios, circumpolares ou de alta montanha, uns de areia, outros rochosos, uns com vida, outros praticamente sem ela.

O que mais lhe interessa no estudo dos desertos?

Como sedimentólogo, interessa-me investigar o comportamento dos minerais e das rochas face aos agentes atmosféricos.

Há pouco mais de um ano, o professor Galopim de Carvalho esteve na Biblioteca de Beja a falar deste tema no âmbito do Ciclo de Conferências "Os temas de Ciência do Ano". O anfiteatro estava cheio.

Sabe-se que as áreas desertas correspondem a quase 20 por cento da superfície terrestre. Existem alguns desertos que têm riquezas minerais e o deserto de Gobi na Mongólia é extremamente rico em fósseis. Os catos abundam no deserto de Sonora entre os EUA e o México onde o saguaro gigante é famoso pelos filmes. Dos animais que mais abundam nos desertos destacam-se serpentes, lagartos, roedores e insetos, os quais na sua fisionomia têm uma estrutura própria que lhes permite sobreviver com muito pouca água. Alguns extraem dos alimentos a água que necessitam.

No deserto do Saara foram descritas cerca de 100 espécies de répteis, 90 de pássaros residentes e até 70 espécies de mamíferos.

O mais curioso no nosso planeta é a grande diferença de paisagens e de habitats: florestas, savanas… e desertos.

CRÓNICA

NÉ ESPARTEIRO
Professora universitária

"A MÃO DO DIABO"

Tenho o hábito de datar os livros que compro. Assim, quando comecei a folhear "A Mão do Diabo", verifiquei que adquiri o livro em 2012, já lá vão oito anos, e que, por qualquer motivo, ficou perdido entre tantos outros, leituras adiadas para "dias com mais tempo".

Não sou grande fã do estilo literário de José Rodrigues dos Santos, mas leio avidamente a maioria dos seus livros. Porquê? - perguntar-se-ão. José Rodrigues dos Santos desenvolve uma pesquisa de cariz jornalístico e transporta-a para os romances, abordando de forma ficcionada temas relevantes, com base em factos verídicos que, de outra forma, algumas vezes nem poderiam ser expressos.

"A Mão do Diabo" situa-se, incontornavelmente, neste âmbito: não é um grande romance, a trama não é demasiado elaborada, o epílogo pode prever-se desde muito cedo. Mas, afirmo-o convictamente, li o livro de fio a pavio, sem esmorecer o interesse em nenhum momento da narrativa. O livro vale – e muito! - pela conversa entre Tomás Noronha, o professor universitário apanhado, sem esperar, pelo terramoto da crise financeira, e que explica demoradamente à agente da Interpol, uma rapariga nova e atraente - como não poderia deixar de ser - alguns dos contornos da crise financeira recente, desde a Grande Depressão de 1929 e as lições que daí se (não) retiraram, às administrações americanas subsequentes que repeliram algumas leis que regulavam os mercados, à criação do euro e suas implicações.

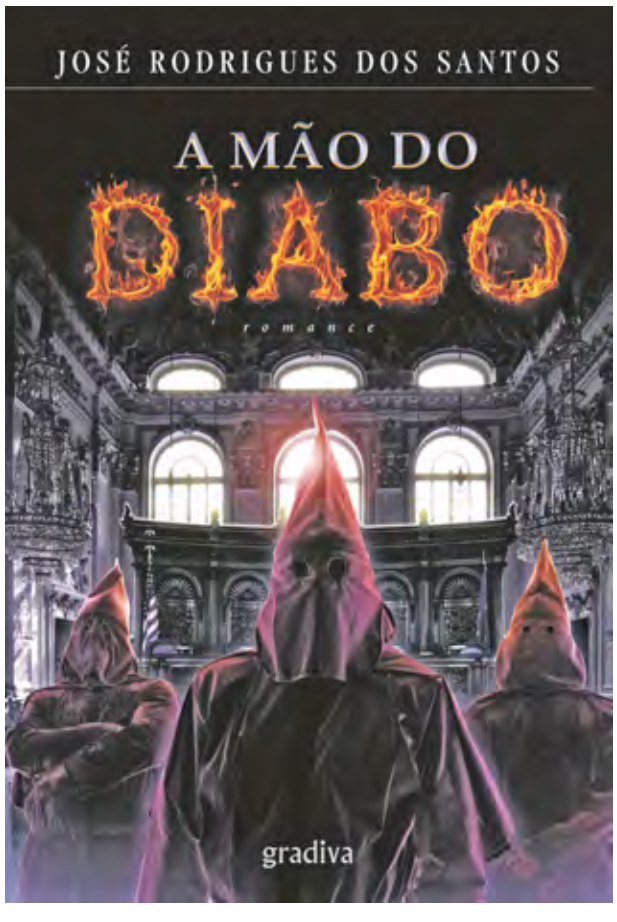
Como em quase todos os romances onde o professor Noronha é figura principal, também aqui ele se vê a braços com o decifrar de um criptograma enigmático, que esconde a chave para a descoberta de um DVD comprometedor, essencial para desvendar a verdade oculta sobre a crise.

Num julgamento histórico, o Tribunal Penal Internacional irá apontar os verdadeiros responsáveis pela crise financeira, e o DVD misterioso irá revelar conversas determinantes entre personagens fictícias de instituições reais.

Quero destacar as últimas linhas da "Nota final" do próprio autor, onde refere os principais livros e artigos consultados, políticos, economistas, gestores e pessoas que preferem manter o anonimato que o ajudaram nestas pesquisas, e uma última frase reveladora sobre o DVD: "…quando lá atrás disse que o conteúdo do DVD … era "ficção", espero, amigo leitor, que tenha estado atento e reparado na forma como escrevi a palavra "ficção". Entre aspas, claro".

Caro leitor, espero ter conseguido aguçar-lhe o apetite para este livro.

Boas leituras!



FILATELIA

GEADA DE SOUSA

O MUSEU FOTOGRÁFICO DA MADEIRA EM SELOS

O Museu Fotográfico da Madeira - Atelier Vicente's é o motivo de uma emissão de três selos e um bloco filatélico com um, que entrou em circulação no passado dia 21.

As suas franquias N20g, E20g e I20g são as usadas para o envio de correspondências do primeiro escalão (correspondências até 20 g) para o território nacional, Europa e resto do mundo; a do bloco é 2,50 euros. O 'design' é de Túlio Coelho do atelier Design&etc.

São múltiplos os motivos que o conjunto nos mostra. No selo de N20g, vemos o aspeto geral do estúdio fotográfico, um negativo em vidro, uma máquina própria para o estúdio, construída por Vicente Gomes da Silva (1827-1906) e uma outra máquina usada entre 1929 e 1956.

O selo de E20g mostra a escadaria de entrada para o estúdio, um retrato do filho do fundador, Vicente Gomes da Silva Júnior (1857-1933), outro negativo e uma máquina fotográfica Kodak de 1916. O de I20g tem como fundo a entrada do estabelecimento fotográfico, ostentando o nome do atelier, um outro negativo, uma máquina Polaroid de 1957 e uma Rolleiflex de 1956.

No bloco, todo ele também uma fotografia de 2019, vê-se o atelier e outra máquina fotográfica Kodak.

É no antigo estúdio onde o retratista Vicente Gomes da Silva (1827-1906) exerceu a sua atividade profissional que o museu se encontra instalado. O prédio onde se encontra é hoje propriedade do governo da região e, desde 1991, está classificado como sendo um imóvel de "valor cultural regional".

A fachada é a ilustração da capa da pagela, cujo texto é assinado por Francisco Filipe de Bettencourt Simões Gomes, diretor do museu.

O seu rico e variado acervo compõe-se não só do equipamento e espólio deixado pelas quatro gerações de "Vicentes" que ali trabalharam, mas também das muitas aquisições, feitas pelos seus responsáveis a outros profissionais do mesmo setor, como cenários, máquinas fotográficas, livros relativos às técnicas fotográficas, mobiliário, etc. cobrindo quase 170 anos da história da Madeira.

Esta não é a primeira vez que peças do seu rico espólio são filatelicamente representadas. Os dois selos do bloco da emissão Museus da Madeira (30 agosto de 2003) mostram-nos dois retratos, do seu acervo, bem contrastantes: um homem já de idade avançada (no selo de um euro) e uma criança de poucos anos (no de dois euros).

Os outros museus retratos nos restantes selos foram o Museu Quinta das Cruzes (0,30 euros), Museu Etnográfico (0,43), Casa Museu Frederico de Freitas (0,55) e Museu de Arte Contemporânea (0,70).

Fontes: Pagela da emissão e comunicado de imprensa

Diário do Alentejo

Nº 2000 (II Série) | 21 agosto 2020

FUNDADO A 1/6/1932 POR CARLOS DAS DORES MARQUES E MANUEL ANTÓNIO ENGANA PROPRIEDADE DE CIMBAL – COMUNIDADE INTERMUNICIPAL DO BAIXO ALENTEJO
Presidente do Conselho Intermunicipal Jorge Rosa | **Edição, direção e redação** Praceta Rainha D. Leonor, 1 – **7800-431 BEJA** | **Telefone** 284 310 165 **E-mail** jornal@diariodoalentejo.pt **Publicidade e assinaturas** 284 310 164 **E-mail** comercial@diariodoalentejo.pt | **Assinaturas** País €32,00 (anual) Europa €41,50 (anual) Resto do Mundo €54,50 (anual) | **Diretor** Luís Godinho (CP 935A) | **Redação** Aníbal Fernandes (CP 5938A), Carlos Lopes Pereira (CP 1999A), José Serrano (CP 3019A), Nélia Pedrosa (CP 2437A) | **Fotografia** José Ferrolho | **Cartoons e ilustração** António Paizana, Paulo Monteiro, Pedro Emanuel Santos, Susa Monteiro | **Desporto** Firmino Paixão | **Colunistas e colaboradores** António Nobre, Francisco Marques, Geada de Sousa, Jorge Feio, José Saúde, Júlia Serrão, Luís Miguel Ricardo, Maria Antónia Goes, Né Esparteiro, Rute Reimão, Vítor Encarnação | **Opinião** Ana Matos Pires, Ana Paula Figueira, Hugo Cunha Lança, Luís Covas Lima, João Mário Caldeira, José Filipe Murteira, Manuel António do Rosário, Manuel Maria Barroso, Mário Beja Santos, Martinho Marques, Rui Marreiros, Santiago Macias | **Publicidade e assinaturas** Ana Neves, Dina Rato | **Departamento comercial** Edgar Gaspar **Paginação** Aurora Correia e Cláudia Serafim | **Projecto gráfico** Conversa Trocada, Design e Comunicação (conversatrocada@gmail.com) **Depósito Legal** Nº 29738/89 | **A publicação encontra-se anotada na ERC** | ISSN 1646-9232 | **Nº de Pessoa Colectiva** 509761 534 | **Tiragem semanal** 6000 Exemplares **Impressão** Empresa Gráfica Funchalense, SA – Rua da Capela de Nossa Senhora da Conceição, 50 – 2715-311 Pêro Pinheiro | **Distribuição** VASP

NADA MAIS HAVENDO A ACRESCENTAR...

VÍTOR ENCARNAÇÃO

E por isso canta-se **No coração do estio, o vocabulário sobre o Alentejo existe meramente rente a um chão de pó. São palavras rasas, bocas abertas, osgas velhas, cigarras mortas, pássaros cansados, ribeiras esvaídas, saudades de água. O calor ceifa o significado das coisas, corta-o cerce, tira-lhe o miolo, arranca-lhe as raízes, queima os olhos e derrete flores. O alfabeto do sul atravessa noites e dias de faísca e ferve nos horizontes em brasa. E por fim sucumbe, cego de luz. No tempo do restolho, só as árvores dizem as palavras de pé, tudo o resto cai exausto de tanto azul. Só sobram uvas e dióspiros e romãs e letras de palha que o vento estrambalha campos fora. E por isso canta-se. É preciso pois deixar arrefecer este abecedário de sentidos, é preciso recuperar do desmaio, é preciso esperar que o sol amanse os dentes de fogo e os homens lavrem a terra, revolvam a dormência e semeiem novas palavras que mais tarde, quando tiverem substância, irão explicar as searas. Deixemos abalar as andorinhas e deixemos vir as nuvens que com águas inventadas pelo desespero hão de vir regar esses verbos prenhes e silenciosos que se enraízam. E a noite vem pedir meças ao dia e ganha e o frio levanta-se do peito do vento para ir inventar vinho e laranjas e o chão é um caderno de poemas caídos das árvores. As azinheiras retalhadas são já bocados de lume aceso. E por isso canta-se.**

QUADRO DE HONRA JORGE SERAFIM 48 ANOS, NATURAL DE BEJA

Contador de histórias, humorista e promotor do livro e da leitura, percorre o país divulgando contos de tradição oral em contextos escolares, bibliotecas, festivais de teatro, feiras do livro. Como narrador já atuou na Argentina, Uruguai, Cabo Verde, Espanha, Macau, Suíça e Luxemburgo. Como humorista conta com centenas de espetáculos apresentados em televisão, auditórios, empresas, centros culturais e festivais. É autor de diversos livros de poesia, romance, infanto-juvenis. É membro do coletivo musical grupo Tais Quais.

"Não há qualquer política, em Beja, para as artes plásticas"

Jorge Serafim expõe no 40.º Salão Internacional de Pintura Naif

A Galeria de Arte do Casino Estoril acolhe, até 15 de setembro, o 40.º Salão Internacional de Pintura Naif, considerado o mais antigo do mundo e uma referência desta modalidade pictórica. Jorge serafim apresenta-se, estreante, como um dos artistas plásticos presentes.

O que sentiu ao ser convidado para esta emblemática exposição?
Quando recebi o telefonema do diretor da Galeria de Arte do Casino do Estoril, Pedro Carvalho, fiquei felicíssimo. Devo esta oportunidade ao meu amigo, e grande pintor naif, Bento Sargento, de Ficalho. Foi ele que me encorajou a participar. A ele devo a perseverança em acreditar naquilo que eu faço, ao Pedro Carvalho o desafio.

Como apresenta as obras que tem patentes na exposição?
São quatro obras: duas referentes às ilustrações que fiz para o livro O Afinador de Memórias e as outras duas, a que chamei "Dom Quixote De La Ansiedade" I e II, já realizadas neste contexto pandémico. De certa forma complementam-se, pois se as primeiras foram elaboradas a partir de um texto, que é denúncia e consequência da perda da memória enquanto fator de preservação de um património físico e humano, as últimas são uma alegoria a uma sociedade que inventa inimigos imaginários, representados por moinhos, cujas velas são feitas a partir de caixas de Benuron. Como se a sociedade fosse movida a energia "ansiolítica". É uma alusão ao ser humano que vive numa "analgesia" permanente, como que um sonhador amestrado.

Como se lhe revela o universo naif que arquiteta?
A partir da observação que faço das pessoas e, obviamente, da reflexão sobre o que me rodeia. Despido de regras e preconceitos, é uma libertação enorme criar algo surreal e onírico a partir da técnica da colagem e usando palavras como mensagens. Com jornais velhos, aguarelas, acrílicos, faturas e outros materiais do quotidiano, construo "vitrais" de palavras com forte teor interventivo e reflexivo.

Esta sua vertente de criação plástica, aliada a outras valências artísticas, é a confirmação de Jorge Serafim enquanto "homem dos sete instrumentos"?
É apenas a confirmação dos meus incómodos. Para estes desassossegos tenho de encontrar respostas, formas de os expressar, seja na escrita, nas artes plásticas, no humor, num palco ou no recanto do meu escritório.

Para quando uma exposição em Beja?
Não há qualquer política, em Beja, para as artes plásticas. Temos belíssimos artistas plásticos e fotógrafos, nascidos nesta terra, que não têm, aqui, um sítio para expor, perdendo-se assim a possibilidade de fortalecerem a relação umbilical com a cidade que os viu nascer. Os cidadãos também não exigem às entidades, não mexem uma palha pela cultura, preferindo os insultos do futebol. O que explica em parte, muitos dos ventos ansiolíticos que sopram na sociedade portuguesa. O verbo "amorfinar" existe e insiste.

JOSÉ SERRANO

D.R.

CÂMARA DE CUBA REABILITA JARDIM DOS COMBATENTES

Foi aprovada a candidatura para a reabilitação do Jardim dos Combatentes em Cuba. Segundo a autarquia, o projeto insere-se no âmbito do Plano de Ação de Regeneração Urbana da vila, que visa, essencialmente, "a revitalização deste espaço público, incluindo a reabilitação das construções confinantes – designadas casas do pessoal da CP - e a construção de um novo parque infantil". A obra terá um custo total de 468 mil euros, dos quais 165 mil são financiados pelo Programa Operacional Regional do Alentejo.

IPBEJA COM 381 VAGAS PARA CURSOS TÉCNICOS PROFISSIONAIS

O Instituto Politécnico de Beja (IPBeja) está a receber candidaturas para os cursos técnicos superiores profissionais, dispondo de 381 vagas para o próximo ano letivo. A apresentação de candidaturas decorre até ao próximo dia 4 de setembro. Das vagas por preencher, 144 são na Escola Superior Agrária, em cursos como viticultura e enologia ou culturas regadas, entre outros. Com uma duração de dois anos, estes cursos incluem um estágio de um semestre numa empresa e conferem uma qualificação de nível cinco.

ÁGUAS DE SANTO ANDRÉ COM APOSTA ENERGÉTICA

A empresa Águas de Santo André, no concelho de Santiago do Cacém, anunciou que pretende ser energeticamente autossustentável até 2030, através da produção de energia 100 por cento renovável e da adoção de medidas de eficiência energética. Fonte da empresa explica que se pretende atingir este objetivo "a partir de recursos disponíveis" nas próprias instalações, "num 'mix' energético integrado que visará a maximização do autoconsumo e o armazenamento de energia".

MOURA 121 DOENTES COM COVID-19 JÁ RECUPERARAM

No concelho de Moura já recuperaram 121 pessoas da infeção pelo novo coronavírus, revelou fonte da autarquia, acrescentando que existem 13 casos ativos da doença, dos quais oito em Póvoa de São Miguel, quatro na cidade de Moura e um na Amareleja. Em comunicado, o Serviço Municipal de Proteção Civil recomendou a toda a população que "cumpra de forma rigorosa as orientações emanadas pela Direção Geral da Saúde", nomeadamente a utilização de máscara e o cumprimento do distanciamento social.

PUB